



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Processos Psicológicos Básicos
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

Dissertação de Mestrado

UM ESTUDO DA SATISFAÇÃO NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS A
PARTIR DA TRÍADE SOMBRIA E DOS ESTILOS DE APEGO ADULTO

Leonardo Boaventura Martins

Brasília, Dezembro de 2020



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Processos Psicológicos Básicos

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

UM ESTUDO DA SATISFAÇÃO NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS A
PARTIR DA TRÍADE SOMBRIA E DOS ESTILOS DE APEGO ADULTO

Leonardo Boaventura Martins

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências do Comportamento (Área de concentração: Cognição e Neurociências do Comportamento).

Orientador: Prof. Dr. Mauro Dias Silva
Júnior

Brasília, Dezembro de 2020

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Mauro Dias Silva Júnior (Presidente)

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

Universidade de Brasília - UnB

Prof. Dra. Rachel Coelho Ripardo Teixeira (Membro externo)

Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento

Universidade Federal do Pará - UFPA

Prof. Dr. Francisco Dyonísio Mendes (Membro interno)

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

Universidade de Brasília - UnB

Prof. Dra. Keila Rebello Evangelista (Suplente)

Universidade Federal do ABC - UFABC

Este trabalho teve apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de concessão de bolsa de Mestrado.

DEDICATÓRIA

In Memoriam de Billy. Mais que um cachorro,
meu maior companheiro de estudos e de vida.

“Um líquido é um estado da matéria sem formato específico. Ele muda facilmente e se molda ao recipiente que o contém. O corpo humano é 70% água”.

Vis a Vis.

AGRADECIMENTOS

Obrigado universo.

Mauro, obrigado pela oportunidade de aprender sobre a Psicologia Evolucionista, e pela elaboração deste trabalho. Mais que PE, como carinhosamente nos referimos, aprendi com você novas coisas sobre mim. Coisas que possivelmente não teria descoberto com outro orientador.

Agradeço ao professor Dida, Rachel e Keila por terem aceitado ler, participar e somar com o trabalho. Obrigado.

Agradeço todos os casais que disponibilizaram tempo e energia para participar desta pesquisa!

Agradeço, também, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) pelo investimento (Código de Financiamento 001). Esse apoio foi decisivo para a elaboração deste trabalho.

Obrigado pelo comprometimento e ensino oferecido por todos(as) os(as) professores(as) do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, e aos funcionários da secretaria do Departamento de Processos Psicológicos Básicos: Daniel Milke, Caio e, especialmente, o Daniel Lima. Daniel L., obrigado pelo cuidado de sempre, especialmente pelo dia em que cheguei à secretaria desesperado, chorando, com medo dos novos desafios. Sua sensibilidade sempre foi ímpar. Que sorte a nossa.

Achei que esse momento seria mais espontâneo e menos reflexivo.

Acho justo começar agradecendo as duas pessoas que mais me impulsionaram nessa trajetória acadêmica: Savanna, principal motivo por passar na UnB, e Adna, sendo uma mestra, me guiando nos caminhos desconhecidos da PE durante a seleção. Essa aprovação no mestrado sempre foi nossa. Agradeço à Malu, por dividir as intensidades advindas do mestrado. Agradeço minha nova colega de mestrado, Lívia, por ter feito esse

finalzinho mais simpático. Não menos importante, obrigado Chalalelala, Amanda Cordeiro, Amanda Calmon, e Rapha, por todas as ajudas no mestrado e na vida, vocês são tão incríveis.

Marcos, muito, muito, muito obrigado pelos ensinamentos incrivelmente importantes! Serei para sempre grato.

Agradeço à minha psicóloga por me ajudar a lidar com o mestrado, especialmente nos momentos mais difíceis.

Aos alunos de pesquisa que me acompanharam nessa jornada: João Casalecchi, Lucas Marengo, Marina Jordy, Meire, Clarissa, Renatha e Michella, vocês foram tão lindinhos e lindinhas. Cuidaram da minha pesquisa como se ela fosse a de vocês. E ela é. A gente volta a se ver na construção do artigo para publicação!!!

Meu grupinho de mestrado lindo, que lá no começo se acompanhou, e se ajudou em cada etapa da seleção: Ju e Bia. Depois agregamos mais gente: Suzane e Nathani. Meninas, que montanha russa essa experiência, hein. Eu sou só tristeza por não ter conseguido conviver mais com vocês naquela salinha, mas graças a Deus, visto que eu só converso e atrapalho, não é mesmo!? Gente, só tenho a agradecer por toda a força e o suporte, foi essencial para enfrentar essa jornada tão intensa.

Ju, meu amor, você merece um parágrafo só para tu. Até hoje lembro do dia que nos conhecemos. Além do caos que nos fortaleceu, não tenho ideia dos motivos que contribuíram para que continuássemos a amizade. Éramos muitíssimo diferentes. Mas ainda bem que nos tornamos amigos. Eu sou completamente grato por ter você na minha vida. Torço para sempre ter.

Também sou totalmente grato e feliz por ter você por perto NENENZINHOOO. Olha para loucura que te arrastei, sem sequer saber se você queria ir. Que bom que você veio. Você foi tão forte que me fez forte. Obrigado pela sua parceria, compreensão –nem

sempre - e amor ao longo desse trabalho. Eu não sei o que o futuro nos reserva, mas você sempre será minha vidinha, hahaha. E não posso deixar de ressaltar o quanto achei lindo o dia que esperei 2 horas pelo sushi que mandou entregar para mim, no dia que estava desesperado com alguma coisa do mestrado, seu lindo!!!

Por fim, me vi mais forte e resiliente do que achei que pudesse ser. Essa experiência me sugou muito mais do que gostaria. Superei dificuldades inerentes ao processo (ônibus, trabalhos, diversos textos, essa coleta completamente custosa) e dificuldades que não faziam parte, mas vieram e foram. Graças aos céus!

Sumário

Lista de Figuras	xviii
Lista de Tabelas	xix
Resumo	xx
Abstract.....	xxi
Introdução Geral	1
Referências	6
Capítulo 1:	10
Influências dos estilos de apego adulto nos níveis de satisfação conjugal de casais românticos: Uma revisão sistemática	10
Resumo	11
Abstract.....	12
Introdução.....	13
Relacionamentos Amorosos e Satisfação Amorosa	13
Teoria do Apego.....	15
Estilos de Apegos: Causas Distais e Proximais	16
Satisfação Amorosa e Teoria do Apego	18
Método.....	19
Critérios de elegibilidade	20
Fontes de informação	20
Estratégia de busca	20
Seleção dos estudos.....	21
Processo de coleta de dados	21
Lista de dados.....	21
Resultados.....	21
Seleção de estudos.....	21
Descrição dos instrumentos.....	29

Resultados Obtidos.....	35
Estilos de Apego e Satisfação Conjugal.....	35
Estilos de Apego: Fearful, Dismissing e Preoccupied	38
Estilos de Apego, Satisfação Conjugal e Anos de Relacionamento	39
Estilos de Apego, Satisfação Conjugal, Transições e Aspectos Culturais.....	40
Discussão	43
Conclusão	46
Referências	49
Capítulo 2:	60
Influências de traços de personalidade da tríade sombria e dos estilos de apego adulto sobre a satisfação nos relacionamentos amorosos	60
Resumo	61
Abstract.....	62
Introdução.....	63
Método.....	70
Considerações Analíticas Iniciais.....	75
Propriedades Psicométricas dos Instrumentos	76
Análises Principais	79
Resultados.....	82
Não-Independência dos Escores	84
Análises Principais.....	86
Discussão	90
Referências	95
Conclusão Geral	104
Referências	106
Anexos.....	107
Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Termo de Consetimento Livre e Esclarecido	108

Anexo B: Questionário sócio demográfico.....	110
Anexo C: Escla do Amor	121
Anexo D: Versão Brasileira da Experience in Close Relationships – Reduzida (EXR-R-Brasil).....	122
Anexo E: <i>Dark Triad Dirty Dozen</i> - DTDD	123
Anexo F: Observação.....	124
Anexo G: Estatísticas Descritivas para a amostra.....	125

Lista de Figuras

Manuscrito 1

Figura 1 *Número absoluto e percentual de artigos recuperados a partir dos operadores de busca “Attachment Styles” e “Marital Satisfaction”* 22

Figura 2 *Fluxograma da revisão sistemática sobre Estilos de Apego e Satisfação Marital* 24

Manuscrito 2

Figura 1 *Modelo Actor-Partner Interdependence Model (APIM; Kenny et al., 2006)* .. 80

Figura 2 *Modelo 4: Estimativas Padronizadas – APIM (Ansiedade)* 87

Figura 3 *Modelo 5: Estimativas Padronizadas – APIM (Evitação)*..... 88

Figura 4 *Modelo 6: Estimativas Padronizadas – APIM (Maquiavelismo)* 89

Figura 5 *Modelo 7: Estimativas Padronizadas – APIM (Psicopatia)*..... 90

Lista de Tabelas

Manuscrito 1

Tabela 1 <i>Estudos sobre Estilos de Apego e Satisfação Marital</i>	25-28
Tabela 2 <i>Referências originais citadas pelos artigos analisados, instrumentos utilizados e características dos instrumentos, segundo os artigos analisados, para mensurar os estilos de apego</i>	30-32
Tabela 3 <i>Referências originais citadas pelos artigos analisados, instrumentos utilizados e características dos instrumentos, segundo os artigos analisados, para mensurar os níveis de satisfação conjugal</i>	33-34

Manuscrito 2

Tabela 1 <i>Estatísticas Descritivas para a amostra</i>	125-127
Tabela 2 <i>Média e Desvio Padrão dos dos estilos de apego (Ansiedade e Evitação), dos traços antissociais de personalidade (Maquiavelismo, Narcisismo, Psicopatia) e do Amor para os Homens as e Mulheres Heterossexuais</i>	83
Tabela 3 <i>Índices de Qualidade do Ajuste dos Dados aos Modelos</i>	86

Resumo

Os estilos de apego são desenvolvidos durante a relação entre a díade cuidador principal-infante, resultando em modelos internos de funcionamento, que orientam os comportamentos de indivíduos adultos frente aos seus relacionamentos amorosos. Ao passo, que os traços de personalidade antissociais estão associados com exploração de terceiros, incluindo os parceiros amorosos e sexuais. Considerando, que os relacionamentos amorosos são fontes de satisfação e conflitos, associados direta e indiretamente com reprodução dos indivíduos. Estudos apontam que os estilos de apego e os traços antissociais de personalidade afetam diretamente os próprios níveis de satisfação amorosa bem como os níveis de satisfação do(a) parceiro(a), principalmente quando as características são apresentadas pelas mulheres. O objetivo do presente estudo foi verificar a influências dos estilos de apego e traços de personalidade antissocial sobre a satisfação nos relacionamentos amoroso. Primeiramente, foi realizada uma revisão sistemática da literatura para verificar a associação entre os estilos de apego adulto com a satisfação conjugal. Encontrou-se que o estilo de apego seguro esteve associado à maior satisfação tanto do próprio indivíduo quanto do seu(a) parceiro(a). Esse resultado foi consistente mesmo em culturas não ocidentais, embora com menor robustez. Ao passo que os estilos inseguros, como ansioso, evitativo, *fearfull*, *preoccupied* e *dismissing* estiveram associados com menor satisfação. Posteriormente, foi realizado um estudo empírico para testar o efeito da ansiedade e evitação relacionadas ao apego, e da tríade sombria (maquiavelismo, narcisismo e psicopatia) sobre a satisfação de casais heterossexuais e homossexuais (lésbicas e gays). Contudo, a quantidade de casais homossexuais foi muito baixa não permitindo a realização de análises com esses grupos. Os resultados demonstraram índices de consistência interna que variaram de bons (maquiavelismo) a extremamente pobres (narcisismo), e que a ansiedade e psicopatia foram, conforme o previsto fatores que influenciaram negativamente a satisfação. Contrariamente, a evitação esteve associada à satisfação dos homens, e o maquiavelismo não apresentou associação com a satisfação. O narcisismo não foi analisado devido ao seu índice de consistência extremamente pobre. Por esse motivo a análise da tríade sombria, resultante dos três fatores, também não foi calculada. De um modo geral, contrariando as hipóteses, a satisfação com o relacionamento esteve mais associada com os próprios níveis de ansiedade e evitação, bem como de psicopatia que dos níveis dos parceiros. Esse resultado, contudo, está em concordância com a concepção de que essas características individuais estão negativamente associadas com a formação de relacionamentos de longo prazo. Estudos futuros podem verificar se os traços antissociais podem impactar negativamente a satisfação dos casais por meio do ciúme e da coerção dentro do relacionamento.

Palavras-chave: satisfação no relacionamento amoroso, estilos de apego adulto, tríade sombria.

Abstract

Attachment styles are developed during the relationship between the main caregiver-infant dyad, resulting in internal functioning models, which guide the behavior of adult individuals towards their love relationships. Whereas, antisocial personality traits are associated with exploitation by others, including sexual and loving partners. Considering that love relationships are sources of satisfaction and conflicts, directly and indirectly associated with the reproduction of individuals. Studies show that attachment styles and antisocial personality traits directly affect the levels of love satisfaction as well as the partner's satisfaction levels, especially when the characteristics are presented by women. The aim of the present study was to verify the influences of attachment styles and antisocial personality traits on satisfaction in romantic relationships. First, a systematic literature review was carried out to verify the association between adult attachment styles and marital satisfaction. It was found that the style of secure attachment was associated with greater satisfaction both for the individual himself and for his partner. This result was consistent even in non-Western cultures, although with less robustness. Whereas insecure styles, such as anxious, avoidant, fearful, preoccupied and dismissing were associated with lesser satisfaction. Subsequently, an empirical study was carried out to test the effect of anxiety and avoidance related to attachment, and the dark triad (Machiavellianism, narcissism and psychopathy) on the satisfaction of heterosexual and homosexual (lesbians and gays) couples. However, the number of homosexual couples was very low, not allowing analyzes with these groups. The results showed internal consistency indexes that ranged from good (makeup) to extremely poor (narcissism), and that anxiety and psychopathy were, as expected, factors that negatively influenced satisfaction. Conversely, avoidance was associated with men's satisfaction, and Machiavellianism was not associated with satisfaction. Narcissism has not been analyzed due to its extremely poor consistency. For this reason, the analysis of the dark triad, resulting from the three factors, was also not calculated. In general, contrary to the hypotheses, satisfaction with the relationship was more associated with the levels of anxiety and avoidance, as well as with psychopathy than with the levels of the partners. This result, however, is in agreement with the view that these individual characteristics are negatively associated with the formation of long-term relationships. Future studies can verify whether antisocial traits can negatively impact couples' satisfaction through jealousy and coercion within the relationship.

Keywords: love relationship satisfaction, adult attachment styles, dark triad.

Introdução Geral

Ao longo do século XX, diversas disciplinas como a Sociobiologia, a Etologia, a Primatologia, a Antropologia, e a Psicologia Evolucionista (PE) surgiram com a intenção de compreender e explicar o processo de evolução da humanidade (Hattori & Yamamoto, 2012). Dentre essas áreas, algumas se destacam pela compreensão do comportamento de animais não-humano (e.g., Etologia), enquanto outras dedicaram-se ao entendimento do comportamento de animais humanos (e.g., PE).

Os psicólogos evolucionistas estão interessados em compreender traços comportamentais e mecanismos psicológicos evoluídos nos humanos, especialmente porque tais aspectos foram selecionados por apresentarem vantagens para a sobrevivência e reprodução frente aos desafios ecológicos enfrentados durante o processo evolutivo (Laland, Brown, & Brown, 2011). Dentre os problemas adaptativos enfrentados pelos seres humanos, a escolha (ou seleção) de parceiros(as) está diretamente ligado à sobrevivência e reprodução dos indivíduos (Buss, 1985; Buss & Barnes, 1986; Buss, 1995; Hattori & Yamamoto, 2012; Rebello, 2012; Wiederman & Allgeier, 1992; Zhang, Lee, DeBruine, & Jones, 2019).

Diferentes variáveis são consideradas durante a seleção de um(a) parceiro(a), por exemplo; características físicas, comportamentais e psicológicas (Buss, 1985; Buss & Barnes, 1986; Buss, 1995; Buss, 1989; Buss & Schmitt, 1993; Buss & Schmitt, 2019; Li & Kenrick, 2006; Schmitt, 2005b; Zhang et al., 2019). Segundo Schmitt (2005a), diversas variáveis são consideradas porque a seleção de parceiros é influenciada pela estratégia de acasalamento adotada pelos indivíduos, variando desde estratégias de curto prazo (e.g., encontros sexuais eventuais), até estratégias de longo prazo (ex: namoro, casamento).

Por mais que ambas as estratégias sexuais de curto e longo prazo apresentem vantagens adaptativas para os indivíduos (Buss & Schmitt, 1993; Buss & Schmitt, 2019; Gangestad & Simpson, 2000; Valentova & Veloso, 2018), estima-se que ao menos 90% da população irá se engajar em relacionamentos de longo prazo ao longo da vida (Buss, 1985). Pesquisas focadas em relacionamentos de longo prazo, especificamente em casamentos, apontam que esse arranjo apresenta muitos benefícios individuais e coletivos, sendo o sentimento de felicidade um dos maiores preditores para vivenciar um relacionamento amoroso satisfatório (Carlson & Berger, 2013; Russell & Wells, 1994).

Os organismos (indivíduos) afetam o ambiente e é por ele afetado, essa relação resulta em diferentes comportamentos (Corral-Verdugo, 2005; Lopes, 2008; Todorov, 2007). Diferentes características individuais são desenvolvidas na infância, e influenciam o comportamento e os níveis de satisfação amorosa, a exemplo: o amor (Hernandez & Oliveira, 2003); os estilos de apego do(a) parceiro(a) (Hazan & Shaver, 1987); e os traços de personalidade (White, Hendrick, & Hendrick, 2004).

A Teoria do Apego foi inicialmente desenvolvida para explicar como os infantes humanos se tornam emocionalmente apegados à primeira figura de cuidado, e emocionalmente angustiados quando separados destes (Bowlby, 1969). Bowlby hipotetizou que os estilos de apego poderiam afetar relacionamentos adultos, mas foi apenas em 1987 que Hazan e Shaver começaram a explorar a possibilidade dessa teoria ser estendida ao relacionamento amoroso adulto, propondo que o amor é um processo de desenvolvimento de vínculo de apego.

Hazan e Shaver (1987), ao avaliar os estilos de apego nos adultos identificaram que pessoas com um estilo de apego evitativo descreveram suas experiências românticas como sendo norteadas pelo medo da intimidade, com altos e baixos

emocional e elevados níveis de ciúme; enquanto pessoas com estilo de apego ansioso/ambivalente descreveram suas experiências como obsessivas, com desejo de reciprocidade e união, repletas de atração sexual. Por fim, pessoas com estilo de apego seguro descreveram suas experiências amorosas mais importantes como felizes, amigáveis e confiáveis.

Por mais que o estudo de Hazan e Shaver (1987) tenha sido publicado na década de 1980, estudos publicados nas décadas seguintes apontaram resultados semelhantes (Feeney & Noller, 1990; Butzer & Campbell, 2008; Azevedo, 2013; Consoli, Bernardes, & Marin, 2018). Além disso, diferentes estudos indicam relações entre os estilos de apego e a satisfação conjugal (Harma & Sümer, 2016; Jarnecke & South, 2013; Sina, Najarpourian, & Samavi, 2018).

Para avaliar os estilos de apego em adultos, diferentes inventários foram desenvolvidos. O *Adult Attachment Questionnaire* (AAQ) (Simpson, Rholes, & Nelligan, 1992) foi um dos primeiros instrumentos desenvolvidos. A *Adult Attachment Scale* (AAS) (Collins & Read, 1990; Collins, 1996), com evidências de validade para o contexto brasileiro (Teixeira, Ferreira & Howat-Rodrigues, 2019), sendo que os itens se referem a relacionamentos “próximos” em vez de relacionamentos “românticos”, abrangendo diferentes tipos de relacionamentos. Brennan, Clark e Shaver (1998) desenvolveram a *Experience in Close Relationships* (ECR), ainda com o objetivo de mensurar os estilos de apego nos adultos, mas dessa vez a partir de duas dimensões: a Ansiedade relacionada ao apego e a Evitação relacionada ao apego. A primeira dimensão refere-se à preocupação de continuidade do relacionamento amoroso e a responsividade do parceiro, enquanto a segunda diz respeito ao desconforto com a proximidade emocional do parceiro, indicando uma preferência pelo distanciamento emocional (Natividade & Shiramizu, 2015). Uma versão revisada e resumida da *ECR-*

Short (ECR-S) foi posteriormente desenvolvida por Wei, Russell, Mallinckrodt e Vogel (2007). Essa escala apresenta evidências de validação para a população brasileira, nomeada *Experience in Close Relationships – Reduzida (ECR-R-Brasil)* (Natividade & Shiramizu, 2015).

Outro constructo individual que costuma influenciar os níveis de satisfação amorosa é a personalidade. Ressaltamos que, para a PE, a personalidade ou qualquer psicopatologia são consideradas dimensões contínuas, ou seja, todos os indivíduos apresentam, em diferentes níveis, os traços que compõem a personalidade (Brüne, Ebert, Kolb, Tas, Edel, & Roser, 2013).

Atualmente, três traços antissociais de personalidade vêm recebendo atenção, conhecidos como Tríade Sombria (do inglês: *Dark Triad - DT*): Maquiavelismo, Narcisismo e Psicopatia (Gouveia, Pereira, Gouveia, Athayde, & Cavalcanti, 2016; Paulhus & Williams, 2002; White, Hendrick, & Hendrick, 2004). Dentre vários instrumentos elaborados para mensurar os níveis de tríade sombria, o *Dark Triad Dirty Dozen – DTDD* (Jonason & Webster, 2010) apresenta evidências de validação para a população brasileira (Gouveia, Pereira, Gouveia, Athayde, & Cavalcanti, 2016). Seu desenvolvimento foi pensado para amostras não clínicas, (Furnham, Richards, & Paulhus, 2013). Diferentes estudos apontam relações entre os traços que compõem a tríade sombria e a satisfação conjugal, identificando associação negativa entre a tríade sombria e a satisfação conjugal, sugerindo associação negativa entre o traço de psicopatia e a satisfação e associação positiva entre o traço maquiavélico dos maridos e a satisfação das esposas (Smith, Hadden, Webster, Jonason, Gesselman, & Crysel, 2014; Weiss, Lavner, & Miller, 2018).

Entendendo a importância de estudar estilo de apego adulto e traços de personalidade de tríade sombria, os objetivos gerais do presente trabalho foram: 1)

realizar uma revisão sistemática da literatura sobre as influências dos estilos de apego na satisfação conjugal; 2) investigar relações entre as dimensões de apego (Ansiedade e Evitação) e a satisfação amorosa de casais inseridos em relacionamentos de longo prazo; e por fim, 3) investigar relações os traços de personalidade antissociais que compõem a tríade sombria (Maquiavelismo, Narcisismo e Psicopatia) e a satisfação amorosa de casais inseridos em relacionamentos de longo prazo.

A partir dos objetivos mencionados, a dissertação foi dividida em dois capítulos: o primeiro capítulo para a realização da revisão sistemática (objetivo geral 1) e o segundo capítulo para investigar as relações entre os estilos de apego e a satisfação conjugal e os traços de personalidade antissociais (objetivos gerais 2 e 3).

Referências

- Azevedo, M. I. G. B. S. (2013). *Vinculação em casais adultos e sua relação com os respectivos estilos de vinculação parental* (Master's thesis). Instituto. Universidade. País. Url.
- Bowlby, J. (1969). Attachment and loss. Vol 1. *Attachment*. New York: Basic Books.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (p. 46–76). Guilford Press.
- Brüne, M., Ebert, A., Kolb, M., Tas, C., Edel, M. A., & Roser, P. (2013). Oxytocin influences avoidant reactions to social threat in adults with borderline personality disorder. *Human Psychopharmacology: Clinical and Experimental*, 28(6), 552-561. <https://doi.org/10.1002/hup.2343>
- Buss, D. M. (1985). Human mate selection: Opposites are sometimes said to attract, but in fact we are likely to marry someone who is similar to us in almost every variable. *American scientist*, 73(1), 47-51. <https://www.jstor.org/stable/27853061>
- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and brain sciences*, 12(1), 1-14. <https://doi.org/10.1017/S0140525X00023992>
- Buss, D. M. (1995). Psychological sex differences: Origins through sexual selection. MAIS INFO <https://doi.org/10.1037/0003-066X.50.3.164>
- Buss, D. M., & Barnes, M. (1986). Preferences in human mate selection. *Journal of personality and social psychology*, 50(3), 559. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.3.559>
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: an evolutionary perspective on human mating. *Psychological review*, 100(2), 204. <https://psycnet.apa.org/buy/1993-29295-001>
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (2019). Mate preferences and their behavioral manifestations. *Annual Review of Psychology*, 70, 77-110. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010418-103408>
- Butzer, B., & Campbell, L. (2008). Adult attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: A study of married couples. *Personal Relationships*, 15(1), 141–154. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2007.00189.x>
- Carlson, M. J., & Berger, L. M. (2013). What kids get from parents: Packages of parental involvement across complex family forms. *Social Service Review*, 87(2), 213-249. <https://doi.org/10.1086/671015>

- Collins, N. L. (1996). Working models of attachment: Implications for explanation, emotion, and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 810-832. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.71.4.810>
- Collins, N. L. & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.58.4.644>
- Consoli, N., Bernardes, J. W., & Marin, A. H. (2018). Laços de afeto: as repercussões do estilo de apego primário e estabelecido entre casais no ajustamento conjugal. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(2), 315-329. <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5409>.
- Corral-Verdugo, V. (2005). Psicología Ambiental: objeto, "realidades" sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento. *Psicologia USP*, 16(1-2), 71-87. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642005000100009>
- Furnham, A., Richards, S. C., & Paulhus, D. L. (2013). The Dark Triad of personality: A 10 year review. *Social and Personality Psychology Compass*, 7(3), 199-216. doi: [10.1111/spc3.12018](https://doi.org/10.1111/spc3.12018)
- Gangestad, S. W., & Simpson, J. A. (2000). The evolution of human mating: Trade-offs and strategic pluralism. *Behavioral and brain sciences*, 23(4), 573-587. <https://doi.org/10.1017/S0140525X00353377>
- Gouveia, V. V., Monteiro, R. P., Gouveia, R. S. V., Athayde, R. A. A., & Cavalcanti, T. M. (2016). Avaliando o lado sombrio da personalidade: Evidências psicométricas do Dark Triad Dirty Dozen. *Interamerican Journal of Psychology*, 50(3), 420-432. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=284/28450492010>
- Harma, M., & Sümer, N. (2016). Are avoidant wives and anxious husbands unhappy in a collectivist context? Dyadic associations in established marriages. *Journal of Family Studies*, 22(1), 63-79. <https://doi.org/10.1080/13229400.2015.1024711>
- Hattori, W. T., & Yamamoto, M. E. (2012). Evolução do comportamento humano: Psicologia evolucionista. *Estudos de biologia*, 34(83). <http://dx.doi.org/10.7213/estud.biol.7323>
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of personality and social psychology*, 52(3), 511. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. D. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: ciência e profissão*, 23(1), 58-69. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100009>
- Jarnecke, A. M., & South, S. C. (2013). Attachment orientations as mediators in the intergenerational transmission of marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 27(4), 550. <https://doi.org/10.1037/a0033340>

- Jonason, P. K., & Webster, G. D. (2010). The dirty dozen: A concise measure of the dark triad. *Psychological assessment*, 22(2), 420. <https://doi.org/10.1037/a0019265>
- Laland, K. N., Brown, G., & Brown, G. R. (2011). *Sense and nonsense: Evolutionary perspectives on human behaviour*. Oxford University Press.
- Li, N. P., & Kenrick, D. T. (2006). Sex similarities and differences in preferences for short-term mates: What, whether, and why. *Journal of personality and social psychology*, 90(3), 468. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.90.3.468>
- Lopes, C. E., (2008). Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(1), 1-13. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452008000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale-Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia usp*, 26(3), 484-494. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140086>
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of research in personality*, 36(6), 556-563. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6)
- Rebello, K. S. S. (2012). *Qualidade da relação conjugal: Uma avaliação dos casais residentes no Pará* (Doctoral dissertation, Dissertação de Mestrado, Belém: Universidade Federal do Pará, PA).
- Russell, R. J., & Wells, P. A. (1994). Predictors of happiness in married couples. *Personality and individual differences*, 17(3), 313-321. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(94\)90279-8](https://doi.org/10.1016/0191-8869(94)90279-8)
- Schmitt, D. P. (2005a). Fundamentals of human mating strategies. In *The handbook of evolutionary psychology*, 1-23. MAIS INFO
- Schmitt, D. P. (2005b). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture, and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences*, 28(2), 247-275. <https://doi.org/10.1017/S0140525X05000051>
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Nelligan, J. S. (1992). Support seeking and support giving within couples in an anxiety-provoking situation: The role of attachment styles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62(3), 434-446. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.62.3.434>
- Sina, F., Najarpourian, S., & Samavi, S. A. (2018). The Prediction of Marital Satisfaction Through Attachment Styles and Love Story. *Iranian Journal of Psychiatry and Behavioral Sciences*, 12(4). <https://doi:10.5812/ijpbs.62774>.

- Smith, C. V., Hadden, B. W., Webster, G. D., Jonason, P. K., Gesselman, A. N., & Crysel, L. C. (2014). Mutually attracted or repulsed? Actor–partner interdependence models of Dark Triad traits and relationship outcomes. *Personality and Individual Differences*, 67, 35-41. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.01.044>
- Teixeira, R. C. R., Ferreira, J. H. B. P., & Howat-Rodrigues, A. B. C. (2019). Collins and Read Revised Adult Attachment Scale (RAAS) validity evidences. *Psico*, 50(2), 29567. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.29567>
- Todorov, J. C. (2007). A Psicologia como o estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(spe), 57-61. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000500011>
- Valentova, J., V., & Veloso, V. (2018). Estratégias sexuais e reprodutivas. In Yamamoto, M. E., Valentova, J. V., Leitão, M. B. P., & Hattori, W. T (orgs.), *Manual de psicologia evolucionista* (pp. 303-328). Natal: EDUFRN.
- Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B., & Vogel, D. L. (2007). The Experiences in Close Relationship Scale (ECR)-short form: Reliability, validity, and factor structure. *Journal of personality assessment*, 88(2), 187-204. <https://doi.org/10.1080/00223890701268041>
- Weiss, B., Lavner, J. A., & Miller, J. D. (2018). Self-and partner-reported psychopathic traits' relations with couples' communication, marital satisfaction trajectories, and divorce in a longitudinal sample. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 9(3), 239. doi.10.1037/per0000233
- White, J. K., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (2004). Big five personality variables and relationship constructs. *Personality and individual differences*, 37(7), 1519-1530. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2004.02.019>
- Wiederman, M. W., & Allgeier, E. R. (1992). Gender differences in mate selection criteria: Sociobiological or socioeconomic explanation?. *Ethology and Sociobiology*, 13(2), 115-124. [https://doi.org/10.1016/0162-3095\(92\)90021-U](https://doi.org/10.1016/0162-3095(92)90021-U)
- Zhang, L., Lee, A. J., DeBruine, L. M., & Jones, B. C. (2019). Are sex differences in preferences for physical attractiveness and good earning capacity in potential mates smaller in countries with greater gender equality?. *Evolutionary Psychology*, 17(2), 1474704919852921. <https://doi.org/10.1177/1474704919852921>

Capítulo 1:
Influências dos estilos de apego adulto nos níveis de satisfação conjugal de casais
românticos: Uma revisão sistemática

Leonardo Boaventura Martins, Mauro Silva Júnior

Manuscrito submetido na Revista “Estudos de Psicologia (Campinas)”.

Resumo

A relação entre apego adulto e satisfação conjugal é amplamente estudada, contudo, pouco se sabe a respeito da consistência dessas associações. Com o intuito de esclarecer a direção desta associação, realizamos uma revisão sistemática utilizando o método PRISMA com os seguintes operadores “*Attachment Styles*” e “*Marital Satisfaction*”. Dos 227 artigos encontrados, 23 foram incluídos na revisão. De modo geral, nas pesquisas revisadas, indivíduos com estilo de apego seguro apresentam maior satisfação conjugal, ao passo que casais com estilos opostos ou inseguro apresentaram menor satisfação. O estilo de apego seguro dos homens moderou a satisfação das suas parceiras quando elas apresentaram estilo inseguro; já o estilo inseguro deles diminuiu a satisfação delas. Em situações estressoras (e.g., nascimento do filho) e de transição ou em relacionamentos mais longevos, os resultados não foram sistemáticos. Para elucidar os resultados, foram discutidos diferentes motivos, desde os níveis de comunicação entre os cônjuges até o perdão como mediadores da relação entre apego e satisfação. Além disso, a relação entre satisfação e apego seguro, e entre os estilos inseguros e insatisfação foi consistente tanto em países ocidentais quanto em não ocidentais, com robustez menor para os últimos, nos quais alguns estudos não encontraram associação entre satisfação e estilo seguro, ou encontraram associação positiva entre os estilos inseguros e satisfação. Essas diferenças devem ser analisadas cuidadosamente para verificar a influência de fatores culturais que podem moderar a relação entre satisfação e apego. Ressalta-se a necessidade da realização de estudos transculturais para confirmar as associações encontradas nessa revisão.

Palavras-chave: satisfação conjugal, teoria do apego, estilos de apego adulto, revisão sistemática.

Abstract

The relationship between adult attachment and marital satisfaction is widely studied, however, little is known about the consistency of these associations. In order to clarify the direction of this association, we carried out a systematic review using the PRISMA method with the following operators “Attachment Styles” and “Marital Satisfaction”. Of the 227 articles found, 23 were included in the review. In general, individuals with a secure attachment style have greater marital satisfaction, while couples with opposite or insecure styles have less satisfaction. The secure style of the men moderated the satisfaction of their partners when they presented an insecure style; their insecure style diminished their satisfaction. In stressful situations (e.g., childbirth) and in transition or in longer-term relationships, the results were not systematic. To elucidate the results, different reasons were discussed, from the levels of communication between the spouses to forgiveness as mediators of the relationship between attachment and satisfaction. Furthermore, the association between marital satisfaction and secure attachment style, and Insecure styles and dissatisfaction was consistent in both Western and non-Western countries, but the results were less robust for the latter, in which some studies found no association between secure style and satisfaction, or found association between insecure styles and satisfaction. Those differences must be. These differences must be carefully analyzed to examine the influence of cultural factors that can moderate the relationship between satisfaction and attachment. The need to carry out cross-cultural studies to confirm the associations found in this review is emphasized.

Keywords: marital satisfaction, attachment theory, adult attachment styles, systematic review.

Introdução

Relacionamentos Amorosos e Satisfação Amorosa

Ao longo do tempo evolutivo, homens e mulheres enfrentaram diferentes pressões ambientais, especialmente no que se refere à seleção e manutenção de parceiros (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1995; Buss & Schmitt, 2019; de Sousa & Hattori, 2018; Valentova & Veloso, 2018). Para investigar as variáveis que influenciam estes processos é imprescindível considerar as causas distais e proximais do comportamento, ou seja, a função adaptativa do comportamento e como ele se modifica ao longo do tempo de vida de cada indivíduo (Laland, Brown, & Brown, 2011; Tinbergen, 1963).

Embora muitos estudos com a perspectiva evolucionista e transcultural tenham sido feitos na busca de compreender o funcionamento dos relacionamentos amorosos em diversos contextos culturais (Rebello, Shattuck, Silva Júnior & Brito, 2018; Weisfeld, Weisfeld, & Dillon, 2018), grande parte dos estudos em Psicologia tem sido realizados com populações euroamericanas (Henrich, Heine, & Norenzayan, 2010; Pollet & Saxon, 2018), no que se convencionou chamar pelo acrônimo *WEIRD*, do inglês, ocidental, educado, industrializado, rico e democrático. Populações com essas características representam apenas uma pequena parcela da humanidade e, por conta disso, não podem ser consideradas modelos para todas as pessoas do mundo (Henrich et al, 2010). Por conta disso, uma perspectiva evolucionista dos relacionamentos deve estar preocupada com a diversidade cultural das populações estudadas.

Em qualquer sociedade, os relacionamentos amorosos podem ser compreendidos a partir de duas estratégias reprodutivas comuns à nossa espécie: estratégia de curto prazo (e.g., encontros de uma noite) e de longo prazo (e.g., relacionamentos mais duradouros, namoro, noivado, casamento) (de Sousa & Hattori, 2018). Diferentes

estudos apontam, de maneira sistemática, que as preferências apresentadas por homens e mulheres variam de acordo com o sexo biológico (Buss & Barnes, 1986; Buss, 1989; Buss & Schmitt, 1993; Buss & Schmitt, 2019; Corrêa, 2011; Li & Kenrick, 2006; Regan, Medina, & Joshi, 2001; Schwarz & Hassebrauck, 2012; Schmitt, 2005; Schmitt, 2007; Zhang, Lee, DeBruine, & Jones, 2019).

Os relacionamentos de longo prazo são arranjos universais, conhecidos em diversas culturas do mundo. Estima-se que, ao menos 90% dos seres humanos, em algum momento de sua vida, irá se engajar nesse estilo de relacionamento, a despeito de ser considerada a experiência mais excitante e estressante que os indivíduos podem se expor ao longo de toda a vida (Buss, 1985; Sina, Najarpourian & Samavi, 2018). Segundo Hendrick, Hendrick e Adler (1988), as atitudes amorosas individuais podem ser previstas baseando-se nas características dos cônjuges. Estudos que exploraram a associação entre a homogamia (similaridade entre as características dos cônjuges) e os níveis de satisfação conjugal encontraram uma relação positiva entre elas (Fernandez, Shiramizu, & Valentova, 2018). Por ser uma experiência universal, na qual grande parte da população irá se engajar em algum momento, valorizar a satisfação que emerge a partir dos relacionamentos amorosos é indispensável (Sina, Najarpourian & Samavi, 2018).

Há extensa terminologia para se referir à percepção de aspectos positivos ou negativos que emergem em função do compromisso afetivo estabelecido entre os casais (e.g., estabilidade matrimonial, qualidade matrimonial, ajuste matrimonial, satisfação conjugal) (Scorsolini-Comin & dos Santos, 2010). Para a Psicologia Evolucionista, esses conceitos são entendidos como um “estado psicológico que acompanha os benefícios e os custos gerais associados a uma união marital particular” (Shackelford & Buss, 1997, p. 10). Custos são os efeitos negativos de uma característica ou ação

realizada pelo indivíduo que reduz a possibilidade de sobrevivência ou reprodução. Por outro lado, benefícios são os ganhos ou melhoras na capacidade sobreviver ou se reproduzir como resultado de algum mecanismo anatômico, fisiológico ou comportamental (Valentova & Varela, 2018). Assim, a satisfação no relacionamento implica que os indivíduos percebem os benefícios como maiores que os custos (Rebello, 2012). Indivíduos satisfeitos no relacionamento amoroso, por conseguinte, são aqueles que percebem condições favoráveis à sua reprodução.

Teoria do Apego

Freud foi um dos teóricos pioneiros a tentar compreender como a relação entre a díade mãe-filho afetava o desenvolvimento psicológico, no entanto, suas teorias carecem de fundamento científico (Bowlby, 1969). Diferente do que se pensava, de que o bebê se vinculava à mãe por ela ser a fonte de alimento, bem como de outras necessidades fisiológicas, Bowlby (1907-1990), de formação psicanalista, foi buscar na Etologia métodos para investigar a díade, cujos trabalhos culminaram na elaboração da Teoria do Apego (Bowlby, 1969).

A Teoria do Apego explica como as crianças tornam-se emocionalmente apegadas aos seus primeiros cuidadores, e emocionalmente angustiados quando separados destes (Resende, Ripardo, & Oliva, 2018). A partir disso, expectativas são incorporadas aos Modelos Internos de Funcionamento, produzindo fontes de continuidade entre sentimentos e comportamentos iniciais ao longo da vida, e tornando-se um dos componentes centrais na composição da personalidade (Bowlby, 1969; Dalbem & Dell'Aglio, 2005; Hazan & Shaver, 1987).

Interessados em investigar a possibilidade do estilo de apego adulto ser identificado nos adultos, Hazan e Shaver (1987) solicitaram que adultos respondessem

questionários com base nos seus relacionamentos amorosos mais importantes. Após as análises, observou-se correspondência entre as respostas dos adultos e a média dos estilos de apego que são observados em crianças e adolescentes, permitindo categorizar os indivíduos em diferentes estilos de apego (Bretherton, 1992; Natividade & Shiramizu, 2015). Estudos posteriores nas décadas seguintes verificaram a influência do estilo de apego na qualidade do vínculo com o(a) parceiro(a) e na satisfação com a relação amorosa (Feeney & Noller, 1990; Butzer & Campbell, 2008; Azevedo, 2013; Consoli, Bernardes, & Marin, 2018).

No estudo conduzido por Hazan e Shaver (1987) para explorar a continuidade dos estilos de apego no desenvolvimento humano, a partir das respostas dos participantes, os pesquisadores identificaram que: 1) pessoas que apresentaram estilo de apego seguro durante a fase adulta (e tiveram cuidador presente durante a infância) descreveram sua relação amorosa mais importante como especialmente feliz, amigável e confiável; 2) pessoas que apresentaram estilo de apego evitativo (comumente relacionado ao cuidado insensível durante a infância) descreveram sua relação como uma experiência norteadada pelo medo da intimidade, com altos e baixos emocionais e níveis elevados de ciúmes; e por fim, 3) pessoas que apresentaram estilo de apego ansioso/ambivalente¹ (com cuidado inconsistente durante a infância) descreveram sua relação amorosa mais importante envolta por sentimentos de obsessão, ciúmes, desejo por reciprocidade e união (Hazan & Shaver, 1987; Natividade & Shiramizu, 2015).

Estilos de Apegos: Causas Distais e Proximais

Estudos sugerem que cada estilo foi selecionado e se mantém ao longo da história por apresentarem diferentes funções adaptativas para a espécie humana (Belsky

¹ A partir deste momento, farei referência ao estilo “apego ansioso/ambivalente” como “apego ansioso”.

1997; Bowlby, 1969; Maestripieri, 2009). Considerando a possibilidade e a necessidade de investigar o sistema de apego à luz das causas distais e proximais do comportamento (Laland, Brown & Brown, 2011; Tinbergen, 1963), Belsky (1997) sugere que os diferentes estilos de apego evoluíram como componentes das estratégias reprodutivas nas quais seu modelo interno de funcionamento orientam para a escolha de uma estratégia reprodutiva de curto ou longo prazo (Belsky, Steinberg, & Draper, 1991; Chisholm, 1993; 1996; 1999).

O estilo de apego seguro é marcado pela promoção de crenças, tais quais: o mundo é mais benigno do que hostil, é possível confiar nos outros; e uma perspectiva duradoura e emocionalmente gratificante sobre os relacionamentos (Belsky, 1997). Além disso, discute-se que a função adaptativa do apego seguro teria relação com a capacidade de ampliar o investimento na prole em função da estabilidade e durabilidade dos relacionamentos (Belsky, 1997).

No entanto, em ambientes de alto risco, por conta de fatores extrínsecos (e.g., violência), torna-se mais vantajoso para os pais, em termos reprodutivos, dedicar-se menos aos filhos, principalmente para os homens (Del Giudice, 2009; Quinlan, 2007). Diferentes autores sugerem que a função distal do estilo de apego ansioso e evitativo teria ligação com a sensibilidade para reagir a situações de ameaça, tanto pelo comportamento de vigia, quanto pela capacidade de reagir rapidamente na presença de um estímulo ameaçador, motivados pela autopreservação e pela preservação do grupo. Por responderem com agilidade frente às situações ameaçadoras, pessoas que apresentam estilo de apego inseguro poderiam descobrir formas eficientes de sobrevivência (Del Giudice et al., 2011; Ein-Dor, Mikulincer, Doron, & Shaver, 2010; Ein-Dor, 2014; Ellis & Del Giudice, 2019; Rholes, Simpson, Campbell, & Grich, 2001).

A depender do sexo biológico, os estilos de apego inseguro (ansioso e evitativo) podem apresentar funções diferentes: para as mulheres, em contextos estressantes, o estilo de apego ansioso seria vantajoso por aumentar as chances de atrair mais recursos para si e para a sua prole, já para os homens, a vantagem teria relação com as chances de maximizar as oportunidades de acasalamento. Em relação ao estilo de apego evitativo, para os homens, a função teria maior ligação com a busca por *status* e dominância; para as mulheres, esse estilo de apego seria uma estratégia alternativa para evitar momentos em que o risco ambiental é altamente elevado, assim elas alternariam, momentaneamente, os comportamentos associados ao estilo seguro ou ansioso para o evitativo (Belsky, 1997; Del Giudice, 2009; Ein-Dor et al., 2010).

Satisfação Amorosa e Teoria do Apego

Ao longo do tempo histórico do Ocidente, casamento e satisfação são termos que têm sido reconhecidos como conceitos interdependentes, marcando a passagem entre a juventude e à vida adulta, de incertezas para uma organização e prosperidade, da solidão para a estabilidade afetiva, marcando a transição para uma vida mais feliz e satisfatória (Perlin, 2006). A partir da noção de interação mútua entre organismo-ambiente e da continuidade dos estilos de apego em função dos Modelos Internos de Funcionamento é fundamental investigar as relações entre os estilos de apego individuais e a satisfação amorosa (Bowlby, 1969; Corral-Verdugo, 2005; Dalbem & Dell'Aglio, 2005; Lopes, 2008; Todorov, 2007). Diferentes autores sugerem que o estilo de apego adulto é similar do estilo de apego infantil, pois os comportamentos associados aos estilos de apego em ambos os momentos de vida são ativados em situações de ameaça, estresse ou indisponibilidade percebidas da figura de apego. Entretanto, apesar de os adultos também terem os estilos ativados pelas situações mencionadas, os comportamentos de apego não são facilmente ativados como são nas

crianças, em razão da formação das habilidades cognitivas e aperfeiçoamento na capacidade de memória (Möller, Philip Hwang, & Wickberg, 2006).

Independente das capacidades cognitivas desenvolvidas nos adultos, a literatura indica a transição para a parentalidade, entre outros eventos da fase adulta, como uma situação nova e estressante para os pais e mães, o que aumenta a probabilidade do sistema de apego ser ativado frente aos novos desafios ambientais (Santrock, 1995; Lu, 2006; Kim & Swain, 2007; Rholes, Simpson, Campbell, & Grinch, 2001; Epifanio, Genna, De Luca, Roccella, & La Grutta, 2015).

Para estimar a quantidade de estudos que investigaram a relação entre os estilos de apego e a satisfação amorosa, é necessário revisar cuidadosamente os trabalhos desenvolvidos sobre essa temática. Para isso, uma das metodologias sugeridas é a revisão sistemática (De-La-Torre-Ugarte-Guanilo, Takahashi e Bertolozzi, 2011; Gomes & de Oliveira Caminha, 2014).

Dessa forma, considerando que a relação entre apego adulto e satisfação conjugal é amplamente estudada, contudo, pouco se sabe a respeito da consistência dessas associações. Com o intuito de esclarecer a direção desta associação, objetivou, por meio de uma revisão sistemática da literatura, investigar e conhecer pesquisas desenvolvidas sobre a influência dos estilos de apego sobre a satisfação amorosa.

Método

A metodologia foi estruturada com base no método PRISMA².

² Método desenvolvido para relatar os principais itens de uma revisão sistemática (Galvão, Pansani, & Harrad, 2015).

Critérios de elegibilidade

Foram incluídos artigos a) publicados entre 1987 e 2020; b) que continham o termo “*Marital Satisfaction*” e “*Attachment Styles*” no título, resumo ou palavras-chave; e c) que utilizassem pesquisas empíricas. Artigos teóricos e de revisão não foram considerados para as análises. A demarcação temporal para a busca dos artigos foi definida baseando-se no início da investigação sobre os estilos de apego e os relacionamentos amorosos (Hazan & Shaver, 1987).

Fontes de informação

O levantamento foi realizado na base de dados *Web of Science (WoS)* (acessar: <http://www.webofknowledge.com>). A busca dos artigos restringiu-se à língua inglesa, realizada em abril de 2020.

Estratégia de busca

A busca foi realizada utilizando-se o termo “*Marital Satisfaction*” e “*Attachment Styles*” e o operador “*AND*”.

Durante a avaliação dos estudos, após a busca nas fontes de pesquisa, também se considerou como termos válidos para estilos de apego: “*Attachment Style*”; “*Attachment Styles*”; “*Attachment*”; “*Secure Attachment*”; “*Insecure Attachment*”; “*Avoidant Attachment*”; “*Anxious Attachment*”; “*Ambivalent Attachment*”; “*Preoccupied Attachment*”. Foi necessária a inclusão destes termos devido à baixa quantidade de artigos que incluíam apenas os termos iniciais.

Seleção dos estudos

Em um primeiro momento, quatro revisores, de forma independente, leram os títulos, as palavras-chave e os resumos. O primeiro revisor leu um conjunto de 77 resumos, o segundo e o terceiro revisor cada um leu 75 resumos, e o último revisor leu todos os resumos (227). Posteriormente, em conjunto, os revisores classificaram os resumos com base nos critérios de inclusão, como elegível ou inelegível.

Processo de coleta de dados

Quatro revisores sumarizaram e registraram os artigos elegíveis em uma tabela para extrair os seguintes dados: autores, ano da publicação, objetivos, participantes, país, instrumentos e resultados.

Lista de dados

Os revisores analisaram os seguintes aspectos: 1) objetivos das pesquisas; 2) participantes que compuseram a amostra, explicitando o *status* do relacionamento quando possível; 3) país de coleta; 4) instrumentos utilizados nas pesquisas; e 5) principais resultados³.

Resultados

Seleção de estudos

A partir da pesquisa realizada, que abarcou 32 anos de publicações, foram encontrados 227 artigos publicados (ver Figura 1).

³ Não foram todos os estudos que avaliaram a relação direta entre os estilos de apego e a satisfação conjugal. Por este motivo, serão apresentados os principais resultados que avaliaram a relação direta entre os estilos de apego e a satisfação.

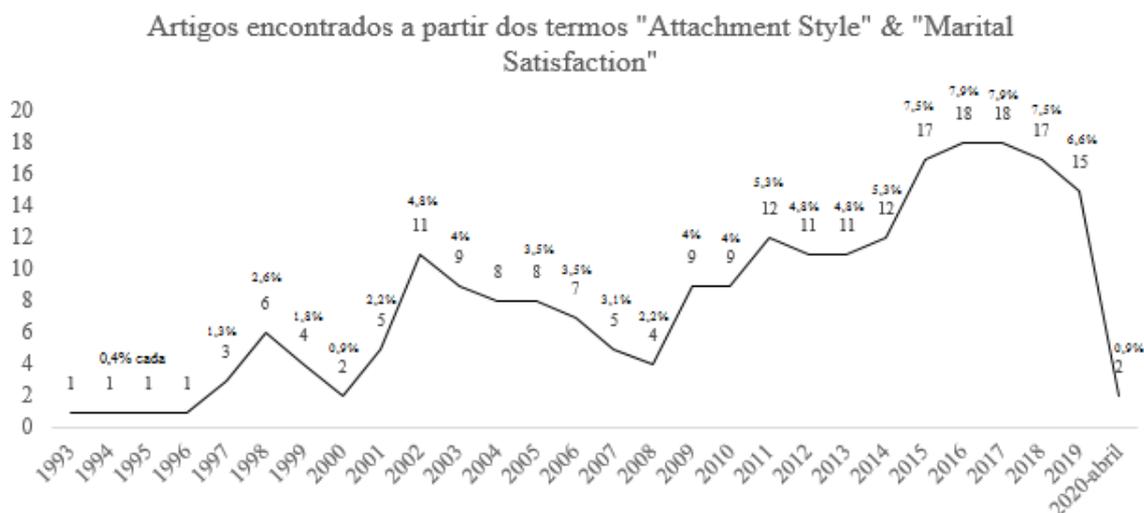


Figura 1. Número absoluto e percentual de artigos recuperados a partir dos termos de busca “Attachment Styles” e “Marital Satisfaction”.

Para a primeira análise, foram considerados os 227 artigos. Como resultado, foram selecionados 27 artigos para a leitura íntegra e avaliação da elegibilidade. O processo de revisão dos artigos encontrados foi o seguinte (ver Figura 2):

(1) *Identificação*, referente aos artigos pesquisados na base de dados. Nessa fase, todos os 227 artigos foram considerados para a identificação correspondente aos objetivos do presente trabalho. Todos os revisores buscaram identificar os termos anteriormente citados, para incluir os artigos que apresentavam os termos ou excluir os artigos que não apresentavam;

(2) *Seleção*, com a inclusão e a exclusão dos artigos com base nos critérios de inclusão, a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave. Nessa fase, após a análise dos termos nos 227 artigos, 170 foram excluídos por não apresentarem nenhum dos termos definidos nos parâmetros estabelecidos (título, resumo ou palavras chaves);

(3) *Elegibilidade*, referente à leitura completa dos artigos para identificação de exclusão ou inclusão na revisão. Dos 57 artigos incluídos para a leitura e análise dos

artigos, 29 não apresentaram os estilos de apego como moderadores da satisfação conjugal, a exemplo: o estudo De Luca, Dorangricchia, Salerno, Coco e Cicero (2017), interessado em investigar a contribuição de variáveis psicológicas e dos estilos de apego na efetividade, na promoção de melhorias e no ajustamento funcional de doenças; e por último,

(4) Fase da inclusão, referente aos artigos que correspondem aos objetivos da revisão. Após a leitura na íntegra dos artigos selecionados, mesmo no caso do resumo sugerir a avaliação do impacto dos estilos de apego na satisfação, quatro artigos foram excluídos. O primeiro objetivou verificar como os estilos de apego e a satisfação conjugal afeta o funcionamento familiar (Pedro, Ribeiro, & Shelton, 2015); o segundo objetivou investigar a relação entre os estilos de apego e o comportamento de cuidado, investigando a relação entre os comportamentos de cuidado e a satisfação conjugal Feeney (1996); o terceiro buscou compreender, de maneira integrada, o papel dos estilos de apego de adultos, sintomas depressivos e comportamentos de resolução de conflitos (agressivos e comprometedores) na satisfação conjugal (Marchand, 2004); e o quarto objetivou examinar a associação entre experiências normais da infância e bem-estar na idade adulta; entanto, apesar dos autores se guiarem pela perspectiva da teoria do apego, a coleta não utilizou nenhum instrumento/questionário que investigasse os estilos de apego (Kiviniemi, Wasz-Hökert, Seitamo, Joskitt, Heikkinen, Moilanen, & Ebeling, 2011).

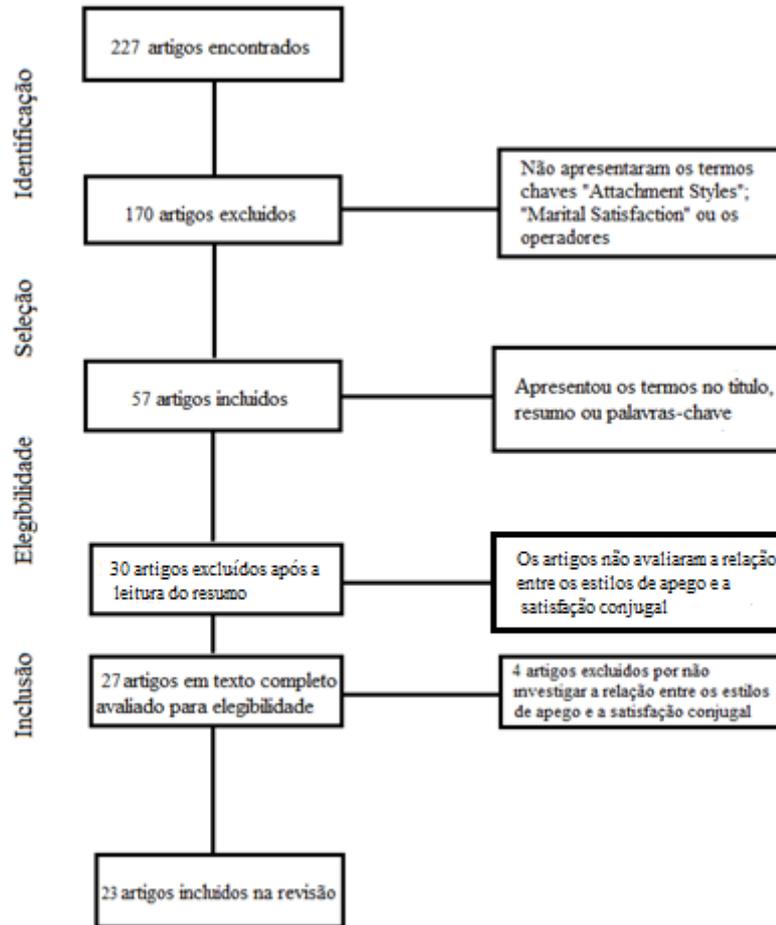


Figura 2. Fluxograma da revisão sistemática sobre Estilos de Apego e Satisfação Marital

Os 23 artigos incluídos na revisão utilizaram os conceitos de satisfação conjugal e estilos de apego (ou especificações como seguro, inseguro, ambivalente, evitativo) para avaliar relações entre as variáveis. A Tabela 1 apresenta a descrição dos principais objetivos e métodos de cada estudo.

Tabela 1*Estudos sobre Estilos de Apego e Satisfação Marital*

Artigos	Objetivos	Participantes	Países	Instrumentos
Sina, Najarpourian e Samavi (2018)	Examinar a relação entre o estilo de apego formado na infância com a satisfação conjugal na vida adulta	200 casais	Irã	- <i>Couples Satisfaction Index</i> - <i>Experiences in Close Relationships – Revised (ECR-R)</i>
Nadiri e Khalatbari (2018)	Investigar a previsão de satisfação conjugal em estudantes com base nos estilos de apego	126 casais	Irã	- <i>Anrich's Marital Satisfaction Questionnaire</i> - <i>Adult Attachment Style Questionnaire</i>
Abbasi, Tabatabaei, Sharbaf e Karshki (2016)	Investigar o papel dos estilos de apego na satisfação conjugal	450 casais (226 homens e 224 mulheres)	Irã	- <i>Enrich Marital Satisfaction Questionnaire</i> - <i>Simpson Attachment Styles Questionnaire</i>
Mohammadi, Samavi e Ghazavi (2016)	Investigar a relação entre estilos de apego com a satisfação conjugal	292 pessoas (146 casais)	Irã	- <i>Enrich Marital Satisfaction Questionnaire</i> - <i>Revised Adult Attachment Scale (RAAS)</i>
Bernier e Matte-Gagne (2011)	Investigar as relações entre o estilo de apego de mulheres e a satisfação conjugal de seus parceiros	52 famílias	Canadá	- <i>ECR-R</i> - <i>Adult Attachment Interview (AAI)</i> - <i>Dyadic Adjustment Scale (DAS)</i>
Jarnecke e South (2013)	Investigar os efeitos mediadores dos estilos de apego do parceiro romântico na satisfação conjugal	100 casais (99 homens e 100 mulheres) com até 12 meses de relacionamento	Estados Unidos	- <i>DAS</i> - <i>The Relationships Structures Questionnaire (ECR-RS)</i> - <i>ECR-R</i>
Banse (2004)	Investigar a relação entre o apego adulto e a satisfação no relacionamento	333 casais	Alemanha	- <i>Relationship Assessment Scale (RAS)</i> - <i>Relationship Questionnaire (RQ)</i>
Feeney (2002)	Explorar a ligação entre as medidas de apego e a satisfação conjugal	193 casais (92 entre 1 e 10 anos de casados; 101 com mais de 10 anos de casados)	Sem Informação	- <i>RQ</i> - Itens referentes as duas dimensões dos estilos de apego (conforto com a proximidade emocional e ansiedade com o fim do relacionamento) - <i>Quality Marriage Index (QMI)</i>
Harma e Sümer (2016)	Examinar o poder diferencial entre as duas dimensões do apego (ansioso e evitativo), a nível diádico, na satisfação conjugal de casais casados	1228 casais com filhos	Turquia	- <i>ECR-R (traduzido para o idioma turco)</i> - <i>Relationship Happiness Scale (RHS)</i>

Chung (2014)	Exploraram a associação entre o apego e a satisfação conjugal	208 casais no grupo ocupacional de professores (66 homens e 142 mulheres)	Coréia do Sul	- <i>Experience in Close Relationship Scale (ECR)</i> - <i>QMI</i>
Alexandrov, Cowan e Cowan, (2005)	Investigar a relação entre o apego adulto e a qualidade conjugal	146 pais (73 casais) com filhos	Estados Unidos	- <i>The couple attachment interview (CAI)</i> - <i>The couple attachment interview coding system (CAICS)</i> - <i>Short marital adjustment test (MAT)</i>
Meyers e Landsberger (2002)	Exploraram empiricamente as associações diretas e indiretas entre os estilos de apego adulto e a satisfação conjugal	73 mulheres casadas	Estados Unidos	- <i>Adult Attachment Style Questionnaire</i> - <i>Dyadic Adjustment Scale (DAS)</i>
Timm e Keiley (2011)	Investigar as relações entre diferenciação do eu, apego adulto, comunicação sexual, satisfação sexual e satisfação conjugal	205 participantes casados – não entre si - (105 mulheres e 100 homens)	Estados Unidos (+ participantes de diversas nacionalidades)	- <i>Revised Adult Attachment Scale</i> - <i>Kansas Marital Satisfaction Scale</i>
Sohrabi, Aghapour e Rostami (2013)	Responder à questão de como o estilo de apego pode ter um papel na satisfação conjugal e no perdão ⁴ .	38 homens casados	Irã	- <i>Attachment Style Questionnaire</i> - <i>Enrich Marriage Satisfaction Questionnaire</i>
Shaker, Heshmati e Rahimi (2010)	Examinar o ajuste conjugal ⁵ em diferentes estilos de apego	700 casais, entre 2 e 10 anos de casamento	Irã	- <i>Attachment Styles Scale</i> - <i>DAS</i>
Huang, Sirikantraporn, Pichayayothin e Turner-Cobb (2020)	Examinar a transmissão intergeracional da satisfação conjugal em relação ao apego romântico do casal no contexto de diferenças culturais e de gênero entre casais heterossexuais casados de Taiwan e Tailândia	173 casais heterossexuais (73 de Taiwan e 100 da Tailândia)	Taiwan e Tailândia	- <i>Experiencies in Close Relationships-Relationship Structures Questionnaire (ECR-RS)</i> - <i>Experiencies in Close Relationships-Relationship Structures Questionnaire Modified (ECR-RSM)</i> - <i>Revised Dyadic Adjustment Scale (RDAS)</i>

⁴ Comportamento positivo e admirável que faz curar as feridas afetivas e compensar a falsa ação da pessoa errante (Sohrabi, Aghapour, & Rostami, 2013).

⁵ Conforme revisão integrativa da literatura científica nacional, “ajustamento conjugal” pode ser um dos termos sinônimos de “satisfação conjugal” (Scorsolini-Comin & dos Santos, 2010). No estudo de Shaker, Heshmati, and Rahimi (2010) os autores utilizaram “ajuste conjugal” para apresentar maiores ou menores níveis de satisfação conjugal. Os autores utilizam uma dimensão para descrever os estilos de apego diferente das Hazan e Shaver (1987) e Natividade e Shiramizu (2015), a descrição foi consonante a concepção proposta por Bartholomew (1990) e Bartholomew e Horowitz (1991). Esses autores criaram quatro categoriais para analisar o apego adulto, dependendo da autopercepção e da percepção dos outros: seguro (visão positiva de si mesmo e dos outros), inseguro e ansioso (visão positiva dos outros, negativo de si mesmo), *fearful avoidant* (visão negativa dos outros e de si mesmo) e *rejecting avoidant* (visão positiva de si mesmo, negativa dos outros) (Teixeira, Ferreira & Howat-Rodrigues, 2019).

Milad, Ottenberger e Artigas (2014)	Encontrar uma relação direta entre o sistema de apego e a satisfação conjugal	294 casais heterossexuais (casados ou coabitando)	Chile	- ECR-R - Relationship Assessment Scale
Castellano, Velotti, Crowell e Zavattini (2014)	Testar se o parto (transição para parentalidade) determina mudanças na qualidade conjugal ⁶ (especificamente na satisfação diádica). E examinar se as quatro configurações de apego: Seguro/Inseguro, Inseguro/Inseguro, Seguro/Inseguro, Inseguro/Seguro), e se estão associados a satisfação	206 casais caucasianos divididos em dois grupos: “pais por escolha” (N=104) e “sem filhos por escolha” (N=102)	Itália	- AAI Current Relationship Interview (CRI) DAS
Kohn, Rholes, Simpson, Martin III, Tran e Wilson (2012)	Investigaram, em um estudo longitudinal, as mudanças na satisfação conjugal de casais durante os dois primeiros anos ⁷ de transição para a paternidade	192 casais (casados ou vivendo juntos, esperando o primeiro filho). 165 casais (6 meses após o nascimento do primeiro filho). 153 casais (12 meses). 151 casais (18 meses). E 137 casais (24 meses)	Estados Unidos	- ECR; - DAS
Möller, Philip Hwang e Wickberg (2006)	Investigar a relação entre a satisfação conjugal e os estilos de apego ⁸ em casais que se tornaram pais	251 participantes (128 mães e 123 pais)	Suécia	- RQ - DAS
Rholes, Simpson, Campbell e Grich (2001)	Testar como os estilos de apego adulto estão relacionados à percepção de apoio conjugal e aos indicadores de funcionamento conjugal ⁹ através de um estressor principal: a transição para a paternidade	106 casais (pré e pós nascimento do filho), mas com foco nas esposas ¹⁰	Estados Unidos	- Adult Attachment Questionnaire (AAQ) - DAS

⁶ Conforme revisão integrativa da literatura científica nacional, qualidade conjugal pode ser um dos termos sinônimos de “satisfação conjugal” (Scorsolini-Comin & dos Santos, 2010). Os autores ainda frisam a importância de não confundir “satisfação” com outros aspectos da “qualidade conjugal”, argumentando que quando se analisa a satisfação conjugal dos casais durante a transição para a parentalidade os dados tendem a ser inconsistentes, assim como quando se analisa a qualidade conjugal durante a transição.

⁷ Os dados começaram a ser coletados aproximadamente 6 semanas antes do nascimento do primeiro filho de cada casal. As avaliações pós-natal ocorreram aos 6, 12, 18 e 24 meses após o parto.

⁸ Os autores utilizam uma dimensão para descrever os estilos de apego diferente das Hazan e Shaver (1987) e Natividade e Shiramizu (2015), a descrição foi consonante a concepção proposta por Bartholomew (1990) e Bartholomew e Horowitz (1991).

⁹ Nos objetivos os autores se referem a funcionamento conjugal, entretanto, nos instrumentos os autores relatam mensuraram a satisfação conjugal. Utilizando à medida de Braiker e Kelley (1979), os autores investigaram a qualidade conjugal, sinônimo de satisfação conjugal (Scorsolini-Comin & dos Santos, 2010) para avaliar o amor, os conflitos, os sentimentos misturados ou ambivalentes sobre o casamento e os comportamentos de manutenção do relacionamento.

¹⁰ O foco nas esposas ocorreu em função da transição para parentalidade resultar em maiores custos energéticos para as mulheres do que para os homens, conforme proposto por Trivers (1972).

Davila e Bradbury (2001)	Identificar fatores que, quando alterados, permitiram aos cônjuges um casamento satisfatório e cuja estabilidade é baseada na satisfação e não na insegurança. Testando a hipótese de que o apego inseguro poderia estar associado a permanência em casamentos infelizes, durante os quatro primeiros anos de casamento.	172 casais recém-casados sendo este o primeiro casamento	Estados Unidos	- RAAS - MAT
Hirschberger, Srivastava, Marsh, Cowan e Cowan (2009).	Examinar as mudanças na satisfação conjugal ao longo do tempo, começando com a transição para a paternidade e se estendendo pela transição do primeiro filho para a escola primária (Grupo 1). Depois da transição para a escola primária e o ensino médio (Grupo 2). Também buscou examinar prospectivamente o efeito dos estilos de apego dos pais, medidos apenas no Grupo 2, na satisfação conjugal a partir do momento em que a criança faz a transição para o ensino fundamental e a adolescência. Também examinaram a mudança na satisfação conjugal entre ambos os grupos.	Grupo 1: 81 casais que se viram pela primeira vez entre 1979-1982, que seguiram desde a primeira gravidez até o filho ter 5,5 anos, com transição para o ensino fundamental. Grupo 2: 96 casais que se viram pela primeira vez entre 1990-1992, cujos os primeiros filhos tinham 4,5 anos e estavam próximos a fazer a transição para o ensino fundamental e foram acompanhados até os filhos completarem 14,5 anos e fizeram a transição para o ensino médio	Estados Unidos	- Inventário de Apego (17 itens baseado no questionário de apego de Bartholomew & Horowitz, 1991) - Short MAT

Descrição dos instrumentos

Com o objetivo de verificar as relações entre os estilos de apego e a satisfação conjugal, os estudos avaliados utilizaram diferentes instrumentos para mensurar os domínios de apego (ver Tabela 2) e de satisfação conjugal (ver Tabela 3), diferindo em aspectos formais como a quantidade de itens, e a forma de coletar os dados.

Observou-se maior variedade de instrumentos para mensurar os estilos de apego (n = 20) quando comparado aos instrumentos que mensuram os níveis de satisfação (n = 13), sendo que esse dado pode estar relacionado à ausência de padronização dos instrumentos e a diversidades de abordagens teóricas que estudam o mesmo conceito (Möller et al., 2006).

Tabela 2

Referências originais citadas pelos artigos analisados, instrumentos utilizados e características dos instrumentos, segundo os artigos analisados, para mensurar os estilos de apego

Referência	Instrumento	Características dos Instrumentos
Fraley, Waller e Brennan (2000)	ECR-R ¹¹	Composto por 36 itens com questões sobre apego adulto, sendo que os itens de 1 a 18 refere-se à ansiedade e os itens 19 a 36 refere-se à evitação
Hazen e Shew (1993) ¹²	<i>Adult Attachment Style Questionnaire</i>	Não consta informação
Hazan e Shaver (1987)	<i>Adult Attachment Style Questionnaire</i>	Avalia os estilos de apego com base em descrições dos estilos de apego seguro, evitativo e ambivalente/ansioso. Os respondentes devem indicar o quão descritivo cada sentença se aplica a si, com base em uma escala de 7 pontos
Hazan e Shaver (1987)	<i>Simpson Attachment Styles Questionnaire</i>	Baseado nas três frases famosas de Hazan e Shaver (1987), composta por 13 questões. Cinco questões avaliam o estilo de apego seguro e oito avaliam o estilo de apego evitativo e ambivalente
Collins e Reid (1990); revisado (1996)	RAAS ¹³	Medida de auto-relato composta por 18 itens, divididos em 3 subescalas (proximidade, dependência e ansiedade), cada subescala é composta por 6 itens. Cada item descreve um sentimento individual referente aos relacionamentos amorosos, distribuída em uma escala tipo Likert de 5 pontos
Fraley, Heffernan, Vicary e Brumbaugh (2011)	ECR-RS	Avalia o apego em diferentes contextos de relacionamento (exemplo: com os pais, parceiro romântico, amigos)
George, Kaplan e Main (1996)	AAI ¹⁴	Entrevista semi-estruturada referente às experiências de apego infantil dos participantes, com o objetivo de avaliar o estilo de apego das mães em relação ao apego quando os bebês tinham oito meses de idade

¹¹ Escala utilizada no estudo de Bernie e Matte-Gagne (2011).

¹² Referência não consta no estudo avaliado.

¹³ No estudo de Hirschberger, Srivastava, Marsh, Cowan e Cowan, (2009) a escala também é do tipo Likert, contudo, as respostas variam de 1 (extremamente não característico) a 8 (extremamente característico).

¹⁴ Escala utilizada no estudo de Bernier e Matte-Gagne (2011).

Main, Goldwyn e Hesse (2003)	AAI ¹⁵	Entrevista semiestruturada que suscita as memórias e o discurso de um adulto, sobre experiências relacionadas ao apego durante a infância. O foco da AAI é o estilo de apego atual do entrevistado, em relação aos relacionamentos de apego, avaliado com base na coerência do discurso, e não se as experiências infantis foram positivas ou negativas
Bartholomew e Horowitz (1991)	RQ	Parágrafos curtos, sobre os padrões de apego: <i>dimissing</i> ^{16,17} , seguro, preocupado e medroso, descrevendo os quatro estilos de apego, na qual os participantes precisam escolher quais sentenças melhor descrevem seus pensamentos e sentimentos em um relacionamento de proximidade
Feeney et al. (1994)	Escala para avaliar os estilos de apego	13 itens referentes as duas principais dimensões dos estilos de apego: 8 itens sobre o conforto com a proximidade e 5 itens sobre a ansiedade referente ao término do relacionamento
Brennan, Clark e Shaver (1998)	ECR ¹⁸	Escala composta por 36 itens, divididos em duas dimensões: ansioso e evitativo; 18 itens avaliando o apego ansioso (e.g., eu me preocupo em ser abandonado) e 18 avaliando o apego evitativo (e.g., eu prefiro não mostrar para o meu parceiro o quão triste estou)
Brennan et al. (1998)	ECR-R ¹⁹	Questionário composto por 36 itens em uma escala tipo Likert de 7 pontos, sendo 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Essa escala determina o estilo de apego de um indivíduo com base na relação entre as escalas de evitação e ansiedade
Cowan et. al. (1999)	CAICS	Avalia o estilo de apego do indivíduo em relação à segurança do vínculo com o parceiro por meio de uma análise de estilo de vida
Silver e Cohn (1992)	CAI	Entrevista semi-estruturada de 60 a 90 minutos, focando no participante e seu relacionamento atual com o seu/sua parceiro/a

¹⁵ Escala utilizada no estudo de Castellano et al (2014).

¹⁶ Optou-se por não traduzir o termo.

¹⁷ Conforme apresentado por Fraley e Shaver (2000), proposto por Bartholomew (1990) e Bartholomew e Horowitz (1991), o apego evitativo pode ser dividido de duas maneiras distintas: *fearful-avoidance* e *dimissing-avoidance*. O primeiro termo refere-se a uma forma de se prevenir contra a rejeição ou ser machucado pelo parceiro, enquanto o segundo refere-se a uma forma de se manter na defensiva em relação a sua autossuficiente e independência.

¹⁸ Escala utilizada no estudo de Chung (2014).

¹⁹ Escala utilizada no estudo de Milad, Ottenberger e Artigas (2014).

Hazen and Shaver (os autores não informam o ano)	<i>Attachment Style Questionnaire</i>	15 itens avaliando três estilos de apego (seguro, evitativo e mútuo) em uma escala tipo Likert de 5 pontos. Para cada subescala, 5 itens
Baseado em Bartholomew and Horowitz, 1991; Brennan et al., 1998)	<i>Attachment Styles Scale</i>	16 itens baseado em escalas de apego. Os itens se referem a pensamentos, sentimentos e comportamentos em relações interpessoais próximas, mas não se refere especificamente aos relacionamentos românticos. Os participantes avaliam até que ponto cada item era característico deles, usando uma escala de 4 pontos, variando de “não” a “muito”
Fraley, Heffernan, Vicary, e Brumbaugh (2011)	ECR-RS	É uma medida de autorrelato que avalia padrões de apego em uma variedade de relacionamentos íntimos. Nesse estudo foi focado em relacionamentos românticos adultos. O ECR-RS consiste em nove itens da escala Likert de 7 pontos, ancorando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo plenamente)
Não consta informação	ECR-RSM	O ECR-RS foi modificado para avaliar retrospectivamente a percepção dos participantes sobre o apego de suas figuras parentais. O ECR-RSM adaptou os nove itens do ECR-RS, para solicitar aos participantes que se lembrem de como as figuras parentais se relacionam entre si, medindo assim os estilos de apego das figuras parentais
Crowell e Owens (1996)	CRI	Entrevista semiestruturada que avalia como os entrevistados representam mentalmente o estilo de apego em seus relacionamentos românticos, refletido na maneira de falar sobre o relacionamento atual e no entendimento do próprio comportamento e do parceiro. Pedem-se aos indivíduos que descrevam suas experiências de apego com seus parceiros e relatem exemplos ilustrando as descrições. As entrevistas são transcritas e codificadas em três categorias principais (seguro, <i>insecure dismissing</i> ²⁰ , inseguro preocupado)
Simpsonm, Rholes, e Phillips (1996)	<i>Adult Attachment Questionnaire</i>	Participantes respondem a essa medida nos termos de como eles pensam e se sentem, de maneira geral, em relação ao seu(sua) parceiro(a) romântico(a), incluindo, mas não limitando, a seu(sua) parceiro(a). Exemplos de itens da escala de evitação inclui “ <i>Eu não gosto de pessoas se tornando muito próximas de mim</i> ”; exemplos de itens da escala de ansioso/ambivalente inclui “ <i>Os outros geralmente relutam em chegar tão perto quanto eu gostaria</i> ”. São 8 itens sobre evitação e 9 sobre ansiedade/ambivalência, avaliados em uma escala tipo Likert de 7 pontos, sendo 1 (discordo fortemente) e 7 (concordo fortemente)

²⁰ Optou-se por não traduzir o termo.

Tabela 3

Referências originais citadas pelos artigos analisados, instrumentos utilizados e características dos instrumentos, segundo os artigos analisados, para mensurar os níveis de satisfação conjugal

Referência	Instrumento	Características dos Instrumentos
Funk e Rogge (2007)	<i>Couples Satisfaction Index</i>	Escala composta por 32 itens, do tipo Likert de 6 pontos. O primeiro item, por exemplo, mede o grau de felicidade em um relacionamento em um espectro de sete pontos
Não consta informação	<i>Anrich's Marital Satisfaction Questionnaire</i>	Não consta informação
Sanayee, (2008) ²¹ ; Sanaei (2000) ²²	<i>Enrich Marital Satisfaction Questionnaire</i> ²³	115 itens divididos em 12 dimensões sobre a satisfação, a primeira dimensão é composta por cinco itens e as outras por 10 itens
Não consta autoria, (1998)	<i>Anrich's Marital Satisfaction Questionnaire</i>	Não consta informação
Spanier (1976)	DAS	Escala composta por 32 itens, fornecendo medidas confiáveis e válidas de índices globais e específicos de satisfação conjugal, por exemplo: “ <i>Com qual frequência você e seu cônjuge se beijam?</i> ”
Busby, Crane e Larson (1995)	RDAS	Questionário de autorrelato de 14 itens que mede três categorias abrangentes para avaliar a maneira como as pessoas se ajustam em seu relacionamento: (1) consenso, composto pelas subcategorias de tomada de decisão, valores e afeto. (2) Satisfação, que avalia as subcategorias de estabilidade e regulação de conflitos. (3) Coesão, que mede subcategorias de

²¹ Conforme referência do estudo de Abbasi, Tabatabaei, Sharbaf e Karshki (2016).

²² Conforme referência do estudo de Mohammadi, Samavi e Ghazavi (2016).

²³ Dados do estudo de Mohammadi, Samavi e Ghazavi (2016), no estudo os autores utilizaram uma versão reduzida, com 47 itens.

atividades e discussões. Cada item do RDAS solicita que os entrevistados classifiquem certos aspectos do relacionamento em uma escala de 5 ou 6 pontos. Para os objetivos do estudo, apenas a subescala de satisfação foi usada para análises subsequentes

Norton (1983)	QMI	Escala unidimensional, composta por 6 itens que avaliam a qualidade do relacionamento a nível global (e.g., nosso relacionamento é forte)
German translation (Sander & Böcker, 1993) da RAS (Hendrick, 1988)	RAS	Não consta informação
Fletcher, Fitness e Blampied, (1990)	RHS	Escala composta por 6 itens, avaliando a percepção de amor, felicidade, satisfação geral, estabilidade no relacionamento, seriedade de problemas e compromisso (e.g., “ <i>Meu casamento com meu marido/esposa me faz feliz</i> ”)
Schumm, Nichols, Schectman e Grigsby (1983)	Kansas Marital Satisfaction Scale	Medida de autorrelato de três itens que avalia a satisfação geral com o casamento, o cônjuge e o relacionamento conjugal
Locke e Wallace (1959)	MAT	Medida de autorrelato, composta por 15 itens para avaliar o ajuste e a satisfação conjugal, possibilitando a discriminação de comportamentos dos casais em casamentos angustiantes ou não angustiantes. Os itens se referem a aspectos relacionados as finanças, recreação, afeição, amizades e resolução de conflitos.
Olson (1989) ²⁴	Enrich Marriagem Satisfaction Questionnaire ²⁵	O questionário inclui 47 artigos de autorrelato. Cada escolha consiste em uma escala de 5 graus com um escopo de 1 a 5
Hendrick (1998)	Relationhsip Assessment Scale	Escala de 7 itens, e o participante pode marcar entre 7 e 35 pontos, em uma escala Likert de 5 pontos, variando de 1 (menor nível de satisfação) e 5 (maior nível de satisfação)

²⁴ Referência não consta no estudo avaliado.

²⁵ Dados extraído do estudo de Sohrabi, Aghapour e Rostami (2013).

Resultados Obtidos

O objetivo deste capítulo foi realizar uma revisão sistemática de literatura sobre pesquisas que investigaram a relação entre os estilos de apego e a satisfação conjugal. A partir da busca pelos termos descritores, observou-se quantidade elevada de trabalhos produzida durante 32 anos. Um aspecto importante é a quantidade de artigos produzidos ao longo dos anos: nos primeiros anos (1993 a 1996) concentra-se apenas 0,4% dos trabalhos encontrados, em contrapartida, os anos entre 2015 a 2018 apresentam os níveis mais elevados ao longo do tempo de publicação, variando entre 7,5% a 7,9% da produção. No geral, observa-se que a investigação que correlaciona os termos tem crescido nos últimos anos.

Os principais resultados serão apresentados na seguinte ordem: 1) relação entre os estilos de apego e a satisfação conjugal; 2) estilos de apego apresentados com base em outras categorias: *fearful*, *dismissing*²⁶ e *preoccupied*²⁷; 3) relação entre os estilos de apego e a satisfação conjugal com base nos anos de relacionamento; e 4) estilos de apego, satisfação conjugal, transições e aspectos culturais.

Estilos de Apego e Satisfação Conjugal

Os resultados obtidos por Abbasi et al. (2016) indicaram que os estilos de apego podem prever significativamente a satisfação conjugal, encontrando que o estilo de apego seguro apresentou relação significativamente positiva com a satisfação conjugal,

²⁶ Conforme apresentado por Fraley e Shaver (2000) o apego evitativo pode ser observado de duas maneiras distintas: *fearful-avoidance* e *dismissing-avoidance*. O primeiro termo refere-se a uma forma de se prevenir contra a rejeição ou ser machucado pelo parceiro, enquanto o segundo refere-se à manutenção da independência.

²⁷ Conforme apresentado por Fraley e Shaver (2000), pessoas que apresentam o apego *preoccupied* tem modelos positivos sobre as outras pessoas, que correspondem a disponibilidade, responsividade e atencioso.

e negativa com o apego inseguro. Nesse sentido, Timm e Keiley (2011)²⁸ verificaram relação positiva entre o apego seguro e níveis elevados de satisfação conjugal, mas não negativa.

Alexandrov, Cowan e Cowan (2005) identificaram que o estilo de apego seguro mediou os níveis de satisfação autorrelatada e a do cônjuge, ou seja, quando os maridos apresentavam estilo de apego seguro, as esposas apresentavam maior satisfação conjugal, comparado às esposas casadas com maridos com apego inseguro. As esposas em casais em que ambos apresentavam apego inseguro reportaram menores níveis de satisfação conjugal. Jarnecke e South (2013)²⁹ também identificaram que a satisfação conjugal dos maridos e das esposas estava correlacionada de forma positiva. Além disso, não houve associação entre o estilo de apego ansioso dos maridos e a satisfação conjugal das esposas.

No estudo de Sohrabi, Aghapour e Rostami (2013), os autores apontam que pessoas que apresentam o estilo de apego seguro tendem a perceber sua relação amorosa de forma mais positiva, e os que apresentam estilo apego inseguro tendem a perceber a relação de forma mais negativa. Por fim, os autores sugerem que o perdão pode melhorar o vínculo intrapessoal e o bem-estar psicológico.

No estudo de Meyers e Landsberger (2002), foi verificada uma correlação significativamente positiva entre o estilo de apego seguro e os níveis de satisfação conjugal, e relação inversa entre o estilo de apego inseguro e a satisfação. Já o estudo de Banse (2004) verificou correlação entre os estilos de apego e a satisfação em seus

²⁸ Os autores não exploraram a relação direta entre satisfação conjugal e os estilos de apego, o estudo objetivou investigar a relação direta e indireta entre as diferenças na regulação das emoções, os estilos de apego, a comunicação sexual, a satisfação sexual e a satisfação conjugal em um único modelo.

²⁹ Por ter avaliado o papel das orientações de apego pai-filho e orientações de apego de relacionamento romântico como mediadores na transmissão intergeracional da satisfação conjugal, as análises não foram direcionadas para a compreensão direta da influência dos apegos dos cônjuges na satisfação.

relacionamentos, identificando uma correlação positiva entre estilo de apego seguro e satisfação, e uma correlação negativa entre estilo de apego desorganizado³⁰ e satisfação.

Ao analisar a relação entre os estilos de apego inseguro e a satisfação conjugal do(a) cônjuge, o estudo de Harma e Sümer (2016) encontraram que para as esposas e maridos, quando eles apresentam apego evitativo e ansioso e elas o apego evitativo, ambos tendem a apresentar baixos níveis de satisfação conjugal. Por outro lado, quando as esposas apresentaram o estilo de apego ansioso, os maridos relataram níveis mais elevados de satisfação em comparação a elas. Os autores ressaltam que os níveis de satisfação foram mais associados ao próprio estilo apego evitativo do que ao estilo apego evitativo do(a) parceiro(a).

No estudo de Sina et al. (2018), verificou-se que 49% da variação da satisfação conjugal no sexo masculino foi determinada pelo seu próprio estilo de apego evitativo, e 78% da variação da satisfação conjugal no sexo feminino³¹ foi determinada pelo próprio estilo de apego evitativo. Os casais que apresentaram estilo de apego ansioso, evitativo ou ambos, relataram níveis de satisfação conjugal mais baixos. Diferente desses autores, Bernier e Matte-Gagne (2011) identificaram que não houve relação entre o estilo de apego ansioso das esposas e o nível da satisfação conjugal de seus parceiros, enquanto o estilo de apego seguro foi positivamente relacionado à própria satisfação e à satisfação do cônjuge.

A relação entre estilo de apego inseguro e baixos níveis de satisfação também foi identificada por Mohammadi et al. (2016), sendo que o estilo de apego ansioso previu

³⁰ Refere-se às crianças que, na Situação Estranha, apresentavam comportamento contraditório e/ou estratégias de *coping* incoerentes para lidarem com a situação de separação (Dalbem & Dell'Aglio, 2005).

³¹ Nos resultados, Sina et al. (2018) apontam que 77% da satisfação conjugal das esposas foi explicado, entre outros aspectos, pelo estilo de apego evitativo (análise R e R²). Já na discussão, os autores apontam que 78% da satisfação conjugal das esposas foi explicado, entre outros aspectos, pelo estilo de apego evitativo e ansioso (*stepwise regression*).

negativamente a satisfação conjugal, e o estilo de apego dependente³² apresentou relação positiva com a satisfação conjugal, e o estilo de apego seguro não apresentou relação significativa entre as variáveis, o que é inesperado. Nadiri e Khalatbari (2018) observaram níveis de satisfação conjugal mais elevados quando os cônjuges apresentavam estilo de apego seguro em comparação aos de estilo de apego inseguros, resultados semelhantes ao observado por Chung (2014).

Davila e Bradbury (2001) identificaram que os casais infelizes em sua amostra apresentaram níveis iniciais maiores de ansiedade diante do abandono, ressaltando que os maridos infelizes apresentaram os maiores níveis de ansiedade, enquanto os maridos felizes e divorciados não diferiram entre si. Em relação ao conforto com a proximidade e o conforto dependendo dos outros, não foi identificada associação destas variáveis com o nível de satisfação conjugal.

Estilos de Apego: *Fearful, Dismissing e Preoccupied*

Após o início dos estudos dos estilos de apego nos adultos, diferentes estilos foram identificados a partir das categoriais iniciais do estilo de apego evitativo (*fearful, dismissing*) e do estilo de apego ansioso (*preoccupied*). A partir dessa subdivisão, Möller et al. (2006) identificaram que o estilo de apego seguro foi o mais comum na amostra do estudo. Mais da metade dos homens com o estilo de apego *dismissing* possuíam parceiras que apresentavam o estilo de apego seguro, enquanto a maioria das mulheres com estilo de apego *dismissing* possuíam parceiros que também apresentavam estilo de apego *dismissing*. A maioria das mulheres com estilo de apego *preoccupied* se relacionam com parceiros que apresentam estilo de apego seguro, enquanto os homens

³² No artigo de Mohammadi et al. (2016) os autores utilizaram o seguinte termo “dependente attachment style”, por esse motivo, o presente trabalho optou por realizar uma tradução literal, em vez de inferir sobre qual estilo de apego inseguro os autores se referiam.

com estilo de apego *preoccupied* foram distribuídos igualmente entre parceiras que apresentavam o estilo de apego *preoccupied*.

Ao avaliar casais que são pais, Möller et al. (2006) identificaram que os estilos de apego foram preditores significativos da felicidade entre os casais que tiveram o segundo filho, mas não para os casais que foram pais pela primeira vez. As mães de um ou dois filhos que apresentaram estilo de apego *fearful* e os pais do segundo filho que apresentaram estilo de apego *dismissing* relataram níveis mais baixos de satisfação conjugal.

Avaliando a relação direta entre essas categorias e a satisfação, Shaker, Heshmati e Rahimi (2010) identificaram maior ajustamento conjugal³³ em pessoas que apresentaram o estilo de apego *fearful* e menor ajustamento conjugal em pessoas que apresentaram o estilo de apego *dismissing*.

Estilos de Apego, Satisfação Conjugal e Anos de Relacionamento

Ao avaliar a interação entre os estilos de apego e a satisfação conjugal com base nos anos de relacionamento, Feeney (2002) identificou correlação entre estilo de apego seguro e níveis de satisfação conjugal elevados, e relação entre estilo de apego ansioso e baixos níveis de satisfação para casais com menos e mais de 10 anos de relacionamento. De maneira geral, os autores identificaram níveis mais elevados de satisfação em casais com menos de 10 anos de relacionamento comparados aos casais com mais de 10 anos. A satisfação também diminuiu de forma significativa para ambos os grupos³⁴ no estudo de Hirschberger et al. (2009).

³³ Os autores utilizam o termo “*Marital Adjustment*” como sinônimo de “*Marital Satisfaction*”.

³⁴ Grupo 1: casais acompanhados pelos pesquisadores desde a primeira gravidez até o filho completar 5,5 anos e tinham feito a transição para o ensino fundamental; Grupo 2: casais cujos primeiros filhos tinha 4,5 anos e estavam prestes a fazer a transição para o ensino fundamental, sendo acompanhados até as crianças completarem 14,5 anos e terem feito a transição para o ensino médio.

Diferentemente de Feeney (2002), Milad et al. (2014) identificaram níveis de satisfação mais elevados quando os casais apresentavam maior tempo de coabitação/casamento, sendo que os homens apresentaram níveis de satisfação mais elevados comparados às mulheres, inclusive quando ambos apresentavam um estilo de apego evitativo.

Estilos de Apego, Satisfação Conjugal, Transições e Aspectos Culturais

Ao avaliar a transição para parentalidade, a partir da decisão do casal de ter ou não ter filhos, Castellano et al. (2014) identificaram que os casais que decidiram ter filhos apresentaram menor satisfação conjugal do que os casais que decidiram não ter filhos, sendo que os homens apresentaram maior satisfação em comparação às mulheres. Além disso, ao agrupar os participantes a partir do estilo de apego “generalizado” ou “específico”³⁵, verificaram-se que as configurações Inseguro generalizado / Seguro específico³⁶ e Seguro generalizado / Seguro específico³⁷ apresentaram os maiores níveis de satisfação. A configuração Inseguro generalizado

³⁵ A noção de apego “generalizado” refere-se ao estilo de apego desenvolvido na infância. O estilo de apego “específico” se desenvolve a partir das experiências de apego com o parceiro romântico.

³⁶ Padrões sugerem que o conceito de base segura se desenvolve dentro do relacionamento do casal. Um indivíduo com tal configuração tem uma representação de apego inseguro sobre as experiências da infância, mas representação de apego seguro sobre as experiências do casal. Os resultados parecem confirmar que um indivíduo com tal configuração é provável que dê um relatório positivo de sentimentos sobre o relacionamento do casal em um contexto de baixo estresse. No entanto, verificou-se que se o contexto fica mais estressante, o estilo de apego específico pode não ser suficiente para proteger o relacionamento de maior negatividade e conflito, devido a uma vulnerabilidade generalizada (p. 1014).

³⁷ A configuração segura, na qual o indivíduo tem uma representação de apego segura sobre as experiências da infância e uma representação de apego segura sobre seu parceiro. Esta configuração provavelmente será associada a percepções positivas sobre o relacionamento e baixa agressão em situações de conflito com o parceiro, devido à concordância entre os dois conjuntos de expectativas (p. 1013).

/Inseguro³⁸ específico e Seguro generalizado /Inseguro específico³⁹ apresentaram os menores níveis de satisfação.

Ao comparar o período pós-natal e pré-natal, Rholes et al. (2001) verificaram que durante a transição para a parentalidade, o estilo de apego ansioso das esposas e as percepções pré-natais de suporte do cônjuge foram preditores para a satisfação conjugal. Mulheres com estilo de apego ansioso demonstraram maior satisfação, caso elas percebessem maior suporte dos maridos, assim como eles; caso a percepção de suporte das esposas fosse baixa, os maridos relatavam menor satisfação. No pós-natal, a satisfação diminuiu para ambos os cônjuges. Não foi identificado no estudo correlações significativas entre o estilo de apego evitativo e a satisfação.

No estudo de Kohn et al. (2012), os autores identificaram que ao longo dos dois primeiros anos de transição para a parentalidade a satisfação marital diminuiu. Apesar de a trajetória média entre homens e mulheres não ter apresentado diferença significativa, as análises indicaram que, em relação à satisfação, os homens variaram mais com o nascimento da criança. As mulheres que apresentaram estilo de apego ansioso relataram menor satisfação ao perceber menor suporte dos seus maridos, e os homens que apresentavam estilo de apego ansioso antes de o bebê nascer ou conviviam com esposas que apresentavam estilo de apego ansioso, a satisfação deles diminuía de forma abrupta durante a transição para a paternidade. Quando havia maior conflito no

³⁸ A configuração insegura, na qual pessoa apresenta representação de apego insegura sobre as experiências da infância e uma representação de apego insegura sobre as experiências com o parceiro. Foi encontrado que esta configuração pode parecer vulnerável a dificuldades relacionais, incluindo níveis mais elevados de conflito agressivo e insatisfação (p. 1013-1014).

³⁹ Configuração discordante, na qual o indivíduo apresenta incompatibilidade entre a representação segura generalizada sobre suas experiências de infância, e o inseguro específico sobre suas experiências com o parceiro. Esta configuração está associada a sentimentos negativos sobre o relacionamento. Esses sentimentos negativos tendem a ser intensificados em situações estressantes, mas, ao mesmo tempo, pode haver pouca agressividade em situações de conflito. No geral, os indivíduos com tal configuração tende a ser a mais difícil, relatando infelicidade no relacionamento e comportamentos agressivos de conflito (p. 1014).

trabalho e na família, indivíduos com estilo de apego evitativo relataram menor satisfação.

Estendendo a avaliação para diferentes transições estressantes (exemplo: nascimento, transição de séries escolar), Hirschberger et al. (2009) verificaram que cônjuges que se sentiam mais seguras com seus(suas) parceiros(a) apresentaram níveis de satisfação mais elevados, e cônjuges que se sentiam menos seguros apresentaram menores níveis de satisfação, até mesmo antes do filho entrar no ensino fundamental. Os autores também apontaram diminuição na satisfação conjugal ao longo do tempo.

Diferente dos estudos anteriores, Huang et al. (2020) avaliaram a relação entre os estilos de apego e a satisfação conjugal em países não ocidentais (Taiwan e Tailândia). Os autores verificaram maiores níveis de estilo de apego ansioso e evitativo nos casais de Taiwan em comparação aos casais da Tailândia, sendo o estilo de apego ansioso negativamente associado à satisfação conjugal apenas para os casais de Taiwan, enquanto não houve associação entre a satisfação e os estilos de apego inseguros para os casais da Tailândia.

Estudos em países diferentes não necessariamente demonstram diferenças culturais (Norenzayan & Heine, 2005), por isso é importante estabelecer comparações entre sociedades que difiram por exemplo no grau de ocidentalização, industrialização, acesso à educação, riqueza - WEIRD (Henrich et al., 2010). Por isso analisamos se os resultados dos estudos em populações não WEIRD (Irã, Chile, Taiwan, Tailândia, Turquia, Coréia do Sul) foram convergentes ou divergentes das populações WEIRD (EUA, Canadá, Suécia, Itália, Alemanha).

Na maioria dos estudos em culturas WEIRD, a relação entre estilo de apego seguro e satisfação conjugal foi positiva, e a relação entre satisfação e os estilos inseguros (ansioso, evitativo e desorganizado) foi negativa. Esses resultados são válidos

quando se analisou o efeito do estilo de apego sobre a própria satisfação e a satisfação dos parceiros. Geralmente, o estilo seguro dos maridos moderou a satisfação das parceiras quando estas apresentaram estilos inseguros (e.g., ansiedade), mesmo quando a satisfação e o estilo de apego foram avaliados em situação de estresse para o casal (Timm & Keiley, 2011; Alexandrov et al., 2005; Jarnecke & South, 2013; Meyers e Landsberger, 2002; Banse, 2004; Davila & Bradbury, 2001; Rholes et al., 2001; Kohn et al., 2012; Möller et al., 2006). Em apenas dois estudos não houve associação entre estilo ansioso e satisfação (Bernier e Matte-Gagne, 2011) e entre satisfação e estilo evitativo (Rholes et al., 2001).

Nas culturas não WEIRD, verificamos convergência com as culturas WEIRD em relação à associação positiva entre satisfação e estilo seguro, e associação negativa entre satisfação e os estilos inseguros (Sohrabi et al., 2013; Harma & Sümer, 2016; Sina et al., 2018; Mohammadi et al., 2016; Huang et al., 2020). Outros estudos apresentaram resultados pouco robustos ou divergentes dos anteriores, como por exemplo, correlações fracas entre estilo seguro e satisfação, entre estilos inseguros e satisfação, maior satisfação em pessoas com apego *fearful*, maior satisfação quando o casal apresentava apego evitativo, e ausência de associação negativa entre satisfação e estilos inseguros (Nadiri & Khalatbari, 2018; Chung, 2014; Shaker et al., 2010; Milad et al., 2014; Huang et al., 2020). Há a necessidade de se verificar, portanto, se questões metodológicas ou culturais foram fatores importantes na inversão dos achados encontrados na maioria dos estudos.

Discussão

Quando os casais apresentam estilos de apego diferentes (exemplo: esposas apresentando estilos de apego inseguros e maridos seguros ou o oposto) há maior probabilidade de os cônjuges modularem os níveis de satisfação do(a) parceiro(a), e de

não terem as próprias necessidades básicas supridas (exemplo: conforto, cuidado e relacionamentos sexuais bem-sucedidos) tendendo a apresentarem maior hostilidade mútua (Alexandrov et al., 2005; Hirschberger et al., 2009; Mohammadi et al., 2016; Rholes et al., 2001).

A relação entre o estilo de apego seguro e os níveis elevados de satisfação conjugal pode ser explicada por diferentes aspectos, tais quais: níveis elevados de comunicação entre os cônjuges; crenças promovidas pelos pais durante o desenvolvimento; níveis elevados de autoconfiança e confiança no parceiro; maior apoio mútuo em seus relacionamentos; maior trato e cuidados em seus relacionamentos; atitude positiva em relação às interações com os outros; são pessoas consideradas afáveis e amigáveis; apresentam visão positiva sobre si e sobre os outros, tendendo a interpretar as relações positivamente (Abbasi et al, 2016; Belsky, 1997; Del Giudice, 2009; Ellis, 2004; Hamidi, 2007; Mohammadi, et al, 2016; Nadiri & Khalatbari, 2018; Timm & Keiley, 2011).

A relação inversa, associação entre estilos de apego inseguros e baixos níveis de satisfação conjugal, apresentam explicações diferentes a depender do estilo de apego. Para o apego evitativo, os baixos níveis podem ter relação com a tendência a evitar o estabelecimento de vínculos afetivos íntimos, culminando em sensações de inferioridade e de ansiedade em relacionamentos e comunicações sociais. As pessoas se chateiam mais com a proximidade; tendem a apresentar autoconfiança em excesso; suprimem ou escondem suas emoções; tendendo a apresentar baixa empatia, possivelmente em virtude do repertório social empobrecido (Burnette, Davis, Green, Worthington & Bradfield, 2009; Chung, 2014; Sina, Najarpourian, & Samavi, 2018).

Para o estilo de apego ansioso, os baixos níveis de satisfação podem ter relação com a busca excessiva de estabelecer vínculos afetivos íntimos; temer a rejeição; níveis

elevados ciúmes; baixa autoestima; pessimismo em relação aos relacionamentos; crenças/autorregras que produzem sofrimento (exemplo: não se julgar dignas de serem amadas ou apoiadas); tendência em ser complacente frente aos comportamentos do cônjuge; dificuldade em terminar relacionamentos, mesmo após situações de abuso ou engano (Abbasi, et. al., 2016; Chung, 2014; Henderson, Bartholomew & Dutton, 1997; Jang et al. 2002; Möller et al., 2006; Sina et al., 2018; Shaker et al., 2010). Para as esposas com estilo de apego ansioso que percebiam suporte dos maridos e relatavam maiores níveis de satisfação, este dado pode ter relação com os níveis de investimento parental por parte do parceiro (Trivers, 1972). Todavia, independente desses aspectos, casais formados por mulheres ansiosas e homens ansiosos poderiam ser mais duradouros que casais seguros, mesmo que tais casais tivessem um menor nível de satisfação (Kirkpatrick & Davis, 1994).

Em relação aos anos de relacionamento e aos níveis de satisfação, os três estudos analisados não demonstraram dados consistentes. Por mais que Feeney (2002) e Hirschberger et al. (2009) tenham identificado que a satisfação conjugal reduziu com a passagem do tempo, Milad et al (2014) verificaram relação inversa, ou seja, níveis mais elevados de satisfação com a passagem do tempo. Essa diferença pode ter relação com a amostra estudada ou ter sofrido influências de outras variáveis não controladas/analizadas nos estudos em questão, lembrando que Feeney (2002) não analisou casais em transição para parentalidade e Milad et. al., (2014) analisaram.

Ao avaliar a relação entre os estilos de apego e a satisfação conjugal a partir de transições estressoras (e.g., nascimento do filho, idade escolar), diferentes explicações podem descrever os resultados obtidos: 1) transição para parentalidade não ativou o sistema de apego; 2) percepção de suporte oferecida pelo cônjuge; 3) preocupações frente aos novos compromissos e responsabilidades familiares; 4) preservação da

autonomia e independência emocional; 5) recursos disponíveis para enfrentar mudanças; e 6) receio de não cumprir as novas demandas apresentadas no ambiente (Castellano et al., 2014; Hirschberger et al., 2009; Huang et al., 2020; Kohn et al., 2012; Möller et al., 2006; Rholes et al., 2001).

A relação entre os diferentes estilos de apego e a satisfação marital também pode ser explicada pelas crenças culturais sobre o casamento e o ideal de intimidade nos relacionamentos (Weisfeld, Weisfeld, & Dillon, 2018). Conforme apontam Huang et al. (2020), as crenças culturais e os ideais de relacionamentos íntimos podem ser diferentes a depender da sociedade, exemplo: a comunicação aberta não é desejada em países coletivistas, como na cultura Tailandesa e Taiwanesa, e esses comportamentos podem não serem considerados apropriados, pela crença de que a comunicação aberta pode indicar ruptura da harmonia do relacionamento.

Por fim, cabe ressaltar que, independente do estilo de apego, a relação entre a satisfação conjugal e os estilos de apego pode apresentar níveis e associações diferentes a depender do casal, especialmente se o casal se engaja em acompanhamento psicoterapêutico, conforme aponta Jarnecke e South (2013).

Conclusão

Um fator interessante que merece destaque refere-se à quantidade de artigos elaborados com amostras iranianas. Por mais que a maioria dos estudos tenha sido realizada no Estados Unidos, como é comum nos estudos em psicologia (Henrich et al., 2010), observou-se uma quantidade de produção elevada no Irã. O fato do país ter sido o segundo com maior investigação entre os estilos de apego e a satisfação conjugal na presente revisão pode ter relação com o alto nível de coletivismo identificado no país, na qual há o respeito por interesses sociais mais amplos, como família e amigos, em detrimento a interesses individuais, além da instituição familiar ser valorizada durante o

desenvolvimento histórico e cultural na sociedade iraniana (Javidan & Dastmalchian, 2003).

Embora estes estudos não tenham sido transculturais com o objetivo de verificar as semelhanças e as diferenças entre culturas, tal como a euroamericana e a iraniana, como propõem Norenzayan e Heine (2005), o fato de terem sido realizados em uma cultura não ocidental, e, portanto, menos *WEIRD*, é de especial relevância para se ampliar a compreensão sobre a relação entre estilo de apego e satisfação nos relacionamentos de modo não restrito a culturas ocidentais, com as suas características específicas.

Devido a diversidade de instrumentos utilizados, diferentes estilos de apego considerados (*fearfull*, evitativo, ansioso, dependente) e formas de amostragem dos casais, comparações diretas devem ser cautelosas. Chama a atenção, contudo, que mesmo em face da diversidade de instrumentos utilizados tanto para o construto de apego quanto para o construto de satisfação, grande consistência entre os estudos tenha sido encontrada, embora não seja suficiente para interpretações definitivas. A escolha pela revisão sistemática da literatura também não permite mensurar os tamanhos de efeito das análises realizadas. Por esses motivos optamos por fazer comparações utilizando um aspecto mais geral entre culturas que tem sido muito utilizado para questionar generalizações para toda a humanidade com base apenas em estudos com populações euroamericanas (Henrich et al., 2010). Com este recorte, verificamos que de um modo geral, nos estudos com culturas WEIRD e não WEIRD há uma tendência do estilo seguro estar relacionado positivamente à satisfação conjugal, ao passo que os estilos inseguros à menor satisfação. Contrariamente, alguns estudos, principalmente em populações não WEIRD, não encontraram evidências incontestáveis desta relação ou até mesmo encontraram resultados na direção oposta. Essas diferenças devem ser

analisadas cuidadosamente para verificar a influência de fatores culturais que podem moderar a relação entre satisfação e apego. Esse olhar transcultural é particularmente importante para perspectivas evolucionistas sobre o relacionamento amoroso (Weisfeld et al., 2018) que investigam a existência de universais humanos, entre eles o estilo apego considerado um forte candidato a universal (Norenzayan & Heine, 2005). Dessa forma, estudos que optem por comparações diretas entre culturas podem confirmar ou não os resultados encontrados em nossa revisão.

De todo modo, ainda que os estilos de apego possam convergir ou divergir entre os cônjuges; os relacionamentos de longo prazo, direta ou indiretamente, selecionam características individuais independente das percepções estabelecidas entre os custos e os benefícios advindos do relacionamento. Portanto, identificar a relação entre essas variáveis em relacionamentos duradouros, possibilita compreender diferentes aspectos associados aos relacionamentos amorosos como também desenvolver intervenções que proporcionem interações mais benéficas entre os cônjuges (Benson, Sevier, & Christensen, 2013; Wiebe et al., 2017).

Referências

- Abbasi, A. R. K., Tabatabaei, S. M., Sharbaf, H. A., & Karshki, H. (2016). Relationship of attachment styles and emotional intelligence with marital satisfaction. *Iranian journal of psychiatry and behavioral sciences*, *10*(3). doi: 10.17795/ijpbs-2778
- Alexandrov, E. O., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2005). Couple attachment and the quality of marital relationships: Method and concept in the validation of the new couple attachment interview and coding system. *Attachment & human development*, *7*(2), 123-152. <https://doi.org/10.1080/14616730500155170>
- Azevedo, M. I. G. B. S. (2013). *Vinculação em casais adultos e sua relação com os respectivos estilos de vinculação parental* (Master's thesis).
- Banse, R. (2004). Adult attachment and marital satisfaction: Evidence for dyadic configuration effects. *Journal of Social and Personal Relationships*, *21*(2), 273-282. <https://doi.org/10.1177/0265407504041388>
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, *7*(2), 147-178. <https://doi.org/10.1177/0265407590072001>
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of personality and social psychology*, *61*(2), 226. doi:[10.1037/0022-3514.61.2.226](https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226)
- Belsky, J. (1997). Attachment, mating, and parenting: An evolutionary interpretation. *Human Nature*, *8*(4), 361–381. <https://doi.org/10.1007/BF02913039>
- Belsky, J., Steinberg, L., & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: An evolutionary theory of socialization. *Child development*, *62*(4), 647-670. DOI: [10.1111/j.1467-8624.1991.tb01558.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1991.tb01558.x)
- Benson, L. A., Sevier, M., & Christensen, A. (2013). The impact of behavioral couple therapy on attachment in distressed couples. *Journal of Marital and Family Therapy*, *39*(4), 407-420. <https://doi.org/10.1111/jmft.12020>
- Bernier, A., & Matte-Gagné, C. (2011). More bridges: Investigating the relevance of self-report and interview measures of adult attachment for marital and caregiving relationships. *International Journal of Behavioral Development*, *35*(4), 307-316. <https://doi.org/10.1177/0165025410396766>
- Bowlby, J. (1969). Attachment and loss. Vol 1. *Attachment*. New York: Basic Books.
- Braiker, H. B., & Kelley, H. H. (1979). Conflict in the development of close relationship. In R. L. Burgess & T. L. Huston (Eds.), *Social exchange in developing relationships* (pp. 135-168). New York: Academic Press.

- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (p. 46–76). The Guilford Press.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental psychology*, 28(5), 759.
<https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.5.759>
- Burnette, J. L., Davis, D. E., Green, J. D., Worthington Jr, E. L., & Bradfield, E. (2009). Insecure attachment and depressive symptoms: The mediating role of rumination, empathy, and forgiveness. *Personality and Individual Differences*, 46(3), 276-280. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2008.10.016>
- Busby, D. M., Crane, D. R., Larson, J. H., & Christensen, C. (1995). A revision of the Dyadic Adjustment Scale for use with distressed and nondistressed couples: Construct hierarchy and multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy*, 21(3), 289–308. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.1995.tb00163.x>
- Buss, D. M. (1985). Human mate selection: Opposites are sometimes said to attract, but in fact we are likely to marry someone who is similar to us in almost every variable. *American scientist*, 73(1), 47-51.
<https://www.jstor.org/stable/27853061>
- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and brain sciences*, 12(1), 1-14.
<https://doi.org/10.1017/S0140525X00023992>
- Buss, D. M. (1995). Psychological sex differences: Origins through sexual selection.
<https://doi.org/10.1037/0003-066X.50.3.164>
- Buss, D. M., & Barnes, M. (1986). Preferences in human mate selection. *Journal of personality and social psychology*, 50(3), 559. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.3.559>
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: an evolutionary perspective on human mating. *Psychological review*, 100(2), 204.
<https://psycnet.apa.org/buy/1993-29295-001>
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (2019). Mate preferences and their behavioral manifestations. *Annual Review of Psychology*, 70, 77-110.
<https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010418-103408>
- Butzer, B., & Campbell, L. (2008). Adult attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: A study of married couples. *Personal relationships*, 15(1), 141-154. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2007.00189.x>
- Castellano, R., Velotti, P., Crowell, J. A., & Zavattini, G. C. (2014). The role of parents' attachment configurations at childbirth on marital satisfaction and conflict

- strategies. *Journal of Child and Family Studies*, 23(6), 1011-1026. doi. [10.1007/s10826-013-9757-7](https://doi.org/10.1007/s10826-013-9757-7)
- Chisholm, J. S. (1993). Death, hope, and sex: Life-history theory and the development of reproductive strategies. *Current Anthropology*, 34, 1–24. <https://doi.org/10.1086/204131>
- Chisholm, J. S. (1996). The evolutionary ecology of attachment organization. *Human Nature* 7:1–38. DOI: [10.1007/BF02733488](https://doi.org/10.1007/BF02733488)
- Chisholm, J. S. (1999). *Death, hope and sex: Steps to an evolutionary ecology of mind and morality*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511605932>
- Chung, M. S. (2014). Pathways between attachment and marital satisfaction: The mediating roles of rumination, empathy, and forgiveness. *Personality and Individual Differences*, 70, 246-251. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.06.032>
- Collins, N. L. & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.58.4.644>
- Consoli, N., Bernardes, J. W., & Marin, A. H. (2018). Laços de afeto: as repercussões do estilo de apego primário e estabelecido entre casais no ajustamento conjugal. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(2), 315-329. <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5409>.
- Corral-Verdugo, V. (2005). Psicologia Ambiental: objeto, "realidades" sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento. *Psicologia USP*, 16(1-2), 71-87. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642005000100009>
- Corrêa, H. V. V. (2011). Critérios de seleção de parceiras amorosas em relacionamentos de curto e longo prazo entre mulheres de orientação homossexual em idade reprodutiva. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Pará.
- Cowan, P. A., Cowan, C. P., Alexandrov, E. O., Lyon, S., & Heming, G. (1999). Couple attachment interview coding system. Unpublished manuscript, University of California at Berkeley
- Crowell, J. A., & Owens, G. (1996). Current relationship interview and scoring system. New York: State University of New York at Stony Brook. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/measures/content/cr_manual_4.pdf.
- Dalbem, J. X. & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100003&lng=pt&tlng=pt.

- Davila, J., & Bradbury, T. N. (2001). Attachment insecurity and the distinction between unhappy spouses who do and do not divorce. *Journal of family psychology*, 15(3), 371. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.15.3.371>
- De Luca, R., Dorangricchia, P., Salerno, L., Coco, G. L., & Cicero, G. (2017). The role of couples' attachment styles in patients' adjustment to cancer. *Oncology*, 92(6), 325-334. doi: 10.1159/000455956
- de Sousa, M., B., C., & Hattori, W., T. (2018). Estratégias sexuais e reprodutivas. In Yamamoto, M. E., Valentova, J. V., Leitão, M. B. P., & Hattori, W. T (orgs.), *Manual de psicologia evolucionista* (pp. 272-302). Natal: EDUFRN.
- Del Giudice, M. (2009). Sex, attachment, and the development of reproductive strategies. *Behavioral and Brain Sciences*. 32, 1-67. <https://doi.org/10.1017/S0140525X09000016>
- Del Giudice, M., Ellis, B. J., & Shirtcliff, E. A. (2011). The Adaptive Calibration Model of stress responsivity. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 35(7), 1562–1592. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2010.11.007>
- De-la-Torre-Ugarte-Guanilo, M. C., Takahashi, R. F., & Bertolozzi, M. R. (2011). Revisão sistemática: noções gerais. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(5), 1260-1266. Doi:[10.1590/S0080-62342011000500033](https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000500033)
- Ein-Dor, T. (2014). Facing danger: how do people behave in times of need? The case of adult attachment styles. *Frontiers in psychology*, 5, 1452. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.01452>
- Ein-Dor, T., Mikulincer, M., Doron, G., & Shaver, P. R. (2010). The attachment paradox: How can so many of us (the insecure ones) have no adaptive advantages?. *Perspectives on Psychological Science*, 5(2), 123-141. <https://doi.org/10.1177/1745691610362349>
- Ellis, B. J. (2004) Timing of pubertal maturation in girls: An integrated life history approach. *Psychological Bulletin* 130 (6), 920–958. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.130.6.920>
- Ellis, B. J., & Del Giudice, M. (2019). Developmental adaptation to stress: An evolutionary perspective. *Annual review of psychology*, 70, 111-139. DOI: [10.1146/annurev-psych-122216-011732](https://doi.org/10.1146/annurev-psych-122216-011732)
- Epifanio, M. S., Genna, V., De Luca, C., Roccella, M., & La Grutta, S. (2015). Paternal and maternal transition to parenthood: the risk of postpartum depression and parenting stress. *Pediatric reports*, 7(2). PMID: [26266033](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26266033/)
- Feeney, J. A. (1996). Attachment, caregiving, and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 3(4), 401-416.

- Feeney, J. A. (2002). Attachment, marital interaction, and relationship satisfaction: A diary study. *Personal Relationships*, 9(1), 39-55. <https://doi.org/10.1111/1475-6811.00003>
- Feeney, J. A., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of personality and Social Psychology*, 58(2), 281. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.2.281>
- Feeney, J. A. (1994). Attachment style, communication patterns and satisfaction across the life cycle of marriage. *Personal Relationships*, 1(4), 333-348. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1994.tb00069.x>
- Fernandez, A. M., Shiramizu, V., K., M., & Valentova, J., V. (2018). *Dinâmica e Qualidade de Relacionamentos: Manutenção e Dissolução*. In Yamamoto, M. E., Valentova, J. V., Leitão, M. B. P., & Hattori, W. T (orgs.), *Manual de psicologia evolucionista* (pp. 364-384). Natal: EDUFRN.
- Fletcher, G. J., Fitness, J., & Blampied, N. M. (1990). The link between attributions and happiness in close relationships: The roles of depression and explanatory style. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 9(2), 243-255. <https://doi.org/10.1521/jscp.1990.9.2.243>
- Fraley, R. C., Heffernan, M. E., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2011). The experiences in close relationships—Relationship Structures Questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological Assessment*, 23(3), 615-625. <https://doi.org/10.1037/a0022898>
- Funk, J. L., & Rogge, R. D. (2007). Testing the ruler with item response theory: Increasing precision of measurement for relationship satisfaction with the Couples Satisfaction Index. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 572-583. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.21.4.572>
- Galvão, T. F., Pansani, T. D. S. A., & Harrad, D. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24, 335-342. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>
- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1996). Adult attachment interview.
- Gomes, I. S., & de Oliveira Caminha, I. (2014). Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 20(1), 395-411. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.41542>
- Hamidi, F. (2007). A study on the relationship between attachment styles and marital satisfaction in married students of teacher training university.

- Harma, M., & Sümer, N. (2016). Are avoidant wives and anxious husbands unhappy in a collectivist context? Dyadic associations in established marriages. *Journal of Family Studies*, 22(1), 63-79. <https://doi.org/10.1080/13229400.2015.1024711>
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of personality and social psychology*, 52(3), 511. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- Henderson, A. J. Z., Bartholomew, K. & Dutton, D. G. (1997) He loves me, he loves me not: Attachment and separation resolution of abused women. *Journal of Family Violence*, 12, 169–91. doi. [1023/A:1022836711637](https://doi.org/10.1023/A:1022836711637)
- Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 50(1), 93–98. <https://doi.org/10.2307/352430>
- Hendrick, S. S., Hendrick, C., & Adler, N. L. (1988). Romantic relationships: Love, satisfaction, and staying together. *Journal of personality and social psychology*, 54(6), 980. DOI: [10.1037/0022-3514.54.6.980](https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.980)
- Henrich, J., Heine, S. J., & Norenzayan, A. (2010). Most people are not WEIRD. *Nature*, 466(7302), 29. <https://doi.org/10.1038/466029a>
- Hirschberger, G., Srivastava, S., Marsh, P., Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2009). Attachment, marital satisfaction, and divorce during the first fifteen years of parenthood. *Personal Relationships*, 16(3), 401-420. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2009.01230.x>
- Huang, C. Y., Sirikantraporn, S., Pichayayothin, N. B., & Turner-Cobb, J. M. (2020). Parental Attachment, Adult-Child Romantic Attachment, and Marital Satisfaction: An Examination of Cultural Context in Taiwanese and Thai Heterosexual Couples. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(3), 692. <https://doi.org/10.3390/ijerph17030692>
- Jang, S. A., Smith, S., & Levine, T. (2002). To stay or to leave? The role of attachment styles in communication patterns and potential termination of romantic relationships following discovery of deception. *Communication Monographs*, 69(3), 236-252. <https://doi.org/10.1080/03637750216543>
- Jarnecke, A. M., & South, S. C. (2013). Attachment orientations as mediators in the intergenerational transmission of marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 27(4), 550. <https://doi.org/10.1037/a0033340>
- Javidan, M., & Dastmalchian, A. (2003). Culture and leadership in Iran: The land of individual achievers, strong family ties, and powerful elite. *Academy of Management Perspectives*, 17(4), 127-142. <https://doi.org/10.5465/ame.2003.11851896>
- Kim, P., & Swain, J. E. (2007). Sad dads: paternal postpartum depression. *Psychiatry (edgmont)*, 4(2), 35. PMID: [20805898](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20805898/)

- Kirkpatrick, L. A. & Davis, K. E. (1994) Attachment style, gender and relationship stability: A longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 502-512. Doi. [10.1037//0022-3514.66.3.502](https://doi.org/10.1037//0022-3514.66.3.502)
- Kiviniemi, A. A. I., Wasz-Höckert, O., Seitamo, L. K., Joskitt, L. O., Heikkinen, H. P., Moilanen, I. K., & Ebeling, H. E. (2011). The association between parental images and satisfaction in intimate relationships in a Northern Finland sample. *International journal of circumpolar health*, 70(2), 215-227. <https://doi.org/10.3402/ijch.v70i2.17805>
- Kohn, J. L., Rholes, S. W., Simpson, J. A., Martin III, A. M., Tran, S., & Wilson, C. L. (2012). Changes in marital satisfaction across the transition to parenthood: The role of adult attachment orientations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 38(11), 1506-1522. <https://doi.org/10.1177/0146167212454548>
- Laland, K. N., Sterelny, K., Odling-Smee, J., Hoppitt, W., & Uller, T. (2011). Cause and effect in biology revisited: is Mayr's proximate-ultimate dichotomy still useful?. *science*, 334(6062), 1512-1516. DOI: [10.1126/science.1210879](https://doi.org/10.1126/science.1210879)
- Lalumiere, M. L., & Quinsey, V. L. (1996). Sexual deviance, antisociality, mating effort, and the use of sexually coercive behaviors. *Personality and Individual Differences*, 21(1), 33-48. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(96\)00059-1](https://doi.org/10.1016/0191-8869(96)00059-1)
- Li, N. P., & Kenrick, D. T. (2006). Sex similarities and differences in preferences for short-term mates: What, whether, and why. *Journal of personality and social psychology*, 90(3), 468. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.90.3.468>
- Locke, H. J., & Wallace, K. M. (1959). Short marital-adjustment and prediction tests: Their reliability and validity. *Marriage and family living*, 21(3), 251-255. DOI: [10.1891/1061-3749.21.3.502](https://doi.org/10.1891/1061-3749.21.3.502)
- Lopes, C. E., (2008). Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(1), 1-13. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452008000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Lu, L. (2006). The transition to parenthood: Stress, resources, and gender differences in a Chinese society. *Journal of Community Psychology*, 34(4), 471-488. <https://doi.org/10.1002/jcop.20110>
- Maestripieri, D. (2009). The contribution of comparative research to the development and testing of life history models of human attachment and reproductive strategies. *Behavioral and Brain Sciences*, 32(1), 37-38. doi:[10.1017/S0140525X09000193](https://doi.org/10.1017/S0140525X09000193)
- Main, M., Goldwyn, R., & Hesse, E. (2003). The Adult Attachment Interview: Scoring and Classification System. Version 7.2. Unpublished manuscript, University of California, Berkeley.

- Marchand, J. F. (2004). Husbands' and wives' marital quality: The role of adult attachment orientations, depressive symptoms, and conflict resolution behaviors. *Attachment & Human Development*, 6(1), 99-112. doi. 10.1080/14616730310001659575
- Meyers, S. A., & Landsberger, S. A. (2002). Direct and indirect pathways between adult attachment style and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 9(2), 159-172. <https://doi.org/10.1111/1475-6811.00010>
- Milad, H. E., Ottenberger, R. D., & Artigas, H. D. (2014). Associations among attachment, sexuality, and marital satisfaction in adult Chilean couples: a linear hierarchical models analysis. *Journal of sex & Marital therapy*, 40(4), 259-274. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2012.756840>
- Mohammadi, K., Samavi, A., & Ghazavi, Z. (2016). The relationship between attachment styles and lifestyle with marital satisfaction. *Iranian Red Crescent Medical Journal*, 18(4). doi: 10.5812/ircmj.23839
- Möller, K., Philip Hwang, C., & Wickberg, B. (2006). Romantic attachment, parenthood and marital satisfaction. *Journal of reproductive and infant Psychology*, 24(3), 233-240. <https://doi.org/10.1080/02646830600821272>
- Nadiri, M., & Khalatbari, J. (2018). Study of Marital Satisfaction in Students Based on Psychological Components of Attachment Style, Perfectionism and Conflict Resolution. *BRAIN. Broad Research in Artificial Intelligence and Neuroscience*, 9(3), 120-127.
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale-Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia usp*, 26(3), 484-494. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140086>
- Norenzayan, A., & Heine, S. J. (2005). Psychological universals: What are they and how can we know?. *Psychological bulletin*, 131(5), 763. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.131.5.763>
- Norton, R. (1983). Measuring marital quality: A critical look at the dependent variable. *Journal of Marriage and the Family*, 141-151. doi. [10.2307/351302](https://doi.org/10.2307/351302)
- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2015). Romantic attachment and family functioning: The mediating role of marital satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, 24(11), 3482-3495. doi. [10.1007/s10826-015-0150-6](https://doi.org/10.1007/s10826-015-0150-6)
- Pollet, T. V., & Saxton, T. K. (2019). How diverse are the samples used in the journals 'Evolution & Human Behavior' and 'Evolutionary Psychology'?. *Evolutionary Psychological Science*, 5(3), 357-368. <https://doi.org/10.1007/s40806-019-00192-2>

- Quinlan, R. J. (2007). Human parental effort and environmental risk. *Proceedings of the Royal Society of London B*, 274, 121–125.
<https://doi.org/10.1098/rspb.2006.3690>
- Rebello, K. S. S., Shattuck, K. S., Silva Júnior, M. D., Brito, R. C. S. Marriage in Brazil: Preliminary Findings Using the MARQ. In: Carol Weisfeld; Glenn Weisfeld; Lisa Dillon. (Org.). *The Psychology of Marriage: An Evolutionary and Cross-Cultural View*. 1ed. Detroit: Lexington Books, 2018, v. , p. 141-148.
- Regan, P. C., Medina, R., & Joshi, A. (2001). Partner preferences among homosexual men and women: What is desirable in a sex partner is not necessarily desirable in a romantic partner. *Social Behavior and Personality: an international journal*, 29(7), 625-633. <https://doi.org/10.2224/sbp.2001.29.7.625>
- Resende, B. D., Ripardo, R., C., & Oliva, A., D. (2018). *Psicologia Evolucionista e algumas contribuições para a compreensão do Desenvolvimento Humano*. In: Yamamoto, M. E., Valentova, J. V., Leitão, M. B. P., & Hattori, W. T (orgs.), *Manual de psicologia evolucionista* (pp. 410-430). Natal: EDUFRN.
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., Campbell, L., & Grich, J. (2001). Adult attachment and the transition to parenthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(3), 421. doi:[10.1037/0022-3514.81.3.421](https://doi.org/10.1037/0022-3514.81.3.421)
- Sanayee B. Family and marriage scales [in Persian]. Tehran, Iran: Besat; 2008.
- Sanaei B. Marriage and Family Assessment Scale. Tehran: Verayesh editing; 2000
- Santrock, J.W. (1995). *Life-span development* (5th ed.). Madison, WI: Brown & Benchmark.
- Schmitt, D. P. (2005). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture, and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences*, 28(2), 247-275. <https://doi.org/10.1017/S0140525X05000051>
- Schmitt, D. P. (2007). Sexual strategies across sexual orientations: How personality traits and culture relate to sociosexuality among gays, lesbians, bisexuals, and heterosexuals. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 18(2-3), 183–214. https://doi.org/10.1300/J056v18n02_06
- Schumm, W. R., Nichols, C. W., Schectman, K. L., & Grigsby, C. C. (1983). Characteristics of responses to the Kansas Marital Satisfaction Scale by a sample of 84 married mothers. *Psychological Reports*, 53(2), 567–572. <https://doi.org/10.2466/pr0.1983.53.2.567>
- Schwarz, S., & Hassebrauck, M. (2012). Sex and age differences in mate-selection preferences. *Human Nature*, 23(4), 447-466. <https://doi.org/10.1007/s12110-012-9152-x>

- Scorsolini-Comin, F., & dos Santos, M. A. (2010). Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-531. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300015>
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (1997). Marital satisfaction in evolutionary psychological perspective. *Satisfaction in close relationships*, 7-25.
- Shaker, A., Heshmati, R., & Rahimi, M. P. (2010). Investigation of Marital adjustment in people with secure, preoccupied, dismissing and fearful attachment styles. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 5, 1823-1826. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2010.07.371>
- Silver, D. H., & Cohn, D. A. (1992). Couple attachment interview. Unpublished manuscript, University of California at Berkeley
- Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991). Personality and sexuality: Empirical relations and an integrative theoretical model. In K. McKinney & S. Sprecher (Eds.), *Sexuality in close relationships* (pp. 71–92). Hillsdale, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates, Inc. 10.4324/9781315807423-9
- Sina, F., Najarpourian, S., & Samavi, S. A. (2018). The Prediction of Marital Satisfaction Through Attachment Styles and Love Story. *Iranian Journal of Psychiatry and Behavioral Sciences*, 12(4). doi: [10.5812/ijpbs.62774](https://doi.org/10.5812/ijpbs.62774).
- Sohrabi, R., Aghapour, M., & Rostami, H. (2013). Inclination to forgiveness and marital satisfaction regarding to mediator attachment styles' role. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 84, 1622-1624. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2013.07.002>
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15–28. <https://doi.org/10.2307/350547>
- Teixeira, R. C. R., Ferreira, J. H. B. P., & Howat-Rodrigues, A. B. C. (2019). Collins and Read Revised Adult Attachment Scale (RAAS) validity evidences. *Psico*, 50(2), 29567. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.29567>
- Timm, T. M., & Keiley, M. K. (2011). The effects of differentiation of self, adult attachment, and sexual communication on sexual and marital satisfaction: A path analysis. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 37(3), 206-223. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2011.564513>
- Tinbergen, N. (1963). On aims and methods of ethology. *Zeitschrift für tierpsychologie*, 20(4), 410-433. <https://doi.org/10.1111/j.1439-0310.1963.tb01161.x>
- Todorov, J. C. (2007). A Psicologia como o estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(spe), 57-61. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000500011>

- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. In: B. Campbell (Ed.), *Sexual Selection and the Descent of Man 1871–1971*, (pp. 136–179). Chicago: Aldine
- Valentova, J., V., & Veloso, V. (2018). Estratégias sexuais e reprodutivas. In. Yamamoto, M. E., Valentova, J. V., Leitão, M. B. P., & Hattori, W. T (orgs.), *Manual de psicologia evolucionista* (pp. 303-328). Natal: EDUFRRN.
- Weisfeld, C., Weisfeld, G., Dillon, L. (2018). (Org.). *The Psychology of Marriage: An Evolutionary and Cross-Cultural View*. 1ed. Detroit: Lexington Books.
- Wiebe, S. A., Johnson, S. M., Burgess Moser, M., Dalgleish, T. L., & Tasca, G. A. (2017). Predicting follow-up outcomes in emotionally focused couple therapy: The role of change in trust, relationship-specific attachment, and emotional engagement. *Journal of marital and family therapy*, *43*(2), 213-226.
<https://doi.org/10.1111/jmft.12199>
- Zhang, L., Lee, A. J., DeBruine, L. M., & Jones, B. C. (2019). Are sex differences in preferences for physical attractiveness and good earning capacity in potential mates smaller in countries with greater gender equality?. *Evolutionary Psychology*, *17*(2), 1474704919852921.
<https://doi.org/10.1177/1474704919852921>

Capítulo 2:

Influências de traços de personalidade da tríade sombria e dos estilos de apego adulto
sobre a satisfação nos relacionamentos amorosos

Leonardo Boaventura Martins, Mauro Silva Júnior

Resumo

Os relacionamentos de longo prazo são arranjos universais, no qual grande parte dos indivíduos se envolvem nesse tipo de relacionamentos ao longo da vida. As percepções e avaliações acerca dos custos e benefícios dos relacionamentos são concebidas com base nas características individuais dos parceiros. Potenciais fontes de custos à manutenção do relacionamento são os estilos de apego adulto e os traços de personalidade antissociais dos parceiros devido a possibilidade de abandono do relacionamento ou de exploração dos recursos do parceiro que podem afetar a satisfação. Considerando isso, o presente trabalho buscou investigar associações entre os estilos de apego (ansiedade e evitação) e a satisfação amorosa; e 2) os traços que compõem a *DT* (maquiavelismo, narcisismo e psicopatia) e a satisfação amorosa de casais heterossexuais inseridos em relacionamentos de longo prazo. Participaram da pesquisa 94 casais, selecionados por conveniência, em sua maioria jovens, namorando e sem filhos. Utilizou-se as versões adaptadas, com evidências de validade para o Brasil, da Escala do Amor, da *Experience in Close Relationships – Reduzida* e da *Dark Triad Dirty Dozen*. Os dados dos casais foram tratados como dados diádicos, supondo a não independência entre eles. Foram realizadas análises fatoriais confirmatórias para testar as propriedades psicométricas dos instrumentos, as quais identificaram índices de consistência interna de maquiavelismo como bons, os de psicopatia como regulares para bons, os das escalas do amor e ansiedade como regulares, os de evitação como pobres, e os de narcisismo como extremamente pobres, motivo pelo qual esse último não foi incluído nas análises subsequentes. Foram realizadas Structural Equation Models nos dados para verificar a covariância entre os escores dos casais. Os resultados indicaram que níveis elevados de ansiedade para as mulheres previram menores níveis de satisfação amorosa para elas e os parceiros. Níveis elevados de evitação para as mulheres previram positivamente a satisfação amorosa para ambos os membros do casal, enquanto os níveis de evitação dos homens previu positivamente apenas os níveis de satisfação deles. Para os traços que compõem a tríade sombria, apenas a psicopatia previu negativamente a satisfação autorreferida. Evidenciou-se que as características individuais afetaram os níveis de satisfação individuais e do(a) parceiro(a) conforme previsto para o fator de ansiedade e psicopatia, no entanto confirmou parcialmente as previsões para evitação e não confirmou para o maquiavelismo. De um modo geral, os resultados indicam que a satisfação dos casais esteve mais associada aos seus próprios estilos de apego e traços antissociais que os dos parceiros, talvez porque indivíduos com traços negativos elevados não tenham sido selecionados para o desenvolvimento de um relacionamento ou porque os traços negativos não foram direcionados ao parceiro amoroso. Estudos adicionais devem confirmar essas hipóteses testando o nível de ciúme e de coerção dentro do relacionamento. Por fim, os resultados para ansiedade e psicopatia confirmam a associação desses traços com menor investimento em relacionamentos de longo prazo.

Palavras-chave: satisfação no relacionamento, estilos de apego adulto, tríade sombria.

Abstract

Long-term relationships are universal arrangements, in which most individuals will engage during the course of their lives. The perceptions and assessments of the costs and benefits of romantic relationships are assessed by the characteristics of one's partner. Adult attachment styles and antisocial personality traits are potential sources of costs to the maintenance of the relationship due to the possibility of dissolution or the exploitation of the partner. The present work sought to investigate the associations between attachment styles (anxiety and avoidance) and relationship satisfaction; and 2) the traits that compose a DT (machiavellianism, narcissism, and psychopathy) and the relationship satisfaction of heterosexual couples in a long-term relationship. 94 couples participated, sampled by convenience, whose mostly were young, not married, and childless. We use the adapted versions, with evidence of validity for Brazil of the Love Scale, the Experience in Close Relationships - Reduced and the Dark Triad Dirty Dozen. We supposed non-independence of the couples scores which treated as diadic. We performed CFA's to test the psychometric properties of each scale, where we identified the internal consistence indexes of machiavellism as good, psychopath and as regular to good, love and anxiety as regular, avoidance as poor, and narcissism as extremely poor, the reason why the latter were excluded from the subsequent analyses. We performed SEM's to test the covariance between couples' scores. The main results indicated that women's higher scores of anxiety negatively predicted lower levels satisfaction for their partners and themselves. Women's higher scores of avoidance positively predicted satisfaction for both members of the couple, while men's avoidance scores positively predicted their own levels of satisfaction only. For the traits that compose DT, only psychopathy negatively predicted satisfaction for women. The regular, poor and extremely poor indexes factors indicate that...As predicted, one's personal characteristics predicted oneself and the partner's satisfaction levels for anxiety and psychopath, however partially confirmed the predictions for avoidance and did not confirmed for machiavellism. In general, the results suggest that one's satisfaction was mostly tracked by their own attachment styles and antisocial traits than by their partners' instead. We hypothesize that the individuals chose partners whose levels of negative traits were not high in a way to increase the costs of the relationship or because the negative traits were not directed to the partners. Additional studies may test this hypothesis using jealousy and coercion as proxies of costs towards partners. In conclusion, results for anxiety and psychopath confirm their association with lower investment in long-term relationships.

Keywords: marital satisfaction, attachment styles, dark triad.

Introdução

Para compreender o comportamento humano, Tinbergen (1963) propôs que os comportamentos fossem analisados a partir das causas distais (história filogenética e função adaptativa) e proximais (ontogênese e causas imediatas) (Bateson & Laland, 2013; Laland, Brown & Brown, 2011). Os comportamentos sexuais e amorosos dos seres humanos foram e continuam sendo moldados tanto pelas causas distais: ocultação do ciclo menstrual, incerteza da paternidade, proteção da prole e o investimento parental; quanto pelas causas proximais: traços e características individuais, tais quais: os estilos de apego e os traços antissociais de personalidade (Benshoof & Thornhill, 1979; Bowlby, 1969; Chapais, 2013; Hazan & Shaver, 1987; Lukas & Clutton-Brock, 2013; Paulhus & Jones, 2015).

O comportamento sexual pode ser de curto ou de longo prazo a depender do grau de comprometimento no relacionamento (Buss & Schmitt, 1993) sendo que, neste último, observa-se o desenvolvimento do amor romântico em culturas ocidentais. O amor romântico é uma variável que influencia a criação e o estabelecimento de vínculos emocionais entre as pessoas (Buss & Schmitt, 1993; França, Natividade, & de Araújo, 2016; Gangestad & Simpson, 2000).

Quando duas pessoas decidem se engajar em um relacionamento amoroso, sejam elas heterossexuais ou homossexuais, entende-se que esses indivíduos estão inseridos em um relacionamento monogâmico⁴⁰, a despeito de haver ou não exclusividade sexual⁴¹ de ambas as partes (Fisher, 1989; Mulder, 2009). Monogamia trata-se de um sistema de acasalamento em espécies primatas, sem haver contrato social (Dixon, 2012). Na espécie humana, a monogamia é percebida como aspecto que possui benefícios

⁴⁰ Segundo de Sousa e Hattori (2018), monogamia é um tipo de associação na qual nenhum dos sexos tem a oportunidade de monopolizar mais de um indivíduo do sexo oposto para reproduzir-se.

⁴¹ Exclusividade sexual refere-se as condições contratuais estabelecidas pelos cônjuges nos seus relacionamentos românticos (Treas & Giesen, 2000).

reprodutivos (seja na quantidade ou na qualidade da relação), reduz a propagação de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), aumenta a qualidade do relacionamento (exemplo: reduz os níveis de ciúme e aumenta a confiança e a satisfação) e proporciona benefícios à família (exemplo: educar os filhos) (Conley, Ziegler, Moors, Matsick, & Valentine, 2013).

Além da monogamia ser percebida como aspecto socialmente positivo, Russell e Wells (1994) identificaram que diferentes características individuais (e.g., traços de personalidade dos cônjuges, frequência de contato familiar e qualidade do casamento) podem influenciar nos níveis de felicidade e na satisfação conjugal. Guiando-se pelos princípios da Psicologia Evolucionista (PE), a satisfação amorosa é a uma variável importante a ser estudada, e descreve a relação entre custos e benefícios percebidos no relacionamento (Shackelford & Buss, 1997), sendo que os custos e os benefícios não estão relacionados apenas aos aspectos financeiros ou ao *status* do parceiro/a, mas também aos fatores que se referem às características individuais, como os estilos de apego (Ver capítulo 1).

O apego da criança ao seu cuidador primário (Ainsworth & Wittig, 1969; Bowlby, 1969) é descrito como um modelo interno de funcionamento ou como um conjunto de crenças e sentimentos internalizados a partir da interação interpessoal, considerado um fenômeno que acompanha as pessoas durante a vida (Simpson, Rholes, & Phillips, 1996; Julal, Carnelley, & Rowe, 2017). Para a Psicologia Evolucionista do Desenvolvimento, o sistema de apego é considerado uma resposta adaptativa ao ambiente específico de desenvolvimento e às condições ecológicas, tais como o investimento parental (Bjorklund & Pellegrini, 2002), acionado, inclusive, em outros relacionamentos importantes ao longo da vida do indivíduo, tais como os amorosos (Azevedo, 2013; Consoli, Bernardes, & Marin, 2018; Hazan & Shaver, 1987)

Para identificar os estilos de apego apresentados pelos infantes Ainsworth (1913-1999) criou um procedimento denominado “Situação Estranha” (Ainsworth & Wittig, 1969). Em contrapartida, motivados a avaliar a extensão da teoria para os adultos, Hazan e Shaver (1987), verificaram nos adultos resultados similares aos das crianças, o que reforça a noção de modelos internos de funcionamento, sugerindo uma continuação dos estilos de apego durante as fases do desenvolvimento.

Após as constatações de Hazan e Shaver (1987), foi desenvolvido a *Adult Attachment Questionnaire* (AAQ), um dos primeiros instrumentos destinados a avaliar empiricamente os estilos de apegos apresentados pelos adultos (Simpson, Rholes & Nelligan, 1992). Além da AAQ, outros instrumentos foram desenvolvidos, motivados pelas críticas sofridas por Hazan e Shaver, tais quais: caráter de escolha forçada do instrumento ao classificar os indivíduos de forma categórica, impossibilidade de gradação dos estilos, além de inviabilidade de avaliar diferenças individuais (Feeney, 2008; Fraley & Shaver, 2000; Natividade & Shiramizu, 2015).

Em função das críticas mencionadas, instrumentos foram criados para mensurar os estilos de apego de maneira contínua e dimensional (Fraley & Shaver, 2000; Natividade & Shiramizu, 2015). A *Experience in Close Relationships* (ECR), desenvolvida por Brennan, Clark e Shaver (1998), avalia o apego a partir de duas dimensões ortogonais: “ansiedade relacionado ao apego” e “evitação relacionado ao apego”. Devido a extensão da escala ECR (36 itens), Wei, Russell, Mallinckrodt e Vogel (2007) desenvolveram a *Experience in Close Relationships – Short form* (ECR-R), composta por 12 itens. A escala ECR-R apresenta evidências de validade para o português do Brasil por Natividade e Shiramizu (2015).

Diferentes escalas são utilizadas para avaliar a relação entre os estilos de apego e a satisfação amorosa. Ao investigar pesquisas que utilizaram a ECR para avaliar essa

relação, constatou-se uma defasagem de estudos, provavelmente devido à extensão do instrumento bem como o tempo para respondê-lo (Natividade & Shiramizu, 2015). Por outro lado, há estudos que utilizaram a ECR-R para avaliar os estilos de apego e as influências nos níveis de satisfação sexual (Brennan et. al., 1998; Fraley, Waller, & Brennan, 2000; Ver Capítulo 1). Em resumo, os estudos apontam, de forma não sistemática, associação entre o estilo de apego seguro e maior satisfação conjugal, e entre os estilos de apego inseguros (ansiedade e evitação) e menor satisfação conjugal (Brassard, Lussier, & Shaver, 2009; Guerrero, Farinelli, & McEwan, 2009; Hirschberger, Srivastava, Marsh, Cowan, & Cowan, 2009; Rholes, Simpson, Campbell, & Grich, 2001; Ver Capítulo 1). Sendo que essas associações podem ser influenciadas por aspectos culturais e de parentalidade (Huang, Sirikantraporn, Pichayayothin, & Turner-Cobb, 2020).

Para explicar a tendência encontrada sobre o estilo de apego seguro prever maior satisfação amorosa em comparação aos estilos de apego inseguros, diferentes autores destacam que as características associadas ao apego seguro, como maior autoconfiança e confiança em seus parceiros, níveis mais elevados de empatia, maior comunicação e menor preocupação em ser rejeitado, que contribuem para o desenvolvimento de relacionamentos mais satisfatórios (Abbasi, Tabatabaei, Sharbaf, & Karshki, 2016; Chung, 2014; Nadiri & Khalatbari, 2018).

Assim como os estilos de apego são desenvolvidos e afetados por variáveis presentes na infância, os traços de personalidade, a partir das condições socioambientais, são construídos também durante a infância, o que sugere que a forma como as crianças são tratadas pode influenciar na formação da sua personalidade (Jonason, Webster, Schmitt, Li, & Crysel, 2012; Jonason, Lyons, & Bethell, 2014; McDonald, Donnellan, & Navarrete, 2012).

Para a PE, os traços de personalidade, bem como as psicopatologias, são considerados variáveis contínuas, pois as pessoas apresentam, seja em maior ou menor grau, traços que compõem diferentes dimensões da personalidade (Brüne et al., 2012). Pesquisas apontam que casais que apresentam maior homogamia (similaridade) nos traços de personalidade experimentam maiores níveis de satisfação conjugal em comparação a casais que apresentam menor homogamia (Robins, Caspi, & Moffitt, 2000; Figueredo, Sefcek, & Jones, 2006), indicando que os traços de personalidade são preditores importantes em relação ao quão felizes os indivíduos se sentem em seus relacionamentos românticos (O'Meara & South, 2019).

A partir de 2002, três traços de personalidade antissociais, sob o rótulo de Tríade Sombria, do inglês *Dark Triad (DT)*, passaram a receber mais atenção por parte dos pesquisadores (Paulhus & Williams, 2002). São eles: maquiavelismo, caracterizado por traços de comportamento manipulativos e enganadores; narcisismo, composto por traços de comportamento de grandiosidade, dominância e superioridade; e psicopatia, caracterizado por traços de comportamento de alta impulsividade, podendo resultar em condutas externalizantes (desinibição) e falta de empatia e remorso, o que descreve as pessoas como frias e cruéis (Gouveia, Monteiro, Gouveia, Athayde, & Cavalcanti, 2016).

Por mais que cada traço tenha origem distinta por apresentarem características comuns, são considerados e compreendidos juntos (Furnham, Richards, & Paulhus, 2013; Jonason, Kavanagh, Webster, & Fitzgerald, 2011; Jones & Figueredo, 2013; Rauthmann, 2012). Cabe salientar, ainda, que nenhum traço da tríade é avaliado clinicamente (Paulhus & Williams, 2002; Gouveia, Monteiro, Gouveia, Athayde, & Cavalcanti, 2016).

Independente do caráter antissocial, os traços que compõem a tríade sombria foram provavelmente selecionados e se mantêm por serem características funcionais para os indivíduos. O traço maquiavélico configura-se como uma alternativa para lidar com situações que interferem na percepção de segurança e de bem-estar frente aos desafios ecológicos. Assim, os indivíduos, em grupo ou individualmente, podem desenvolver comportamentos manipuladores para amenizar os efeitos das consequências custosas ou para aumentar as chances de sucesso frente aos desafios (Christie & Geis, 2013; Paulhus & Williams, 2002). O traço narcisista, por estar associado aos níveis positivos e elevados na autopercepção, maximiza as oportunidades frente à seleção intersexual, além de apresentar associação com níveis mais elevados de esforço para acasalamento (Alvarez & Jaffe, 2004; Egan & McCorkindale, 2007). Por fim, o traço psicopático representa uma estratégia evolutiva alternativa, focada em comportamentos de ‘trapaça’ para lidar com ambientes hostis, com base em situações de impasses e de conflitos (*trade-off*) (Barr & Quinsey, 2004; Crawford & Salmon, 2002; da Silva, Rijo, & Salekin, 2015; Glenn & Raine, 2009; Raine, 2013).

Os instrumentos comumente utilizados para mensurar a tríade sombria e os seus traços é o *Short Dark Triad (SD-3)* (Jones & Paulhus, 2014) e o *Dark Triad Dirty Dozen (DTDD)* (Jonason & Webster, 2010). A DTDD foi validada para a população brasileira (Gouveia et. al., 2016). Recentemente, um estudo confirmou a invariância da medida da DTDD em ambos os sexos em oito regiões do mundo (culturas WEIRD e não WEIRD), cujos resultados confirmaram que os homens apresentam maiores escores que as mulheres em todas as três dimensões, exceto para o traço da psicopatia no continente asiático (Rogoza et al., 2020).

Estudos que investigaram correlações entre a tríade sombria e as estratégias sexuais identificaram uma correlação positiva entre a tríade e a preferência por

relacionamentos de curto prazo; e uma correlação negativa entre a tríade e preferência por relacionamentos de longo prazo (da Silva, Rijo, & Salekin, 2015; Figueredo et al., 2005; Gladden, Figueredo, & Jacobs, 2009; Glenn, Kurzban, & Raine, 2011; Jonason, Koenig & Tost, 2010; Jonason & Tost, 2010; Jonason, Luevano, & Adams, 2012; Machluf & Bjorklund, 2015; Olderbak & Figueredo, 2010; McDonald, Donnellan, & Navarrete, 2012; Szepeswol, Griskevicius, Simpson, Young, Fleck, & Jones, 2017).

Resumidamente, diferentes estudos identificaram relação positiva entre a tríade sombria e seus traços, com alto esforço para o acasalamento, relacionamentos de curto prazo, número elevados de parceiros(as) sexuais; e relação negativa entre a tríade e à satisfação com a vida e os componentes de relacionamentos amorosos (exemplo: intimidade, comprometimento e paixão). Pessoas que apresentam níveis elevados dos traços da tríade apresentam menor probabilidade em se comprometerem com outros indivíduos e, quando se comprometem, são mais inclinados a se engajarem em “jogos emocionais” com seus parceiros, além da maior probabilidade de considerar possíveis amantes (Ali & Chamorro-Premuzic, 2010; Campbell & Foster, 2002; Campbell, Foster, & Finkel, 2002; Crawford & Salmon, 2002; Furnham, Richards, & Paulhus, 2013; Glenn & Raine, 2009; Lalumiere & Quinsey, 1996).

Pesquisas que investigaram a relação entre a tríade e a satisfação amorosa verificaram correlação negativa entre a pontuação dos cônjuges na tríade e a satisfação conjugal. Especificamente, cônjuges que apresentam traços de psicopatia relatam níveis mais baixos de satisfação conjugal, por outro lado, homens com traço maquiavélico apresentam correlação positiva com os níveis de satisfação conjugal relatado pelas esposas (Smith, Hadden, Webster, Jonason, Gesselman, & Crysel, 2014; Weiss, Lavner, & Miller, 2018).

Conforme revisão sistemática apresentada no capítulo 1 (ver capítulo 1), os estudos que avaliam a influência dos estilos de apego na satisfação conjugal tendem a investigar indivíduos inseridos em relacionamentos amorosos, sem parear os cônjuges membros de um mesmo relacionamento. Além disso, a partir de uma rápida busca no banco de dados da *Web of Science*, identificou-se maior produção de artigos investigando a relação entre a *dark triad* e os relacionamentos de curto prazo quando comparado aos relacionamentos de longo prazo.

Por isso o presente estudo, ao considerar a influência dos estilos de apego e dos traços de personalidade antissocial que compõem a tríade sombria na satisfação amorosa, investigou relações entre 1) as dimensões de apego (Ansiedade e Evitação) e a satisfação amorosa de casais inseridos em relacionamentos de longo prazo; e 2) os traços que compõem a tríade sombria (Maquiavelismo, Narcisismo e Psicopatia) e a satisfação amorosa de casais inseridos em relacionamentos de longo prazo.

Especificamente, buscou-se: 1) avaliar se há correlação entre os estilos de apego individual entre os membros do casal; avaliar se há correlação entre os traços de personalidade antissocial individual entre os membros do casal; 2) investigar o poder preditivo dos estilos de apego individual sobre a própria e a satisfação conjugal do(da) parceiro(a); e 3) investigar o poder preditivo dos traços antissociais de personalidade individuais sobre a própria e a satisfação amorosa do(da) parceiro(a).

Método

Participantes

A amostra foi composta por 188 participantes, residentes no Brasil, sendo 72 casais heterossexuais (102 pessoas relataram estar namorando, 36 casadas, 2 em união estável, 2 namorando e morando juntos e 2 noivados), com tempo de relacionamento

variando entre 12 a 324 meses ($M = 56,82$, $DP = 58,82$) e idade variando entre 17 e 58 anos ($M = 25,46$, $DP = 7,44$). 15 casais homossexuais femininos (24 pessoas relataram estar namorando, 5 casadas e 1 em união estável) com tempo de relacionamento variando entre 12 a 60 meses ($M = 31,30$, $DP = 15,11$) e idade variando entre 17 e 41 na os ($M = 23,13$, $DP = 5,68$); e 7 casais homossexuais masculinos (9 pessoas relataram estar namorando, 4 casados e 1 em união estável) com tempo de relacionamento variando entre 17 a 188 meses ($M = 50,07$, $DP = 59,05$) e idade variando entre 20 e 40 na os ($M = 28,21$, $DP = 7,30$). Outras estatísticas descritivas estão apresentadas na Tabela 1 (Anexo “F”)⁴².

Como critério de exclusão foram desconsiderados casais com menos de um ano de relacionamento para diminuir os efeitos do fenômeno lua de mel⁴³ (Lorber, Erlanger, Heyman & O’Leary, 2015), assim como casais que estiverem em relacionamento poliamoroso ou em relacionamento aberto. Não foi critério de exclusão da amostra possuir relacionamento reconhecido oficialmente no âmbito civil ou religioso, de modo a garantir que casais homossexuais e heterossexuais possuíssem as mesmas chances de participar do estudo.

Instrumentos:

- Questionário socioeconômico:

O questionário foi baseado em Rebello (2012), e adaptado para os objetivos da pesquisa. Contém questões sobre idade, estado civil, religião, renda, etnia, tempo de relacionamento, quantidade de filhos, entre outras questões, de modo a identificar o perfil socioeconômico dos cônjuges.

⁴² Questões avaliadas para o desenvolvimento de pesquisas futuras que objetivem compreender relações entre as variáveis individuais e os níveis de satisfação conjugal estão no Anexo G.

⁴³ Tendência de os cônjuges apresentarem níveis iniciais de satisfação mais elevadas com o relacionamento amoroso.

- Escala do Amor do Marriage and Relationships Questionnaire (MARQ) – Brasil:

Construída a partir do *Marriage and Relationship Questionnaire* (Russel & Wells, 2000), e composta por 235 itens de verdadeiro e falso e questões de múltipla escolha, esta escala possui evidência de validade para a população brasileira por de França, Natividade e Lopes (2016), relatando alfa de Cronbach de 0,83. A Escala do Amor do *Marriage and Relationships Questionnaire* (MARQ) – Brasil é composta por nove itens, para mensurar o amor romântico em casais em relacionamento estável, dispostos em escala Likert de 5 pontos, sendo 1 = nem um pouco e 5= muito, como exemplo: “*Seu relacionamento tem um lado romântico?*”.

- Versão Brasileira da *Experience in Close Relationships* – Reduzida (ECR-R-Brasil):

Baseado na escala de *Experience in Close Relationships-Short* (ECR-S), composta por 12 itens (Wei, Russel, Mallinckrodt, & Vogel, 2007), a ECR-R-Brasil possui evidências de validade para a população brasileira por Natividade e Shiramizu (2015), relatando alfa de Cronbach de 0,73. O instrumento é composto por 10 itens (cinco para mensurar a ansiedade e cinco para mensurar a evitação, ambas relacionadas ao estilo de apego adulto nos relacionamentos amorosos). Os itens são em escala tipo Likert de 7 pontos, sendo 1 = discordo totalmente e 7 = concordo totalmente, na qual a maior escore aponta maiores níveis nas dimensões de ansiedade e de evitaçãoso apego. Um exemplo de item para avaliar a ansiedade é: “*Eu preciso de muitas garantias de que sou amado por meu(minha) parceiro(a)*”; um exemplo de item para evitação é “*Ajuda muito poder contar com meu(minha) parceiro(a) em momentos de necessidade*”.

- Dark Triad Dirty Dozen – DTDD:

Baseado na escala *Dark Triad Dirty Dozen* (Jonason & Webster, 2010; Rogoza et al., 2020), possui evidências de validade para a população brasileira por Gouveia, Pereira, Gouveia, Athayde e Cavalcanti (2016), relatando alfa de Cronbach de 0,85. O instrumento é composto por 12 itens, distribuídos igualmente nos três traços da tríade sombria: maquiavelismo (exemplo: “*Bajular pessoas para conseguir o que quer*”); narcisismo (exemplo: “*Busca prestígio ou status*”); e psicopatia (exemplo: “*Tem falta de remorso*”), dispostos em escala Likert de 5 pontos, sendo 1= discordo totalmente e 5 = concordo totalmente. Seu uso é pensado para amostras não clínicas de narcisismo e psicopatia, não sendo utilizada, portanto, para diagnóstico psiquiátrico dos participantes.

- Campo de Observação:

Após preencher todo o instrumento, foi acrescentado um espaço para que o/a participante pudesse buscar suporte, acolhimento ou sanar dúvidas com os pesquisadores. Para isto, o/a participante tinha que sinalizar se desejaria ou não algum contato posterior por parte dos pesquisadores. Caso a resposta fosse positiva, o/a participante precisava compartilhar um contato telefônico ou o *e-mail*.

Procedimento

Os participantes foram recrutados por meio de convite presencial e virtual (online), de maneira aleatória e por meio do método *snowball* (para compreensão: Dewes, 2013). No recrutamento virtual, os casais homossexuais femininos e masculinos, bem como os casais heterossexuais, foram recrutados via convite a preencherem um cadastro para fornecer dados telefônicos e e-mail para contato posterior. Essa estratégia foi necessária devido à maior dificuldade de se encontrar

casais homossexuais na população. No recrutamento presencial, os casais foram convidados a participar após a explicação dos objetivos das pesquisas.

A partir do cadastro, os participantes foram contactados para marcar dia, local e horário mais conveniente para os membros do casal e o pesquisador. Durante a coleta, o pesquisador leu junto com os participantes o TCLE. Após a assinatura, cada membro do casal foi alocado em uma sala de maneira que nenhum dos membros conseguisse se comunicar com o(a) parceiro(a). Nenhum contato foi permitido com o/a parceiro/a ou o uso de qualquer tipo de equipamento eletrônico. Após a alocação de cada participante, o pesquisador leu junto aos participantes o TCLE e solicitou, caso aos participantes que aceitaram participar da pesquisa, a assinatura dos participantes. Depois da assinatura, os questionários foram entregues dentro de um envelope para que os participantes preenchessem. Após as respostas, os participantes devolveram os instrumentos dentro do envelope.

Todos os envelopes foram codificados (ex. A1 e A1 para casais compostos por homossexuais do sexo feminino; B1 e B1 para casais homossexuais do sexo masculino; e C1 e C1 para casais heterossexuais) antes de serem entregues aos participantes, especialmente para identificar o responsável pelo preenchimento, homem ou mulher, nos casais heterossexuais. Os dados ficaram sob a responsabilidade dos pesquisadores e foram descartados em caso da desistência de um dos membros do casal ou de ambos.

Devido a pandemia da *Sars-Cov-2*, a coleta de dados foi adaptada para o contexto virtual de março a outubro de 2020. Dessa forma, os participantes preenchiam o cadastro de participantes para o pesquisador entrar em contato posteriormente, conforme era feito para as coletas presenciais. Durante a coleta de dados, ambos os cônjuges eram instruídos sobre a pesquisa e, posteriormente, convidados a responder a pesquisa em ambientes diferentes, sendo que ao menos um cônjuge tinha que manter a

câmera de vídeo ligada e ambos manter o áudio ligado. Essa estratégia foi aplicada para evitar que os participantes interferissem nas respostas do outro. Sendo 9 dados advindos da coleta presencial e 85 da virtual

Equipe de Coleta

As coletas foram realizadas com a colaboração dos(as) alunos(as) de graduação e estagiário do grupo de pesquisa do Laboratório de Psicologia Evolucionista, da Universidade de Brasília, matriculados entre 1º/2019 e 1º/2020.

Análise de Dados

A análise de dados foi conduzida nos programas RStudio (1.3.1093), PASW Statistics 18 e o Microsoft Excel (2013).

Considerações Analíticas Iniciais

Dados diádicos são aqueles provenientes de pesquisas voltadas às relações interpessoais, incluindo namoro, casamento, relação mãe–bebê, dentre outras (Kenny et al., 2006). Os dados da presente pesquisa podem ser entendidos como diádicos, em que a unidade de análise consiste na díade (i.g., o casal), e não os indivíduos (i.g., os membros dos casais). Uma maneira de demonstrar a não-independência dos dados diádicos é conduzir correlações de *Pearson* entre os escores dos casais. Essas análises são apresentadas brevemente no início da seção de resultados, seguindo a convenção mais conservadora de adotar um nível de significância de 0,20 para essas análises (nas demais análises reportadas, o critério convencional foi adotado, $\alpha = 0,05$).

Uma vez que os dados de casais não são independentes entre si (i.e., as respostas às escalas dos membros dos casais possivelmente estão correlacionadas; ver Kenny et

al., 2006), a abordagem preferencial é conduzir as análises levando em consideração a dependência dos dados ao nível das díades, por exemplo, por meio de modelos lineares mistos (*mixed linear models*; MLMs) ou por meio de modelagem por equações estruturais (*structural equation modeling*; SEM). As decisões das estratégias analíticas descritas a seguir tiveram como pano de fundo as considerações sobre a não-independência dos escores entre membros das díades. Nas referências ao tamanho amostral, n se referirá ao número de casais, a unidade de análise do estudo. O número de indivíduos da amostra será, portanto, $2n$.

Propriedades Psicométricas dos Instrumentos

Para investigar as propriedades psicométricas dos instrumentos, uma série de análises fatoriais confirmatórias (*confirmatory factor analyses*; CFAs) foram realizadas. Duas considerações devem ser feitas em relação a esta análise. Primeiro, Kenny et al. (2006) diferenciam díades *distinguíveis*, em que os membros da díade podem ser discriminados em função de algum fator com sentido (e.g., amigos de sexo biológico distintos, relação entre empregador e empregado), de díades *indistinguíveis*, em que os membros da díade não podem ser discriminados em função de algum fator com sentido (e.g., amigos do mesmo sexo, relação entre dois empregados com o mesmo cargo).

Indivíduos que fazem parte de casais heterossexuais podem ser distinguidos um do outro em função de seu sexo biológico (masculino, feminino). Em contrapartida, em casais homossexuais masculinos ou femininos, os membros da díade são indistinguíveis—pelo menos em princípio—em função de algum fator com sentido. Esta distinção é importante, pois as técnicas analíticas mais adequadas a díades distinguíveis e indistinguíveis diferem entre si (Kenny et al., 2006).

Assim, devido ao baixo tamanho amostral ($n = 94$, considerando todos os casais; $n = 72$, considerando apenas díades distinguíveis) as CFAs foram feitas ao nível dos indivíduos. Para atingir esse objetivo, levando em consideração a não-independência das respostas entre membros de cada casal, um membro de cada casal foi aleatoriamente amostrado, compondo um banco de dados com 94 indivíduos, para que as CFAs fossem realizadas considerando-se as respostas apenas destes indivíduos.

O Modelo 1 ajustou o resultado da Escala de Amor, considerando que os nove itens carregariam em um único fator (França et al., 2016). O Modelo 2a buscou ajustar os 10 itens do ECR-R-Brasil em uma solução bifatorial, com cinco itens carregando no fator ansiedade e os outros cinco carregando no fator evitação, conforme solução encontrada por Natividade e Shiramizu (2015). Antecipando a qualidade do ajuste do Modelo 2a não ser adequada (ver Tabela 1), foi adotada, a seguir, uma abordagem exploratória. A inspeção à matriz de correlações com os 10 itens sugeriu que a baixa qualidade do ajuste poderia ser ocasionada pelo item 3 (“*Eu recorro ao(à) meu(minha) parceiro(a) para muitas coisas, incluindo para conforto e segurança emocional.*”), originalmente do fator *evitação*, que se correlacionou com itens do fator *ansiedade* (item 2: $r = 0,27$, $p = 0,01$; item 8: $r = 0,29$, $p = 0,005$). Assim, cogitando-se a possibilidade de que esse item apresentasse cargas cruzadas nos dois fatores, ele foi excluído do modelo subsequente; e o Modelo 2b foi idêntico ao Modelo 2a, exceto que o item 3 não foi inserido na análise. Em todos os modelos precedentes, não foram estabelecidas restrições quanto à covariância entre fatores.

O Modelo 3a buscou ajustar os 12 itens do DTDD em um modelo *bifactor*. Em um modelo *bifactor*, primeiro especifica-se que todos os itens devem carregar em um fator comum; em seguida, a variância residual de diferentes itens é ajustada em dois ou mais fatores ortogonais entre si e em relação ao fator comum; assim, a variância de cada

item é explicada por duas fontes distintas, um fator comum a todos os itens, e um fator específico (maquiavelismo, narcisismo ou psicopatia) a um subconjunto dos itens que carregam em cada fator (Dominguez-Lara & Rodriguez, 2017). A solução *bifactor* foi a mais adequada em um estudo prévio de evidências de validade conduzido no Brasil (Gouveia et al., 2016).

O Modelo 3a não apresentou convergência, de modo que buscou-se ajustar dois modelos concorrentes. Em ambos, manteve-se a solução trifatorial, porém sem o fator geral testado no Modelo 3a. Os Modelos 3b e 3c diferiram em um aspecto fundamental: no Modelo 3b, as covariâncias entre fatores foram fixadas em 0, tal como deveria ocorrer no modelo *bifactor*; no Modelo 3c, por sua vez, as covariâncias foram parâmetros livres, estimados a partir dos dados.

As CFAs foram conduzidas utilizando o pacote *lavaan* (Rosseel, 2020), no *software* R (R Core Team, 2020). Em todos os modelos, foi utilizado o estimador *weighted least squares means and variance adjusted* (WLSMV) e, com exceção dos Modelo 3a e 3b, a ortogonalidade entre fatores não foi exigida (Brown, 2015). A qualidade do ajuste foi avaliada por meio de índices de ajuste absolutos (χ^2 padronizado, que consiste na razão de χ^2 por graus de liberdade, *gl*), um índice de “má qualidade” do ajuste, a raiz do erro quadrático médio de aproximação (*root mean square error of approximation*; RMSEA) e índices de ajuste incrementais, o índice de ajuste comparativo (CFI) e o índice Tucker–Lewis (TLI).

Para que se assuma que os modelos têm níveis de ajuste adequados, sugere-se que o χ^2 padronizado seja inferior a 3 (Hair et al., 2009). Valores baixos da RMSEA indicam que valores preditos pelo modelo não diferem substancialmente dos observados, onde 0 é considerado o melhor ajuste (Kline, 2011). Sugere-se que a RMSEA seja inferior a 0,06 (ou que o limite superior de seu intervalo de confiança de

90% seja inferior a 0,08 (Brown, 2015; Hair et al., 2009). O CFI e o TLI mensuram a melhoria no ajuste do modelo em relação a um modelo base, geralmente um modelo que assume a independência entre itens (Kline, 2011). Diferem entre si pelo fato de que o CFI é um índice padronizado (i.e., varia entre 0 e 1), enquanto o TLI não tem tais limites (Hair et al., 2009). Valores próximos a 1 indicam melhor ajuste, sendo que se sugere que valores estejam próximos ou superiores a 0,95 (Brown, 2015).

Por fim, computou-se o alfa de Cronbach e o Ômega total (ω_{Total}), índices de consistência interna dos itens dos fatores, usando os pacotes *psych* (Revelle, 2008) e *MBESS* (Kelley, 2007), respectivamente. Itens com cargas negativas em seus respectivos fatores nas CFAs foram invertidos antes do cálculo dos índices de consistência interna. O ω_{Total} possui a mesma interpretação do alfa de Cronbach, sendo mais adequado quando o pressuposto de modelos de mensuração tau (τ) equivalentes não é atendido (i.e., quando as cargas fatoriais dos itens em seus respectivos fatores são heterogêneas; McNeish, 2018), o que é tipicamente o caso em ciências comportamentais. Em escalas congenéricas, em que o pressuposto de tau equivalência é violado, o alfa de Cronbach—mas não o ω_{Total} —tende a subestimar o valor real da consistência interna de medidas (McNeish, 2018).

Análises Principais

A Figura 1 apresenta o *actor-partner interdependence model* (APIM; Kenny et al., 2006). Esse modelo conceitual permite testar se variáveis predictoras medidas para ambos os membros de uma díade (X_1 e X_2) predizem os escores dos membros da díade em variáveis critério (Y_1 e Y_2), ao mesmo tempo em que controla estatisticamente os efeitos das demais variáveis predictoras inseridas no modelo (i.e., os efeitos de X_1 são estimados controlando para os efeitos de X_2 no modelo e vice-versa). O modelo também permite estimar as covariâncias que as variáveis predictoras possuem entre si,

$Cov(X_1, X_2)$, assim como as covariâncias que as variáveis critério possuem entre si, $Cov(E_1, E_2)$.

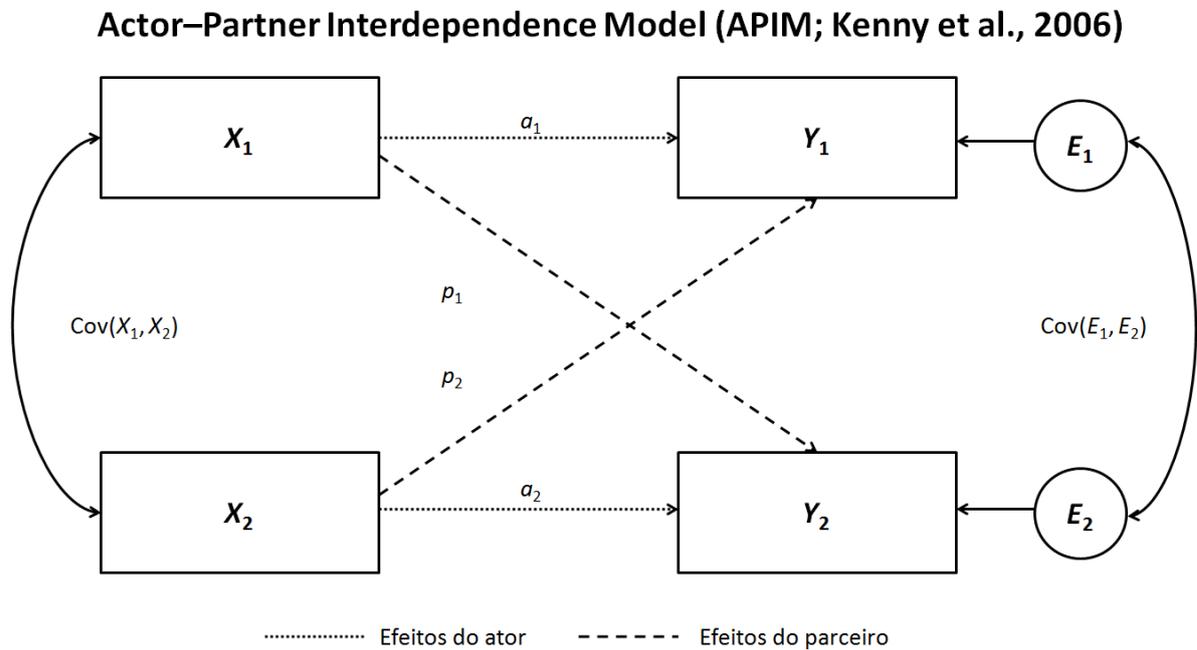


Figura 1. Modelo *actor–partner interdependence model*, sendo que a_1 representa o efeito da variável preditora de um dos membros da díade, X_1 , sobre a variável critério desse mesmo membro da díade, Y_1 . De maneira análoga, a_2 representa o efeito da variável preditora do outro membro da díade, X_2 , sobre a variável critério desse mesmo membro da díade, Y_2 . Os efeitos representados por a_1 e a_2 são denominados de *efeitos do ator*, por se referir à avaliação de como uma variável de um indivíduo afeta outra variável do mesmo indivíduo. O coeficiente p_1 representa o efeito da variável preditora de um dos membros da díade, X_1 , sobre a variável critério de seu cônjuge, Y_2 . De maneira análoga, p_2 representa o efeito da variável preditora do outro membro da díade, X_2 , sobre a variável critério de seu cônjuge, Y_1 . Os efeitos representados por p_1 e p_2 são denominados de *efeitos do parceiro*, por se referir à avaliação de como uma variável de um dos parceiros da díade afeta uma variável de outro parceiro da díade.

Cook e Kenny (2005) descrevem diferentes estratégias analíticas para lidar com dados diádicos, incluindo métodos baseados em regressão, métodos baseados em modelos lineares mistos e métodos baseados em modelagem por equações estruturais (*structural equation modelling*, SEM). Esta última opção foi escolhida neste trabalho, por ser a mais genérica das três. O método de estimação dos coeficientes foi o *full information maximum likelihood* (FIML), que deriva as estimativas baseado em toda a informação disponível no banco de dados.

As análises foram restritas aos casais heterossexuais ($n = 74$). Em cada modelo, as variáveis preditoras foram tomadas duas a duas, uma para cada membro do casal. Por exemplo, os escores em evitação de indivíduos do sexo masculino (X_1) e do sexo feminino (X_2) foram preditores dos níveis de amor de indivíduos do sexo masculino (Y_1) e do sexo feminino (Y_2). Neste modelo, os coeficientes estimados indicam o poder preditivo de cada variável preditora, controlando para os efeitos dos demais preditores inseridos no modelo.

Os Modelos 4–7 testaram os efeitos preditivos das variáveis dos casais sobre os níveis de amor dos casais (i.e., variável critério). Os modelos diferiram apenas em função das variáveis preditoras usadas em cada caso: ansiedade (Modelo 4), evitação (Modelo 5), maquiavelismo (Modelo 6), psicopatia (Modelo 7). Nestas análises, os escores fatoriais inseridos no modelo foram baseados nas médias aritméticas dos itens de cada fator, com itens com cargas negativas tendo sido invertidos antes do cálculo dos escores fatoriais. Idealmente, deveria-se utilizar os escores individuais para estimar tanto um modelo de mensuração (i.e., os fatores que explicam as variâncias dos itens) quanto um modelo estrutural (i.e., o modelo que testa as relações teóricas hipotetizadas entre os construtos; Hair et al., 2009). No entanto, devido ao baixo tamanho amostral nestas análises ($n = 74$), somado à quantidade de parâmetros a serem estimados em uma

SEM completa, optou-se por uma abordagem simplificada, de modo a potencializar as chances de obter estimativas dos parâmetros.

Resultados

Foi identificado que os homens apresentaram média significativamente maior que as mulheres em evitação com tamanho de efeito moderado ($F_{1,144} = 12,074$, $p = 0,001$, $\eta^2 = 0,078$), enquanto as mulheres apresentaram média em ansiedade maior que os homens, porém esse resultado não foi significativo ($F_{1,144} = 1,871$, $p = 0,174$). Em relação aos traços da tríade sombria, as mulheres apresentaram maiores médias em maquiavelismo ($F_{1,144} = 0,244$, $p = 0,622$) e narcisismo ($F_{1,144} = ,184$, $p = 0,669$), mas esses resultados não foram significativos, ao passo que homens apresentaram média significativamente maior em psicopatia ($F_{1,144} = 34,028$, $p = 0,018$, $\eta^2 = 0,039$) com tamanho de efeito pequeno. Não houve diferenças entre os sexos quando comparados na média do escore total da tríade sombria ($F_{1,144} = 0,170$, $p = 0,681$) e da escala do amor ($F_{1,144} = 0,434$, $p = 0,511$). Estes dados estão ilustrados na Tabela 1.

Tabela 2

Média e Desvio Padrão dos estilos de apego (Ansiedade e Evitação) e dos traços antissociais de personalidade (Maquiavelismo, Narcisismo, Psicopatia) e do Amor para os Homens as e Mulheres Heterossexuais.

	Maquiavelismo	Narcisismo	Psicopatia	Ansiedade	Evitação	Amor
Homens Heterossexuais	6,40 (2,62)	10,12 (3,78)	7,15 (2,43)	3,54 (1,25)	2,15 (0,75)	4,70 (0,350)
Mulheres Heterossexuais	6,63 (3,08)	10,38 (3,60)	6,18 (2,42)	3,28 (1,05)	1,71 (0,74)	4,73 (0,293)

Não-Independência dos Escores

As correlações de *Pearson* entre os escores dos membros dos casais heterossexuais ($n = 74$), em uma base item a item, indicaram 13 de 31 correlações significativas ($r_s = 0,17-0,62$), o que corresponde a aproximadamente 0,42 das correlações testadas (embora o α tenha sido conservador, $\alpha = 0,20$, a proporção de correlações significativas ficou relativamente acima do valor definido). Deste modo, assumiu-se que os escores entre os membros dos casais heterossexuais são não-independentes entre si. Devido ao baixo tamanho amostral, esse pressuposto não foi testado para casais homossexuais masculinos e femininos; adotou-se a abordagem mais conservadora de não rejeitar a não-independência, na ausência de testes que permitissem essa rejeição.

Análises Fatoriais Confirmatórias

A Tabela 3 apresenta os índices de qualidade do ajuste dos dados aos diferentes modelos testados por meio das CFAs. Os Modelos 2a e 3b (de apego e de DTDD, respectivamente) mostraram índices insatisfatórios, conforme o recomendado por metodólogos (Brown, 2015; Hair et al., 2009; Kline, 2011), enquanto o Modelo 3a falhou em convergir.

Os Modelos 1, 2b e 3c (Escala Amor, ECR-R e DTDD, respectivamente) apresentaram índices de qualidade do ajuste satisfatórios. A Escala Amor apresentou consistência interna regular ($\alpha = 0,74$, $\omega_{Total} = 0,74$), com cargas fatoriais padronizadas dos itens variando entre 0,461 e 0,892. O Modelo 2b, ajustado em alternativa ao Modelo 2a, teve índices de ajuste adequados, embora o limite superior do IC 90% do RMSEA tenha ficado ligeiramente acima do que é recomendado por metodólogos (e.g., Brown, 2015; Hair et al., 2009). Os cinco itens do fator ansiedade tiveram cargas fatoriais padronizadas variando entre 0,462 e 0,786, com índices de

consistência interna regulares ($\alpha = 0,69, \omega_{Total} = 0,71$). Os quatro itens do fator evitação tiveram cargas fatoriais padronizadas variando entre $|0,460|$ e $|0,764|$, com índices de consistência interna pobres ($\alpha = 0,52, \omega_{Total} = 0,57$; valores calculados após a inversão dos itens com cargas negativas no fator evitação).

Comparações entre os Modelos 3b e 3c indicaram que o Modelo 3c (não ortogonal) melhorou significativamente o ajuste dos dados, em relação ao Modelo 3b (ortogonal), $\chi^2(3) = 71,035, p < 0,001$. Os quatro itens do fator maquiavelismo tiveram cargas fatoriais padronizadas variando entre 0,732 e 0,887, com índices de consistência interna bons ($\alpha = 0,83, \omega_{Total} = 0,84$). Os quatro itens do fator psicopatia tiveram cargas fatoriais padronizadas variando entre 0,615 e 0,855, com índices de consistência interna regulares para bons ($\alpha = 0,78, \omega_{Total} = 0,80$). Por fim, os quatro itens do fator narcisismo tiveram cargas fatoriais padronizadas variando entre 0,185 e 0,607, com índices de consistência interna extremamente pobre ($\alpha = 0,37, \omega_{Total} = 0,38$). Neste último fator, dois itens tiveram cargas fatoriais padronizadas muito baixas (DDTD09 = 0,185; DDTD11 = 0,194). No entanto, a análise do alfa de Cronbach indicou que a retirada de quaisquer dos itens não implicaria em melhoria da consistência interna do instrumento. Desse modo, optou-se por não incluir o fator de narcisismo nas análises subsequentes, devido à sua baixa consistência.

Tabela 3*Índices de Qualidade do Ajuste dos Dados aos Modelos*

Modelo	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>	χ^2/gl	CFI	TLI	RMSEA [IC 90%]
Modelo 1	25,466	27	0,548	0,943	1,000	1,004	< 0,001 [< 0,001, 0,075]
Modelo 2a	84,865	34	< 0,001	2,496	0,869	0,826	0,127 [0,093, 0,161]
Modelo 2b	29,847	26	0,274	1,148	0,986	0,981	0,04 [< 0,001, 0,094]
Modelo 3a	–	–	–	–	–	–	–
Modelo 3b	426,189	54	< 0,001	7,892	0,728	0,668	0,272 [0,249, 0,297]
Modelo 3c	59,778	51	0,187	1,172	0,994	0,992	0,043 [0,000, 0,082]

Nota. Modelo 1 = Escala Amor (unifatorial); Modelo 2a = ECR (bifatorial); Modelo 2b = ECR (bifatorial, excluindo o item 3); Modelo 3a = DTDD (*bifactor*, trifatorial); Modelo 3b = DTDD (trifatorial, ortogonal); Modelo 3c = DTDD (trifatorial, não-ortogonal); χ^2 = qui-quadrado; *gl* = graus de liberdade; χ^2/gl = qui-quadrado padronizado; CFI = índice de ajuste comparativo; TLI = índice de ajuste de Tucker–Lewis; RMSEA = raiz de erro quadrático médio de aproximação; IC 90% = intervalo de confiança de 90% do RMSEA. As estatísticas de qualidade do ajuste do Modelo 3 (*bifactor*) não são apresentadas, pois o modelo falhou em atingir convergência.

Análises Principais

Os Modelos 4–7, baseados no APIM e testados por meio de SEMs, são apresentados nas Figuras 2–5.

O Modelo 4 apresenta as estimativas padronizadas para a Ansiedade. A ansiedade relatada pelas mulheres previu negativamente a satisfação de ambos os membros do casal. Por outro lado, os níveis de ansiedade dos homens não foram preditores nem de seus próprios níveis de amor, nem dos níveis de amor de suas

parceiras. O modelo também indica que houve covariância entre os níveis de amores de homens e mulheres, congruente com a noção de dados diádicos.

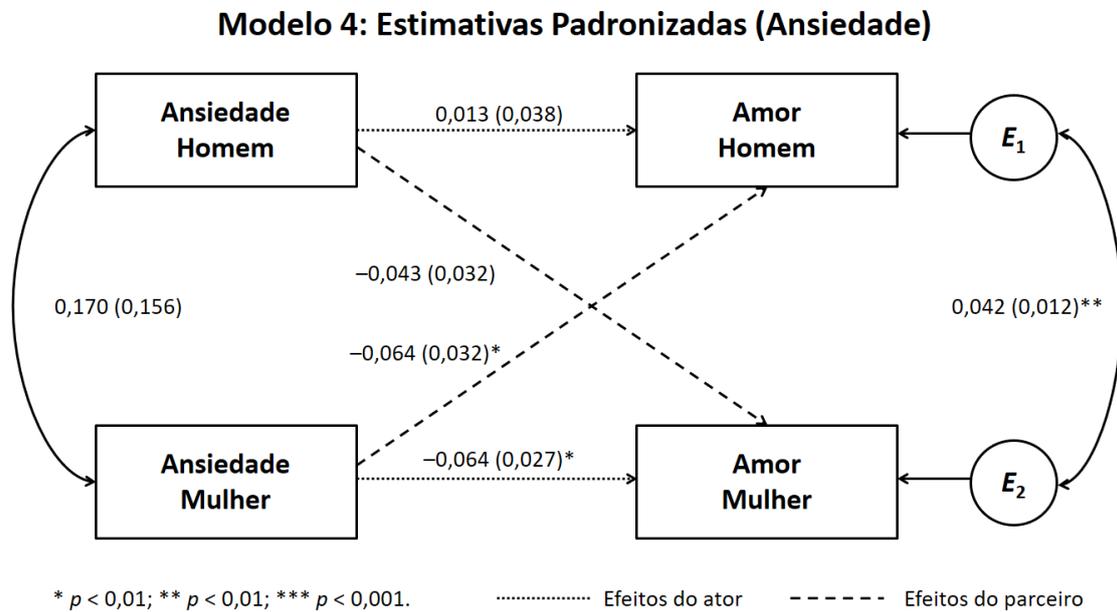


Figura 2. Estimativas padronizadas para o apego ansioso e níveis do amor para homens e mulheres.

O Modelo 5 apresenta as estimativas padronizadas para a Evitação. A evitação relatada pelas mulheres previu positivamente a satisfação de ambos os membros do casal. Para os homens, a evitação previu positivamente a satisfação autorreferida, enquanto a evitação deles não previu a satisfação de suas parceiras. Os valores das estimativas foram mais elevados no Modelo 5, se comparado ao Modelo 4, embora estes resultados devam ser interpretados com cautela, devido aos índices de consistência interna pobres previamente reportados para a escala de evitação. O modelo também indica que houve covariância tanto entre os níveis de amor, quanto entre os níveis de evitação de homens e mulheres, congruente com a noção de dados diádicos.

Modelo 5: Estimativas Padronizadas (Evitação)

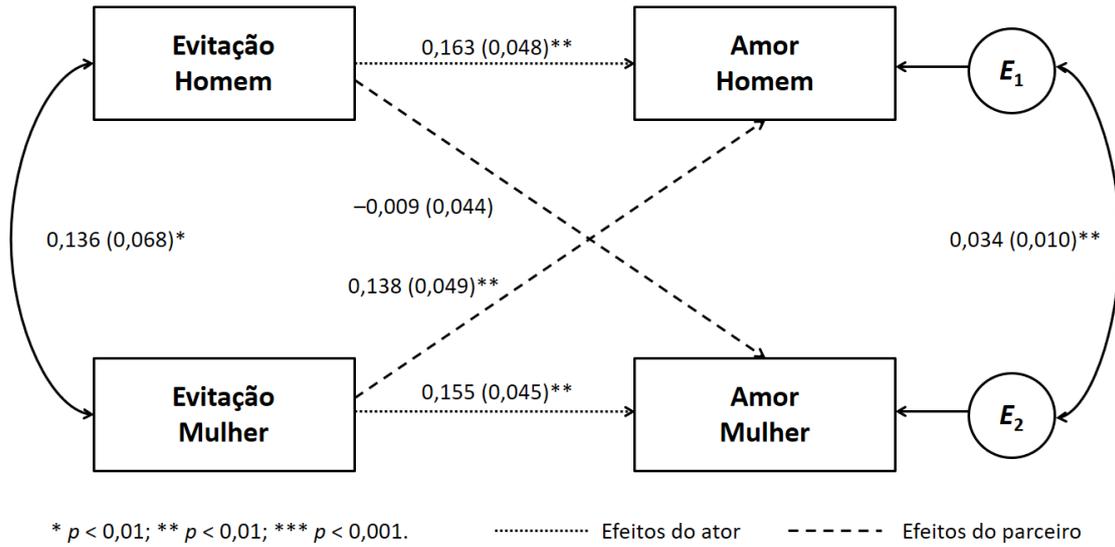


Figura 3. Estimativas padronizadas para o apego evitativo e níveis do amor para homens e mulheres.

O Modelo 6 apresenta as estimativas padronizadas para o Maquiavelismo. Neste modelo, houve covariância entre os níveis de amores de homens e mulheres, congruente com a noção de dados diádicos. As demais relações de predição não foram significativas, indicando que os níveis de maquiavelismo falharam em predizer os níveis de amor dos membros do casal.

Modelo 6: Estimativas Padronizadas (Maquiavelismo)

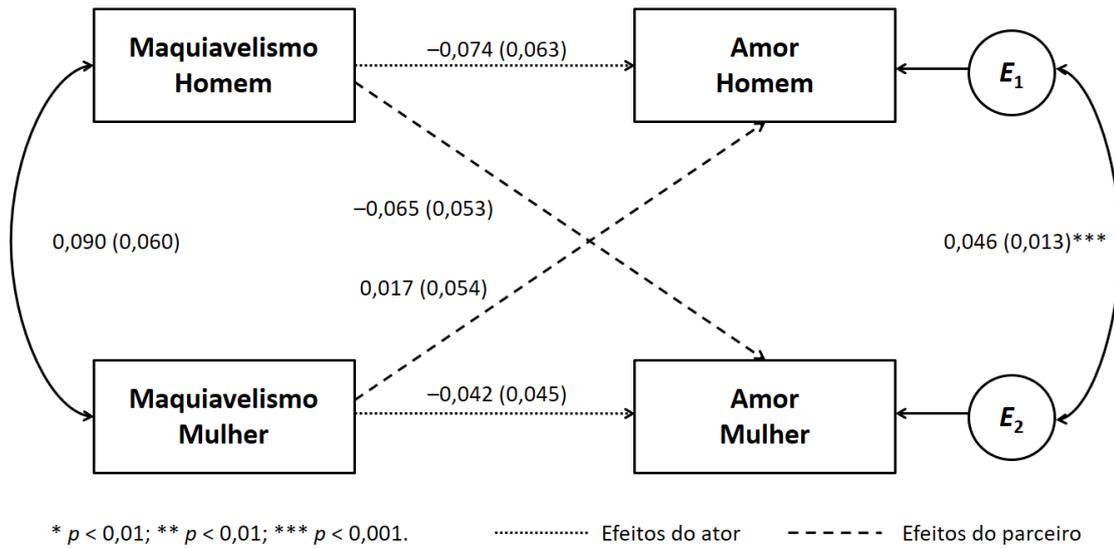


Figura 4. Estimativas padronizadas para o traço de maquiavelismo e níveis do amor para homens e mulheres.

O Modelo 7 apresenta as estimativas padronizadas para a psicopatia. Para as mulheres, o traço de psicopatia previu negativamente a satisfação autorreferida, enquanto o traço de psicopatia delas não previu a satisfação de seus parceiros. As demais relações não atingiram significância estatística. O modelo também indicou que houve covariância entre os níveis dos traços de psicopatia de homens e mulheres, sendo esta a maior covariância ao longo de todos os modelos.

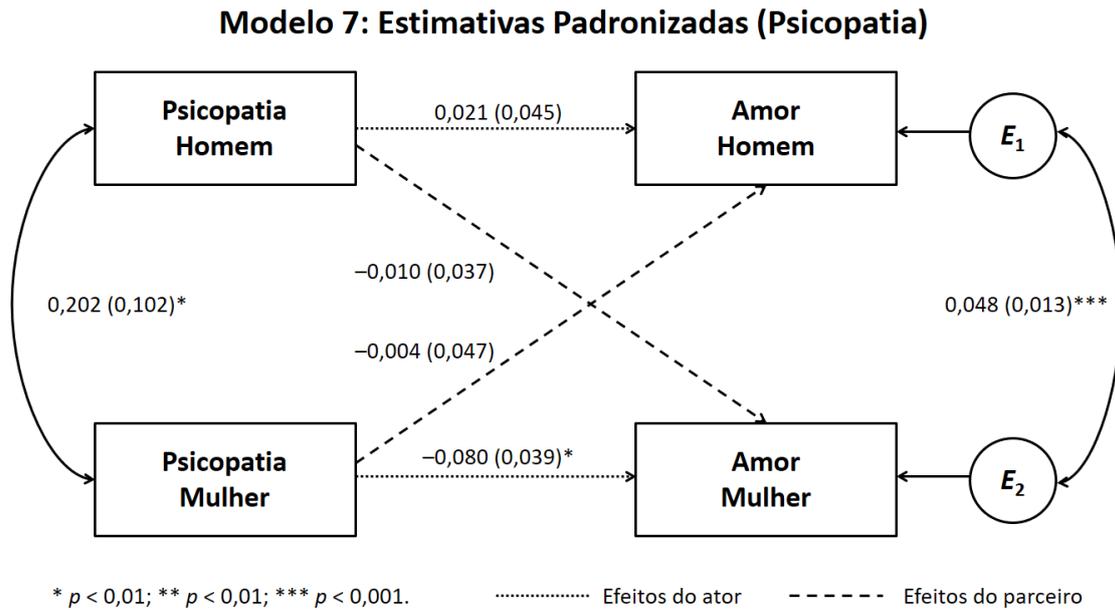


Figura 5. Estimativas padronizadas para o traço de psicopatia e níveis do amor para homens e mulheres.

Discussão

Neste trabalho, objetivou-se investigar a satisfação amorosa de casais homossexuais e heterossexuais inseridos em diferentes *status* de relacionamentos amorosos (e.g., namorados, noivos, casados), com base nos seus estilos de apego e traços que compõem a tríade sombria. Os resultados apontaram associação entre os níveis de amor entre os membros do casal, para a evitação e a psicopatia. Para as relações entre as variáveis predictoras (traços antissociais de personalidade e estilos de apego) predizendo a variável critério (satisfação amorosa), verificou-se relações significativas para: 1) ansiedade das mulheres predizendo negativamente a satisfação amorosa autorreferida e a do parceiro; 2) evitação das mulheres predizendo positivamente a satisfação amorosa autorreferida e a do parceiro; 3) traço de psicopatia das mulheres predizendo negativamente a satisfação autorreferida, mas não a do parceiro amoroso.

Em relação aos níveis de ansiedade das mulheres prevendo negativamente os níveis de satisfação para elas e para os parceiros, este resultado sugere que algum aspecto ou comportamento associado ao desejo de evitar a rejeição (e.g., ruminação sobre o relacionamento, controle excessivo) pode estar influenciando os níveis de satisfação delas e dos parceiros. Os níveis de ansiedade dos homens não foram preditores da satisfação de ambos, conforme estudo de Jarnecke e South (2013), que também não identificou associação entre apego ansioso dos deles e a satisfação das suas parceiras. Cabe frisar que em relacionamentos amorosos nos quais ambos os cônjuges apresentam apego ansioso, o casal apresenta poucos recursos para manejar os conflitos, além de vivenciar diferentes estresses emocionais (Sandberg, Bradford & Brown, 2017; Sina, Najarpourian, & Samavi, 2018).

Por outro lado, os níveis de evitação das mulheres previu positivamente os níveis de satisfação para elas e para os parceiros, enquanto os níveis de evitação dos homens previu positivamente apenas os níveis de satisfação autorreferida. Este resultado pode indicar que os membros do casal apresentam modelos internos de funcionamento semelhantes, e pode-se dizer que ambos não se incomodam com qualquer aspecto que indique distanciamento emocional, diferente de outros estudos (Harma & Sümer, 2016; Gallo & Smith, 2001; Meyers & Landsberger; 2002; Sina et al., 2018), especialmente da revisão de Mikulincer e Shaver (2007), que apontou o apego evitativo dos homens como maior preditor dos baixos níveis de satisfação para si e suas parceiras.

Diferentemente do estudo de Smith, Hadden, Webster, Jonason, Gesselman e Crysel (2014), que identificou correlação negativa entre o traço de psicopatia dos homens e os níveis de satisfação conjugal das mulheres e do estudo de Weiss, Lavner e Miller (2018) que identificou traços de psicopatia dos homens prevendo declínios mais acentuados apenas na sua própria satisfação, o presente estudo verificou correlação

negativa apenas entre o traço de psicopatia das mulheres e os seus níveis de satisfação. Essa correlação pode sugerir que as mulheres estão evitando se comportar da forma que elas desejam ou até mesmo interesse em terminar o relacionamento, principalmente pelo traço de psicopatia apresentar associação com interesse reduzido em relacionamentos com compromisso, manutenção da intimidade e fidelidade sexual (Ali & Chamorro-Premuzic, 2010; Brewer, Hunt, James, & Abell, 2015; Jonason, Luevano, & Adams, 2012).

Para as relações entre os traços de maquiavelismo e narcisismo e satisfação amorosa, os dados não revelaram associações significativas, bem como para outras análises entre o efeito do ator e o efeito do parceiro, especialmente dos homens, para a ansiedade e psicopatia. Sobre o maquiavelismo, a ausência de relação pode indicar que os indivíduos não estão sendo maquiavélicos nos seus relacionamentos. Em relação ao narcisismo, a ausência de relação com a satisfação no relacionamento pode indicar que variações para maior ou menor grau não foram suficientes para influenciar a satisfação dos casais, ou pelo fato de que as cargas fatoriais dos seus itens apresentarem consistência interna extremamente pobre, aspecto que pode ter relação com a amostra do estudo (e.g., compreensão dúbia das perguntas).

A tríade sombria considerada como um complexo de aspectos antissociais da personalidade está relacionada a comportamentos manipulativos, busca de validação social e carência de empatia nos relacionamentos em geral (Furnham, Richards, & Paulhus, 2013). A presença desses traços em homens apresentou pouco ou nenhum efeito sobre a satisfação amorosa de suas parceiras, levando a reflexão se as mulheres rejeitam homens com níveis elevados desses traços, desenvolvendo, então, relacionamentos com homens com níveis toleráveis de tríade sombria. Uma hipótese alternativa seria que comportamentos e atitudes antissociais dos homens,

tradicionalmente indentificadas em indivíduos com maiores níveis de tríade sombria, não foram direcionados às suas parceiras. Essa hipótese poderia ser verificada se forem acessados os níveis de ciúmes e coerção sexual dos homens direcionados às mulheres, nos quais as atitudes antissociais claramente afetam o cônjuge.

Sobre os aspectos relacionados ao apego, os dados sobre a ansiedade das mulheres foram na direção proposta pela literatura impactando negativamente na satisfação de ambos os membros do casal (Gallo & Smith, 2001; Meyers & Landsberger, 2002; Mohammadi et al., 2016; Sina et al., 2018; Shaker et al., 2010). Enquanto isso, os dados de evitação para ambos os sexos foram na direção oposta. Antes de poder concluir se esse resultado se deve ao funcionamento psicológico dos casais, devemos ter em mente que os índices de consistência interna previamente reportados para a escala de evitação foram pobres.

Salientamos o fato de grande parte da amostra ser composta de pessoas jovens, principalmente estudantes universitários, muitos dos quais não possuem filhos, ou renda própria e estavam sem emprego no momento da pesquisa. Esse perfil da amostra parece não diferir qualitativamente de amostras selecionadas em estudos sobre a tríade sombria em outros países, nem mesmo da sua validação em língua portuguesa (Golveia et al., 2016; Rogoza et al, 2020). Contudo, o perfil da amostra parece diferir muito mais dos estudos realizados com a satisfação no relacionamento e os estilos de apego, nos quais são amostrados casais mais velhos e com maior tempo de relacionamento, muitos dos quais já possuem filhos, e o nascimento destes é utilizado como variável possivelmente estressora, que pode impactar na associação entre os estilos de apego e satisfação no relacionamento.

Por fim, apesar dessa diferença de perfil amostral em relação aos estudos com apego adulto, reitera-se a importância de investigar os relacionamentos amorosos a

despeito do tempo de relacionamento e do estado civil, considerando a relevância que o relacionamento amoroso ganhou na atualidade em virtude dos seus possíveis impactos negativos, como relacionamentos abusivos. Além disso, destaca-se o grau de complexidade envolvido na coleta dos dados, tais como o deslocamento dos pesquisadores aos locais agendados pelos participantes, o tempo de aplicação dos instrumentos, adaptação à coleta remota por conta da pandemia e, obviamente, a necessidade de anuência de participação de ambos os membros do casal. Dessa forma, os resultados encontrados representam a tentativa de contornar estas complexidades.

Referências

- Abbasi, A. R. K., Tabatabaei, S. M., Sharbaf, H. A., & Karshki, H. (2016). Relationship of attachment styles and emotional intelligence with marital satisfaction. *Iranian journal of psychiatry and behavioral sciences*, 10(3). doi: 10.17795/ijpbs-2778
- Ainsworth, M. D. S., & Wittig, B. A. (1969). Attachment and exploratory behavior of one-year olds in a strange situation. In B. M. Foss (Ed.), *Determinants of infant behavior* (Vol. 4, pp.111-136). London: Methuen.
- Ali, F., & Chamorro-Premuzic, T. (2010). The dark side of love and life satisfaction: Associations with intimate relationships, psychopathy and Machiavellianism. *Personality and Individual Differences*, 48(2), 228-233. DOI: [10.1016/j.paid.2009.10.016](https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.10.016)
- Alvarez, L., & Jaffe, K. (2004). Narcissism guides mate selection: Humans mate assortatively, as revealed by facial resemblance, following an algorithm of “self seeking like”. *Evolutionary Psychology*, 2(1), 147470490400200123. <https://doi.org/10.1177/147470490400200123>
- Azevedo, M. I. G. B. S. (2013). *Vinculação em casais adultos e sua relação com os respectivos estilos de vinculação parental* (Master's thesis). Instituto. Universidade. País. Url.
- Barr, K. N., & Quinsey, V. L. (2004). Is psychopathy a pathology or a life strategy? Implications for social policy. In Crawford & Salmon (Eds.). *Evolutionary psychology, public policy, and personal decisions*, (pp. 293-317). Lawrence Erlbaum Associates Publishers
- Bateson, P., & Laland, K. N. (2013). Tinbergen's four questions: an appreciation and an update. *Trends in ecology & evolution*, 28(12), 712-718. <https://doi.org/10.1016/j.tree.2013.09.013>
- Benshoof, L., & Thornhill, R. (1979). The evolution of monogamy and concealed ovulation in humans. *Journal of Social and Biological Structures*, 2(2), 95-106. [https://doi.org/10.1016/0140-1750\(79\)90001-0](https://doi.org/10.1016/0140-1750(79)90001-0)
- Bjorklund, D. F., & Pellegrini, A. D. (2002). *The origins of human nature: Evolutionary developmental psychology*. American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10425-000>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*. Vol 1. *Attachment*. New York: Basic Books.
- Brassard, A., Lussier, Y., & Shaver, P. R. (2009). Attachment, perceived conflict, and couple satisfaction: Test of a mediational dyadic model. *Family Relations*, 58(5), 634-646. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2009.00580.x>
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview.

- Brewer, G., Hunt, D., James, G., & Abell, L. (2015). Dark triad traits, infidelity and romantic revenge. *Personality and Individual Differences*, 83, 122-127. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.04.007>
- Brewer, G., & Abell, L. (2017). Machiavellianism and romantic relationship dissolution. *Personality and Individual Differences*, 106, 226-230. <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2016.11.001>
- Brown, T. A. (2015). *Confirmatory factor analysis for applied research* (2nd ed.). The Guilford Press.
- Brüne, M., Belsky, J., Fabrega, H., Feierman, H. R., Gilbert, P., Glantz, K., Polimeni, J., Price, J. S., Sanjuan, J., Sullivan, R., Troisi, A., & Wilson, D. R. (2012). The crisis of psychiatry - insights and prospects from evolutionary theory. *World psychiatry : official journal of the World Psychiatric Association (WPA)*, 11(1), 55–57. <https://doi.org/10.1016/j.wpsyc.2012.01.009>
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: an evolutionary perspective on human mating. *Psychological review*, 100(2), 204. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.100.2.204>
- Campbell, W. K., & Foster, C. A. (2002). Narcissism and Commitment in Romantic Relationships: An Investment Model Analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(4), 484–495. <https://doi.org/10.1177/0146167202287006>
- Campbell, W. K., Foster, C. A. & Finkel, E. J. (2002). Does self-love lead to love for others? A story of narcissistic game playing. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(2), 340-354. doi. 10.1037/0022-3514.83.2.340
- Chapais, B. (2013). Monogamy, strongly bonded groups, and the evolution of human social structure. *Evolutionary Anthropology: Issues, News, and Reviews*, 22(2), 52–65. [doi:10.1002/evan.21345](https://doi.org/10.1002/evan.21345).
- Christie, R., & Geis, F. L. (2013). *Studies in machiavellianism*. Academic Press
- Chung, M. S. (2014). Pathways between attachment and marital satisfaction: The mediating roles of rumination, empathy, and forgiveness. *Personality and Individual Differences*, 70, 246-251. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.06.032>
- Conley, T. D., Ziegler, A., Moors, A. C., Matsick, J. L., & Valentine, B. (2013). A critical examination of popular assumptions about the benefits and outcomes of monogamous relationships. *Personality and Social Psychology Review*, 17(2), 124-141. <https://doi.org/10.1177/1088868312467087>
- Consoli, N., Bernardes, J. W., & Marin, A. H. (2018). Laços de afeto: as repercussões do estilo de apego primário e estabelecido entre casais no ajustamento conjugal. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(2), 315-329. <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5409>.

- Cook, W. L., & Kenny, D. A. (2005). The Actor-Partner Interdependence Model: A model of bidirectional effects in developmental studies. *International Journal of Behavioral Development*, 29(2), 101–109. <https://doi.org/10.1080/01650250444000405>
- Crawford, C., & Salmon, C. (2002). Psychopathology or adaptation? Genetic and evolutionary perspectives on individual differences and psychopathology. *Neuro endocrinology letters*, 23(supplement 4), 39-45. PMID: 12496734
- da Silva, D. R., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2015). The evolutionary roots of psychopathy. *Aggression and Violent Behavior*, 21, 85-96.
- Dewes, J. O. (2013). Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos.
- Dixon, A. F. (2012). *Primate Sexuality: Comparative Studies of the Prosimians, Monkeys, Apes, and Humans*. 2^a ed. Oxford University Press Inc., Nova Iorque.
- Dominguez-Lara, S., & Rodriguez, A. (2017). Índices estadísticos de modelos bifactor. *Interacciones*, 59-65. <https://doi.org/10.24016/2017.v3n2.51>
- Driscoll, R., Davis, K. E., & Lipetz, M. E. (1972). Parental interference and romantic love: The Romeo and Juliet effect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 24(1), 1. <https://doi.org/10.1037/h0033373>
- Egan, V., & McCorkindale, C. (2007). Narcissism, vanity, personality and mating effort. *Personality and Individual Differences*, 43(8), 2105–2115. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2007.06.034>
- Feeney, J. A. (2008). *Adult romantic attachment: Developments in the study of couple relationships*. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (p. 456–481). The Guilford Press.
- Figueredo, A. J., Sefcek, J. A., Vasquez, G., Brumbach, B. H., King, J. E., & Jacobs, W. J. (2005). *Evolutionary Personality Psychology*. In D. M. Buss (Ed.), *The handbook of evolutionary psychology* (p. 851–877). John Wiley & Sons, Inc.. DOI: 10.1002/9780470939376.ch30
- Figueredo, A. J., Sefcek, J. A., & Jones, D. N. (2006). The ideal romantic partner personality. *Personality and Individual Differences*, 41(3), 431–441. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2006.02.004>
- Fisher, H. E. (1989). Evolution of human serial pairbonding. *American Journal of Physical Anthropology*, 78(3), 331-354. <https://doi.org/10.1002/ajpa.1330780303>
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of general psychology*, 4(2), 132-154. DOI: [10.1037/1089-2680.4.2.132](https://doi.org/10.1037/1089-2680.4.2.132)

- Fraley, R. C., Waller, N. G., & Brennan, K. A. (2000). An item response theory analysis of self-report measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(2), 350–365. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.78.2.350>
- França, P. S. D., Natividade, J. C., & Lopes, F. D. A. (2016). Validity Evidences of Brazilian Version of the Love Scale of Marriage and Relationships Questionnaire (MARQ). *Psico-USF*, 21(2), 233-244. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210202>.
- Furnham, A., Richards, S. C., & Paulhus, D. L. (2013). The Dark Triad of personality: A 10 year review. *Social and Personality Psychology Compass*, 7(3), 199-216. Doi: [10.1111/spc3.12018](https://doi.org/10.1111/spc3.12018)
- Gallo, L. C., & Smith, T. W. (2001). Attachment style in marriage: Adjustment and responses to interaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18(2), 263-289. <https://doi.org/10.1177/0265407501182006>
- Gangestad, S. W., & Simpson, J. A. (2000). The evolution of human mating: Trade-offs and strategic pluralism. *Behavioral and brain sciences*, 23(4), 573-587. <https://doi.org/10.1017/S0140525X00353377>
- Gladden, P. R., Figueredo, A. J., & Jacobs, W. J. (2009). Life history strategy, psychopathic attitudes, personality, and general intelligence. *Personality and Individual Differences*, 46, 270–275. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2008.10.010>
- Glenn, A. L., & Raine, A. (2009). Psychopathy and instrumental aggression: Evolutionary, neurobiological, and legal perspectives. *International journal of law and psychiatry*, 32(4), 253-258. DOI: [10.1016/j.ijlp.2009.04.002](https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2009.04.002)
- Glenn, A. L., Kurzban, R., & Raine, A. (2011). Evolutionary theory and psychopathy. *Aggression and violent behavior*, 16(5), 371-380. Doi: [10.1016/j.avb.2011.03.009](https://doi.org/10.1016/j.avb.2011.03.009)
- Gouveia, V. V., Monteiro, R. P., Gouveia, R. S. V., Athayde, R. A. A., & Cavalcanti, T. M. (2016). Avaliando o lado sombrio da personalidade: Evidências psicométricas do Dark Triad Dirty Dozen. *Interamerican Journal of Psychology*, 50(3), 420-432.
- Guerrero, L. K., Farinelli, L., & McEwan, B. (2009). Attachment and relational satisfaction: The mediating effect of emotional communication. *Communication Monographs*, 76(4), 487-514. <https://doi.org/10.1080/03637750903300254>
- Hair, J. F., Jr., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados* (6ª ed.). Artmed.

- Harma, M., & Sümer, N. (2016). Are avoidant wives and anxious husbands unhappy in a collectivist context? Dyadic associations in established marriages. *Journal of Family Studies*, 22(1), 63-79. <https://doi.org/10.1080/13229400.2015.1024711>
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of personality and social psychology*, 52(3), 511. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- Hirschberger, G., Srivastava, S., Marsh, P., Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2009). Attachment, marital satisfaction, and divorce during the first fifteen years of parenthood. *Personal Relationships*, 16(3), 401-420. DOI:[10.1111/j.1475-6811.2009.01230.x](https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2009.01230.x)
- Huang, C. Y., Sirikantraporn, S., Pichayayothin, N. B., & Turner-Cobb, J. M. (2020). Parental Attachment, Adult-Child Romantic Attachment, and Marital Satisfaction: An Examination of Cultural Context in Taiwanese and Thai Heterosexual Couples. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(3), 692. <https://doi.org/10.3390/ijerph17030692>
- Jarnecke, A. M., & South, S. C. (2013). Attachment orientations as mediators in the intergenerational transmission of marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 27(4), 550. <https://doi.org/10.1037/a0033340>
- Jonason, P. K., Koenig, B. L., & Tost, J. (2010). Living a fast life. *Human Nature*, 21(4), 428-442. Doi. [10.1007/s12110-010-9102-4](https://doi.org/10.1007/s12110-010-9102-4)
- Jonason, P. K., Luevano, V. X., & Adams, H. M. (2012). How the Dark Triad traits predict relationship choices. *Personality and Individual Differences*, 53(3), 180-184 <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.03.007>
- Jonason, P. K., & Tost, J. (2010). I just cannot control myself: The Dark Triad and self-control. *Personality and Individual Differences*, 49(6), 611-615. doi. [10.1016/j.paid.2010.05.031](https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.05.031)
- Jonason, P. K., Valentine, K. A., Li, N. P., & Harbeson, C. L. (2011). Mate-selection and the Dark Triad: Facilitating a short-term mating strategy and creating a volatile environment. *Personality and Individual Differences*, 51(6), 759-763. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.06.025>
- Jonason, P. K., & Webster, G. D. (2010). The dirty dozen: A concise measure of the dark triad. *Psychological assessment*, 22(2), 420. DOI: [10.1037/a0019265](https://doi.org/10.1037/a0019265)
- Jonason, P. K., Webster, G. D., Schmitt, D. P., Li, N. P., & Crysel, L. (2012). The antihero in popular culture: Life history theory and the dark triad personality traits. *Review of General Psychology*, 16(2), 192-199. <https://doi.org/10.1037/a0027914>
- Jonason, P. K., Lyons, M., & Bethell, E. (2014). The making of Darth Vader: Parent-child care and the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 67, 30-34. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2013.10.006>

- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2014). Introducing the Short Dark Triad (SD3): A brief measure of dark personality traits. *Assessment*, 21, 28-41.
[doi:10.1177/1073191113514105](https://doi.org/10.1177/1073191113514105)
- Julal, F. S., Carnelley, K. B., & Rowe, A. (2017). The relationship between attachment style and placement of parents in adults' attachment networks over time. *Attachment & human development*, 19(4), 382-406.
<https://doi.org/10.1080/14616734.2017.1316751>
- Kelley, K. (2007). Methods for the behavioral, educational, and social sciences: An R package. *Behavior Research Methods*, 39, 979-984.
<https://doi.org/10.3758/BF03192993>
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. (2006). *Dyadic data analysis*. The Guilford Press.
- Kline, R. B. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling* (3rd ed.). The Guilford Press.
- Kobak, R. R., & Hazan, C. (1991). Attachment in marriage: Effects of security and accuracy of working models. *Journal of Personality and social Psychology*, 60(6), 861. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.60.6.861>
- Laland, K. N., Brown, G., & Brown, G. R. (2011). *Sense and nonsense: Evolutionary perspectives on human behaviour*. Oxford University Press.
- Lalumiere, M. L., & Quinsey, V. L. (1996). Sexual deviance, antisociality, mating effort, and the use of sexually coercive behaviors. *Personality and Individual Differences*, 21(1), 33-48. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(96\)00059-1](https://doi.org/10.1016/0191-8869(96)00059-1)
- Lucas, T., Parkhill, M. R., Wendorf, C. A., Olcay Imamoglu, E., Weisfeld, C. C., Weisfeld, G. E., & Shen, J. (2008). Cultural and evolutionary components of marital satisfaction: A multidimensional assessment of measurement invariance. *Journal of cross-cultural psychology*, 39(1), 109-123
<https://doi.org/10.1177/0022022107311969>
- Lukas, D., & Clutton-Brock, T. H. (2013). The evolution of social monogamy in mammals. *Science*, 341(6145), 526-530. [DOI: 10.1126/science.1238677](https://doi.org/10.1126/science.1238677)
- Machluf, K., & Bjorklund, D. F. (2015). Social cognitive development from an evolutionary perspective. In *Evolutionary perspectives on social psychology* (pp. 27-37). Springer, Cham.
- McDonald, M. M., Donnellan, M. B., & Navarrete, C. D. (2012). A life history approach to understanding the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 52(5), 601-605. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.12.003>
- McNeish, D. (2018). Thanks coefficient alpha, we'll take it from here. *Psychological Methods*, 23(3), 412-433. <https://doi.org/10.1037/met0000144>

- Meyers, S. A., & Landsberger, S. A. (2002). Direct and indirect pathways between adult attachment style and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 9(2), 159-172. <https://doi.org/10.1111/1475-6811.00010>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). Attachment in adulthood: Structure, dynamics and change (pp. 251–323). New York: Guilford Press
- Mohammadi, K., Samavi, A., & Ghazavi, Z. (2016). The relationship between attachment styles and lifestyle with marital satisfaction. *Iranian Red Crescent Medical Journal*, 18(4). doi: 10.5812/ircmj.23839
- Mulder, M. B. (2009). Serial monogamy as polygyny or polyandry?. *Human Nature*, 20(2), 130-150. DOI: [10.1007/s12110-009-9060-x](https://doi.org/10.1007/s12110-009-9060-x)
- Nadiri, M., & Khalatbari, J. (2018). Study of Marital Satisfaction in Students Based on Psychological Components of Attachment Style, Perfectionism and Conflict Resolution. *BRAIN. Broad Research in Artificial Intelligence and Neuroscience*, 9(3), 120-127.
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale-Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia usp*, 26(3), 484-494. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140086>
- O'Meara, M. S., & South, S. C. (2019). Big Five personality domains and relationship satisfaction: Direct effects and correlated change over time. *Journal of personality*, 87(6), 1206-1220. DOI: [10.1111/jopy.12468](https://doi.org/10.1111/jopy.12468)
- Olderbak, S. G., & Figueredo, A. J. (2010). Life history strategy as a longitudinal predictor of relationship satisfaction and dissolution. *Personality and Individual Differences*, 49(3), 234–239. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.03.041>
- Paulhus, D. L., & Jones, D. N. (2015). *Measures of dark personalities*. In G. J. Boyle, D. H. Saklofske, & G. Matthews (Eds.), *Measures of personality and social psychological constructs* (p. 562–594). Elsevier Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-386915-9.00020-6>
- Paulhus, D. L., & Williams, I. N. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of research in personality*, 36(6), 556-563. DOI: [10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6)
- Paulhus, D. L., & Jones, D. N. (2015). Measures of dark personalities. In *Measures of personality and social psychological constructs* (pp. 562-594). Academic Press.
- R Core Team. (2020). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.

- Raine, A. (2013). *The psychopathology of crime: Criminal behavior as a clinical disorder*. Elsevier.
- Rebello, K. S. S. (2012). *Qualidade da relação conjugal: Uma avaliação dos casais residentes no Pará* (Doctoral dissertation, Dissertação de Mestrado, Belém: Universidade Federal do Pará, PA).
- Revelle, W. (2008). *psych: Procedures for personality and psychological research* (R package version 1.0–51)
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., Campbell, L., & Grich, J. (2001). Adult attachment and the transition to parenthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(3), 421.
- Robins, R. W., Caspi, A., & Moffitt, T. E. (2000). Two personalities, one relationship: Both partners' personality traits shape the quality of their relationship. *Journal of personality and social psychology*, 79(2), 251.
- Rogoza, R., Żemojtel-Piotrowska, M., Jonason, P. K., Piotrowski, J., Campbell, K. W., Gebauer, J. E., ... & Ang, R. P. (2020). Structure of Dark Triad Dirty Dozen Across Eight World Regions. *Assessment*, 1073191120922611. <https://doi.org/10.1177/1073191120922611>
- Rosseel, Y. (2020). lavaan: An R Package for Structural Equation Modeling. *Journal of Statistical Software*, 48(2), 1–36. Recuperado de <http://lavaan.ugent.be/tutorial/tutorial.pdf>
- Russell, R. J., & Wells, P. A. (1994). Predictors of happiness in married couples. *Personality and individual differences*, 17(3), 313-321.
- Sandberg, J. G., Bradford, A. B., & Brown, A. P. (2017). Differentiating between attachment styles and behaviors and their association with marital quality. *Family Process*, 56(2), 518-531. <https://doi.org/10.1111/famp.12186>
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (1997). Marital satisfaction in evolutionary psychological perspective. *Satisfaction in close relationships*, 7-25.
- Shackelford, T. K., Besser, A., & Goetz, A. T. (2008). Personality, marital satisfaction, and probability of marital infidelity. *Individual differences research*, 6(1).
- Shaker, A., Heshmati, R., & Rahimi, M. P. (2010). Investigation of Marital adjustment in people with secure, preoccupied, dismissing and fearful attachment styles. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 5, 1823-1826. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2010.07.371>
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Nelligan, J. S. (1992). Support seeking and support giving within couples in an anxiety-provoking situation: The role of attachment styles. *Journal of personality and social psychology*, 62(3), 434. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.62.3.434>

- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Phillips, D. (1996). Conflict in close relationships: An attachment perspective. *Journal of personality and social psychology*, 71(5), 899. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.5.899>
- Sina, F., Najarpourian, S., & Samavi, S. A. (2018). The Prediction of Marital Satisfaction Through Attachment Styles and Love Story. *Iranian Journal of Psychiatry and Behavioral Sciences*, 12(4). doi: [10.5812/ijpbs.62774](https://doi.org/10.5812/ijpbs.62774)
- Smith, C. V., Hadden, B. W., Webster, G. D., Jonason, P. K., Gesselman, A. N., & Crysel, L. C. (2014). Mutually attracted or repulsed? Actor-partner interdependence models of Dark Triad traits and relationship outcomes. *Personality and Individual Differences*, 67, 35-41. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.01.044>
- Szepeswol, O., Griskevicius, V., Simpson, J. A., Young, E. S., Fleck, C., & Jones, R. E. (2017). The effect of predictable early childhood environments on sociosexuality in early adulthood. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 11(2), 131. <https://doi.org/10.1037/ebbs0000082>
- Tinbergen, N. (1963). On aims and methods of ethology. *Zeitschrift für tierpsychologie*, 20(4), 410-433. <https://doi.org/10.1111/j.1439-0310.1963.tb01161.x>
- Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B., & Vogel, D. L. (2007). The Experiences in Close Relationship Scale (ECR)-short form: Reliability, validity, and factor structure. *Journal of personality assessment*, 88(2), 187-204. <https://doi.org/10.1080/00223890701268041>
- Weiss, B., Lavner, J. A., & Miller, J. D. (2018). Self-and partner-reported psychopathic traits' relations with couples' communication, marital satisfaction trajectories, and divorce in a longitudinal sample. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 9(3), 239. doi.10.1037/per0000233

Conclusão Geral

O presente trabalho objetivou avaliar as relações entre os aspectos individuais, estilos de apego e traços de personalidade antissociais, e suas influências na satisfação amorosa. Considerando que os aspectos individuais são desenvolvidos desde a primeira infância, é de extrema importância avaliar o impacto das diferenças individuais na vida adulta, especialmente do relacionamento amoroso, o qual ocupa papel de destaque entre os relacionamentos de indivíduos adultos, constituindo-se em muitos casos, como o contexto mais amplo da formação de novas famílias e a criação de filhos.

Os resultados deste estudo podem ajudar a compreender melhor as relações que são desenvolvidas dentro dos relacionamentos amorosos; dar base e corroborar oficinas e palestras voltadas para os indivíduos inseridos em relacionamentos; além de um ganho individual, na qual pode contribuir, mesmo que indiretamente, para que os indivíduos pensem e entendem melhor os seus sentimentos dentro das relações amorosas e possíveis interações estabelecidas em seus relacionamentos, bem como para o incremento de terapias focadas na emoção (Benson, Sevier & Christensen, 2013).

Como limitação, aponta-se a quantidade de casais participantes da pesquisa, notadamente para os casais homossexuais, a faixa etária dos participantes do estudo e a quantidade de pessoas namorando, não casadas, pois mesmo apresentando tempo de relacionamento superior ao efeito lua de mel⁴⁴ (Lorber, Erlanger, Heyman & O’Leary, 2015), o namoro pode indicar mais uma preferência do que uma escolha. Portanto, deve-se considerar que os resultados apresentados descrevem as amostras do estudo,

⁴⁴ Tendência de os membros do relacionamento apresentarem inicialmente maior satisfação, mas diminuindo rapidamente com o passar dos anos.

entendendo que eles ajudam na compreensão, não na explicação, dos aspectos relacionados ao comportamento humano.

Referências

- Benson, L. A., Sevier, M., & Christensen, A. (2013). The impact of behavioral couple therapy on attachment in distressed couples. *Journal of Marital and Family Therapy*, 39(4), 407–420. <https://doi.org/10.1111/jmft.12020>
- Lorber, M. F., Erlanger, A. C. E., Heyman, R. E., & O'Leary, K. D. (2015). The honeymoon effect: Does it exist and can it be predicted? *Prevention Science*, 16(4), 550–559. <https://doi.org/10.1007/s11121-014-0480-4>

Anexos

Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consetimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “*Avaliação da Satisfação nos Relacionamentos amorosos de casais homossexuais e heterossexuais*”, de responsabilidade do pesquisador Mauro Dias Silva Júnior, professor do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é *investigar os níveis de satisfação amorosa e sexual, com base nos estilos de vinculação amorosa, níveis da personalidade e níveis de ciúmes de cada membro do casal, em casais heterossexuais e homossexuais*. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como os questionários permanecerão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de *questionários*. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco direto, *de todo modo, caso o pesquisador ou o participante sinta a necessidade de encaminhar o/a participante para um atendimento mais individualizado, o pesquisador passará todos os contatos necessários*.

Espera-se com esta pesquisa *contribuir para a compressão acerca das relações que são desenvolvidas dentro de relacionamentos amorosos, produzir conteúdo que corroborem oficinas e palestras para indivíduos inseridos em relacionamentos amorosos, material para embasar políticas públicas direcionados para indivíduos inseridos em relacionamentos, considerados satisfatórios ou não*.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar os pesquisadores responsáveis: Mauro Dias Silva Júnior, através do telefone 61 – 3107.6838 ou pelo e-mail juniormsilva@unb.br; e Leonardo Boaventura Martins, através do telefone (61) 98275-8497 ou pelo e-mail boaventuraleonardopsico@gmail.com.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio virtual, *e-mail*, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura do/da participante

Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, ____ de _____ de _____

Anexo B: Questionário sócio demográfico

Responsável pelo preenchimento deste questionário:

Mulher () Homem ()

II – Dados do casal:

a) Qual seu status de relacionamento?

() Solteiro/a

() Namorando

() Casado/a

() Separado/a/Divorciado/a

() Recasado/a

() Viúvo/a

() Outro _____

a) Data de nascimento: _____

b) Escolaridade:

() Nunca foi à escola

() Até a quarta série

() Quinta à oitava série

() Segundo grau incompleto

() Segundo grau completo

() Curso técnico completo

() Superior incompleto

() Superior completo (especificar o curso) _____

() Pós graduação incompleta: _____

() Pós graduação completa (especificar o curso) _____

c) Trabalha: () sim () não

Profissão_____

Ocupação atual_____

Carga horária_____

Renda pessoal (Valor Líquido): _____

Natureza: () eventual; () autônomo; () fixo; () carteira assinada

Renda família (Valor Líquido): _____

d) Durante sua infância/adolescência você cresceu com:

() Mãe

() Pai

() Ambos (pai e mãe)

() Mãe Adotiva

() Pai Adotivo

() Ambos Adotivos (pai e mãe)

() Outro, especifique: _____

e) Essa é a sua primeira união estável/casamento/namoro: () sim () não

f) Você tem filho(s)/filha(s) de outra união estável/casamento?

() sim () não () não se aplica.

Se sim, qual a idade deles: _____.

Eles moram com você: () sim () não, especifique: _____

g) Com que frequência você mantém contato com o/a parceiro/a do seu último relacionamento:

() Não se aplica

() Nunca

() Raramente

() Às vezes

() Frequentemente

() Sempre

h) Há quanto tempo você está nesse relacionamento:

_____anos_____meses

III - Dados sobre a residência:

a) Sua casa/apto é:

() Casa ou apto própria

() Casa/apto alugada

() Casa/apto cedido

() Outros_____

b) Quantidade de cômodos (incluir quarto, cozinha, banheiro):

c) Quantas pessoas residem na casa? _____

d) Qual o parentesco delas com você? _____

AGORA RESPONDA

Este questionário contém algumas perguntas simples sobre casamento. Por favor, responda todas elas, mesmo que você sinta que algumas delas são muito pessoais. Não serão pedidos nomes, e suas respostas serão tratadas de forma estritamente confidencial. Não consulte seu cônjuge para responder as perguntas. Quando você tiver terminado, **coloque o questionário dentro do envelope**, lacre e devolva-o para o pesquisador.

Muitas das perguntas possuem várias possibilidades de respostas. Cada resposta possui uma letra correspondente. Responda o questionário marcando cada resposta que você escolheu.

Não existem respostas certas ou erradas. Não gaste muito tempo em cada questão – é sua primeira impressão que importa.

Lembre-se:

- Suas respostas são confidenciais.

- Responda todas as questões.
- Responda de acordo com sua primeira impressão.
- Escolha a resposta que mais se aproxima da sua opinião.
- Marque a letra próxima a sua resposta.
- Devolva o questionário quando você tiver terminado.

AGORA COMECE AQUI:

1) Quantos anos você tem: _____

2.1) Você é casado/a legalmente?

A – Sim

B – Não

2.2) Se sim, quanto tempo vocês viveram juntos/as antes de se casarem: _____ anos
 _____ meses (aproximadamente)

3) Há quanto tempo você está casado/a-namorando com seu/sua parceiro/a: _____
 anos _____ meses

4.1) Você já teve outros/as parceiros/as antes do/a atual?

A – Sim

B – Não

4.2) Se sim, quantos: _____

4.3) Qual a duração do namoro com cada parceiro/a?

A) _____ anos _____ meses

B) _____ anos _____ meses

C) _____ anos _____ meses

D) _____ anos _____ meses

E) _____ anos _____ meses

5) Seus pais se divorciaram?

A – Sim

B – Não

6) Você e seu/sua parceiro/a vieram de ambientes semelhantes?

A – Muito semelhantes

B – Quase semelhantes

C – Mais ou menos

D – Bastante diferentes

E- Muito diferentes

7.1) Você estava grávida quando vocês se casaram?

A – Sim

B – Não

C – Não se aplica

7.2) Você gosta de crianças?

A – Muito

B – Bastante

C – Mais ou menos

D – Não muito

E – Nem um pouco

7.3) É tolice ficar junto pelo bem das crianças?

A – Sim

B – Não

8) Você acha que divorciar-se é errado?

A – Sim

B – Não

9) Quem toma as decisões importantes?

A – Meu/Minha parceiro/a toma todas as decisões importantes.

B – Meu/Minha parceiro/a toma a maioria das decisões importantes.

C – Tomamos as decisões importantes juntos.

D – Eu tomo a maioria das decisões importantes.

E – Eu tomo todas as decisões importantes

10) Quando há um problema, a culpa é do/a seu/sua parceiro/a?

A – Sempre

B – Quase sempre

C – Às vezes

D – Raramente

E – Nunca

11) Se seu/sua parceira foi casado/a anteriormente, isso ainda causa problemas?

A – Não se aplica

B – Nem um pouco

C – Não muito

D – Bastante

E – Muito

12.1) Você tem fortes crenças religiosas a respeito de casamento?

A – Sim

B – Não

12.2) Você tem religião? Qual e há quanto tempo você é adepta desta religião:

13) Você já pensou em se separar do/a seu/sua parceiro/a?

A – Nunca

B – Uma ou duas vezes

C – Algumas vezes

D – Frequentemente

E – Eu pretendo fazê-lo

14) Você era mais feliz antes de casar/namorar?

A – Sim

B – Não

15) Você se sente sexualmente satisfeito em seu casamento/namoro?

A – Muito

B – Bastante

C – Mais ou menos

D – Não muito

E – Nem um pouco

16) Você se sente bem com seus sogros?

A – Muito

B – Bastante

C – Não muito

D – Nem um pouco

E – Não se aplica

17) Sua saúde é boa?

A – Ruim

B – Boa

C – Normal

D – Muito boa

E – Excelente

18) Quanto aos afazeres domésticos, você faz?

A – Nada

B – Não muito

C – Quase a metade

D – A maior parte dele

E – Todo

19.1) Você se importa muito com sua aparência?

A – Sim

B – Bastante

C – Mais ou menos

D – Não muito

E – Não

19.2) Sua parceira preocupa-se muito?

A – Nunca

B – Ocasionalmente

C – Algumas vezes

D – Frequentemente

20) Alguma vez você já pediu ajuda externa para seu casamento/namoro?

A – Sim

B – Não

21) Seu/Sua parceiro/a sabe o que você realmente pensa e sente?

A – Sempre

B – Geralmente

C – Algumas vezes

D – Raramente

E – Nunca

22) Qual a importância do sexo no seu casamento/namoro?

A – Nem um pouco

B – Não muito

C – Bastante

D – Bastante importante

E – Muito importante

23) Você ama seu/sua parceiro/a agora mais do que antes?

A – Sim

B – Não

24) Você já esteve separada por algum tempo?

A – Sim

B – Não

25) Seu/Sua parceiro/a mudou desde que vocês casaram/começaram a namorar?

A – Completamente

B – Bastante

C – Mais ou menos

D – Um pouco

E – Nem um pouco

26) Seu/Sua parceiro/a ajuda você a escolher suas roupas?

A – Sempre

B – Geralmente

C – Algumas vezes

D – Raramente

E – Nunca

27) Há privacidade suficiente na vida da sua família?

A – Sim

B – Não

28) Você respeita seu/sua parceiro/a?

A – Muito

B – Bastante

C – Mais ou menos

D – Não muito

E – Nem um pouco

29) Você estaria em uma posição difícil se você se divorciasse/terminasse agora?

A – Muito

B – Bastante

C – Moderadamente

D – Não muito

E – Não

30) Seu/Sua parceiro/a entende você?

A – Nem um pouco

B – Não muito

C – Um pouco

D – Bastante bem

E – Muito bem

31) Com pessoas de quais sexos você tem relações sexuais?

1. Apenas o sexo oposto.

2. O sexo oposto predominantemente.

3. Muito mais o outro sexo.

4. Ambos os sexos.

5. Muito mais o mesmo sexo.

6. O mesmo sexo predominantemente.

7. Apenas o mesmo sexo.

32) Como você se identifica? (Qual a sua orientação sexual?)

1. Unicamente heterossexual(ais).

2. Predominantemente heterossexual(ais)

3. Muito mais heterossexual(ais)

4. Ambas as sexualidades.

5. Muito mais homossexual(ais).

6. Predominantemente homossexual(ais).

7. Unicamente homossexual(ais).

SE VOCÊ NÃO TEM FILHOS, POR FAVOR RESPONDA ESSA QUESTÃO:

33) Por que você não tem filhos?

A – Nenhum de nós quis tê-los

B – Eu não os queria

C – Meu/Minha parceiro/a não os queria

D – Nós não os quisemos ainda

E – Nós ainda estamos tentando tê-los.

F – Eu sou infértil

G – Meu/Minha parceiro é infértil

H – Nós não podemos tê-los

I – Outras razões _____

SE VOCÊ TIVER FILHOS (AINDA VIVOS), POR FAVOR RESPONDA ESSAS QUESTÕES:

34) Você teve tantos filhos quanto desejava?

A – Definitivamente muito mais

B – Talvez muito mais

C – Tantos quanto

D – Talvez muito menos

E – Definitivamente muito menos

35) Seus filhos vivem com você?

A) Sim

B) Não. Vivem com _____

Anexo C: Escala do Amor

Por favor, leia as perguntas abaixo e responda de acordo de acordo com a escala de intensidade ao lado. Observe que 1 significa “*Nem um pouco*” e 5 significa “*Muito*”. Considere seu relacionamento atual para responder.

	1	2	3	4	5
	Nem um pouco			Muito	
Você gosta da companhia de seu/sua parceiro/a?	1	2	3	4	5
Você é feliz com o seu relacionamento?	1	2	3	4	5
Você acha seu/sua parceiro/a atraente?	1	2	3	4	5
Vocês gostam de fazer coisas juntas?	1	2	3	4	5
Você gosta de ficar abraçado/a com seu/sua parceiro/a?	1	2	3	4	5
Você respeita seu/sua parceiro/a?	1	2	3	4	5
Você se orgulha de seu/sua parceiro/a?	1	2	3	4	5
Seu relacionamento tem um lado romântico?	1	2	3	4	5
Quanto você ama seu/sua parceiro/a	1	2	3	4	5

**Anexo D: Versão Brasileira da Experience in Close Relationships – Reduzida
(EXR-R-Brasil)**

Por favor, leia as afirmações abaixo e marque o quanto cada uma descreve as emoções e sentimentos que você geralmente tem em relacionamentos amorosos e/ou sexuais. Queremos saber como você se sente em relacionamentos amorosos e/ou sexuais de modo geral, não apenas no seu relacionamento atual ou no seu último relacionamento. Mesmo que você nunca tenha tido um relacionamento, por favor, responda imaginando como você se sentiria se estivesse em um. Responda o quanto você concorda com as frases abaixo. Observe que quanto mais próximo de 1 você marcar, “*menos você concorda com a afirmação*”; quanto mais próximo de 7 você marcar, “*mais você concorda com a afirmação*”.

	<i>Discordo</i>		<i>Neutro</i>			<i>Concordo</i>	
	<i>Totalmente</i>					<i>Totalmente</i>	
Ajuda muito poder contar com meu(minha) parceiro(a) em momentos de necessidade.	1	2	3	4	5	6	7
Eu preciso de muitas garantias de que sou amado por meu (minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5	6	7
Eu recorro ao(à) meu(minha) parceiro(a) para muitas coisas, incluindo para conforto e segurança emocional.	1	2	3	4	5	6	7
Frequentemente, eu acho que meu(minha) parceiro(a) não quer tanta proximidade afetiva quanto eu gostaria.	1	2	3	4	5	6	7
Geralmente, tento evitar muita proximidade afetiva com meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5	6	7
Às vezes, meu desejo de ficar muito próximo afetivamente acaba assustando as pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
Eu costumo conversar sobre os meus problemas e preocupações com meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5	6	7
Eu fico frustrado se meu(minha) parceiro(a) não está disponível quando eu preciso dele(a).	1	2	3	4	5	6	7
Eu fico preocupado quando meu(minha) parceiro(a) fica muito próximo afetivamente de mim.	1	2	3	4	5	6	7
Preocupa-me que meu(minha) parceiro(a) não se importe comigo tanto quanto eu me importo com ele(a).	1	2	3	4	5	6	7

Anexo E: *Dark Triad Dirty Dozen - DTDD*

Por favor, responda aos itens seguintes com sinceridade, indicando um número que representa o seu nível de concordância com cada sentença, de acordo com a legenda abaixo. 1 = *Discordo totalmente*. 2 = *Discordo*. 3 = *Nem discordo nem concordo*. 4 = *Concordo*. 5 = *Concordo totalmente*.

	<i>Discordo totalmente</i>		<i>Neutro</i>		<i>Concordo totalmente</i>
Eu exploro os outros em benefício próprio.	1	2	3	4	5
Eu engano ou minto para obter o que quero.	1	2	3	4	5
Eu bajulo pessoas para conseguir o que quero.	1	2	3	4	5
Eu manipulo os outros para conseguir o que quero.	1	2	3	4	5
Eu quero que os outros me admirem.	1	2	3	4	5
Eu quero atenção dos outros.	1	2	3	4	5
Eu busco prestígio ou <i>status</i> .	1	2	3	4	5
Eu espero favores especiais dos outros.	1	2	3	4	5
Eu sou insensível ou indiferente.	1	2	3	4	5
Eu sinto falta de remorso.	1	2	3	4	5
Eu não me preocupo com a moralidade de minhas ações.	1	2	3	4	5
Eu sou cínico.	1	2	3	4	5

Anexo F: Observação

Espaço direcionado a informar o/a participante sobre a possibilidade de buscar algum tipo de suporte, acolhimento ou retirar dúvidas em função do preenchimento do formulário.

Observações:

- Deixe indicado abaixo caso você precise de alguma indicação, sugestão ou encaminhamento referente ao tema da pesquisa. Ressaltamos que estamos à disposição para responder quaisquer dúvidas ou esclarecimento.

- Você está convidado(a) a nos contatar por telefone ou e-mail: pesquisadores responsáveis: Mauro Dias Silva Júnior, através do telefone 61 – 3107.6838 ou pelo e-mail juniormsilva@unb.br e Leonardo Boaventura Martins, através do telefone (61) 98275-8497 ou pelo e-mail boaventuraleonardopsico@gmail.com.

- Registre aqui se você precisa de orientação: () Sim () Não.

Caso sim, entre em contato por meio do telefone ou e-mail fornecidos anteriormente ou deixe os seus seguintes dados:

Telefone: _____ ou E-mail: _____

Anexo G: Estatísticas Descritivas para a amostra

Tabela 1

Estatísticas Descritivas para a amostra

Variável	Frequência (n = 188)	%
Grau de instrução:		
Médio incompleto	2	1,1
Médio completo	26	13,8
Curso técnico completo	6	3,2
Graduação incompleta	88	46,8
Graduação completa	43	22,9
Pós-graduação incompleta	8	4,3
Pós-graduação completa	4	7,4
Casos omissos	1	0,5
Você segue alguma religião:		
Sim	99	52,7
Não	81	43,1
Casos omissos	1	0,5
Você está empregada:		
Sim	105	55,9
Não	82	43,9
Casos omissos	1	0,5
Com quem você cresceu durante a sua infância:		
Mãe	45	23,9
Pai	3	1,6
Ambos (mãe e pai)	125	66,5
Ambos adotivos (mãe e pai)	2	1,1
Outros	13	6,8
Essa é a sua primeira união estável ou namoro:		
Sim	92	48,9
Não	94	50,0
Casos ausentes	2	1,1
Você tem filhos(as) de outra união estável/casamento:		
Sim	9	4,8
Não	148	78,7
Não se aplica	30	16,0

Casos omissos	1	0,5
Você é legalmente casada:		
Sim	27	14,4
Não	141	75,0
Não se aplica	18	9,6
Casos omissos	2	1,1
Você já teve outros relacionamentos antes do atual:		
Sim	135	71,8
Não	53	28,2
Seus pais se divorciaram:		
Sim	76	40,4
Não	112	59,6
Quando há um problema a culpa é do seu parceiro:		
Sempre	2	1,1
Quase sempre	18	9,6
Às vezes	118	62,8
Raramente	39	20,7
Nunca	11	5,9
Você já pensou em se separar do seu parceiro:		
Nunca	53	28,2
Uma ou duas vezes	84	44,77
Algumas vezes	47	25,0
Frequentemente	3	1,6
Casos omissos	1	0,5
Você era mais feliz antes de se casar/namorar		
Sim	9	4,38
Não	179	95,2
Você se sente sexualmente satisfeito em seu casamento/namoro:		
Muito	94	50,0
Bastante	59	31,4
Mais ou menos	27	14,4
Não muito	8	4,3

Nota. Somas das porcentagens podem não totalizar 100% devido ao arredondamento.